

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Ingrid Wagner Bico

24/7: reflexões sobre trabalho e identidade projetadas na cidade

Rio de Janeiro – RJ
2021

Ingrid Wagner Bico

24/7: reflexões sobre trabalho e identidade projetadas na cidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Orientador(a): Raquel Ferreira da Ponte

Rio de Janeiro – RJ
2021

INGRID WAGNER BICO

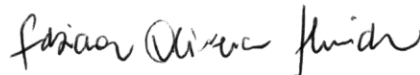
24/7: Reflexões sobre trabalho e identidade projetadas na cidade

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Visual Design.

Aprovado em: 26 de novembro de 2021.



Raquel Ferreira da Ponte (orientador)
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro



Fabiana Oliveira Heinrich
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro



Bibiana Serpa
Pesquisadora da Rede Design e
Opressão



Carla Cipolla
COPPE/Universidade Federal do Rio de Janeiro

CIP - Catalogação na Publicação

B58322 Bico, Ingrid Wagner
24/7: reflexões sobre trabalho e identidade
projetadas na cidade / Ingrid Wagner Bico. -- Rio
de Janeiro, 2021.
93 f.

Orientador: Raquel Ferreira da Ponte.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2021.

1. Trabalho e Design. 2. Design Social. 3.
Intervenção Urbana. 4. Projeções Visuais. 5.
Capitalismo. I. Ponte, Raquel Ferreira da , orient.
II. Título.

Para “minha lindinha” (in memoriam)

Agradecimentos

Antes de iniciar os agradecimentos pessoais, é fundamental – e não menos do que minha obrigação como cidadã brasileira – reconhecer o espaço onde vivo como território não cedido dos povos originários deste país. Escrevi este trabalho em Belém do Pará, terra dos povos indígenas Tupinambá e Pacajá, e passei toda a graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro vivendo na capital do estado fluminense, território não cedido dos povos indígenas Tamoio e Temiminó (ou Maracajá). Reconheço e manifesto meu profundo respeito aos povos originários, ressaltando que no Brasil atualmente vivem 255 povos indígenas.

Dito isso, gostaria de começar esta seção agradecendo, primeiramente, o privilégio de estar viva e saudável depois de quase dois anos de pandemia vividos em isolamento social, seguindo todos os protocolos de segurança estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) na tentativa de proteger a mim mesma, os meus familiares e os amigos próximos da exposição ao vírus da Covid-19. Não foi - continua não sendo! - um período fácil, e por isso agradeço a bem aventurança de ter chegado até aqui rodeada de todas as pessoas que me são caras, ainda que algumas delas infelizmente tenham sentido a perda de familiares e amigos ao longo destes tempos sombrios. Agradeço inquestionavelmente àqueles profissionais de saúde que doaram seu tempo e seus conhecimentos no combate a essa pandemia; apesar do (des)governo brasileiro, dos pouquíssimos recursos que dispunham, e de todas as tentativas de sucatear a ciência deste país, salvaram vidas arriscando as suas próprias, desenvolveram vacinas, e se posicionaram sempre a favor do povo brasileiro. Viva a ciência brasileira, viva a universidade pública gratuita, VIVA O SUS!

Agradeço também todo o apoio, amor e coragem de Valquiria Wagner, minha mãe, de Aimée Wagner, minha irmã, e de Vera Wagner, minha tia-mãe (*in memoriam*). Todas as palavras em todas as línguas do mundo jamais conseguiriam descrever a minha felicidade em dividir a vida com vocês, que sempre amparam meus planos, minhas ausências, meus sonhos, minhas “doidices”, e também celebram comigo todas as conquistas. Viver esse final da graduação em Belém foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Estar a uma porta de distância da máááána e poder pedir “bença nena” pessoalmente todos os dias antes de dormir era tudo que eu precisava para estar em paz. Vocês são o meu alicerce. E mesmo agora sendo um trio, no meu coração, para sempre seremos 4. Amo vocês.

A Enzo Esberard, incansável amigo e parceiro 1000% de todas as missões que eu enfrento (e invento), eu agradeço infinitamente pelo companheirismo sem medida, pela paciência digna de Madre Teresa, pelo apoio em todos os momentos de softwares travados e fontes ausentes e PDFs impossíveis de achar, pelas noites em claro fazendo trabalhos (e bolachas!!!), pelas discussões profundas e acaloradas (“não estamos brigando, gente”), pelos lanches MIL (“ei, virou o ticket!”, “só faltava uma coquinha...”), pela disposição INACABÁVEL para solucionar os mistérios do Illustrator e do After Effects, pelos desenhos de pinguins, pelas garrafas de água e pela Luna. Sem você teria sido muito, muito, muito, muito, muito, muito mais difícil, Enzinho. Gostaria de conhecer palavras melhores pra usar aqui, mas na falta delas, eu “apenas” te agradeço demais por absolutamente tudo. Amo você.

À Salime e Samile, que aqui representam também tia Lâmea e tio Edymar, eu agradeço terem sido casa e família quando eu mais precisei, e por permanecerem assim até hoje. Eu literalmente NÃO FAÇO IDEIA do que teria sido de mim sem vocês. Obrigada por sempre me receberem de portas abertas sem cobrar absolutamente NADA em troca, por transformarem a casa (as casas né, porque afinal foram várias) de vocês em minhas casas de uma maneira tão natural e genuína. Em especial à Salime, agradeço por compartilhar a convivência diária, perrengues, choros, tédio, sorrisos, estresses, diversões (saudades Pavão - não vou nem mencionar o Pala), Aquarelinhas, maratonas de série (até Toy Boy! Quer dizer...), cartão de crédito (Mana - pausa de 3 horas - posso dá-lhe?), tarefas domésticas, moscow-lare, ressacas (China e coca... ixi...), comidas (“fiz paon”!!!!!!!), e sobretudo, o Fifo (deve ter algum pelo dele até hoje em mim). Você, Sali, é uma das pessoas mais inteligentes e solidárias que eu conheço, e eu tenho muita sorte - e orgulho! - de dividir a vida contigo, longe ou perto. Assim como você, Sami, que me ensinou muito mais do que podes imaginar, com o teu jeito doce, paciente, e também com a tua determinação, tua força de vontade, e tua percepção precisa e certa. Vocês são o L e o M trocados uma da outra, mas pra mim, serão sempre o L e o M no exato lugar onde precisam estar, cada uma do seu jeitinho, fazendo jus às irmãs e amigas incríveis que são, e que a vida felizmente pôs no meu caminho. Vico amã voceans muissõ vezi zi flanssa! Maltes lassem??? Telo tuties!

Às “meninas do seu Brasil”, como diz a minha mãe, Regina, Ledinha e Dadá, agradeço pela acolhida na “cidade maravilhosa”, e por transferirem a mim a amizade

que iniciou muito antes que eu viesse ao mundo. Sou muito grata por todo apoio que me deram durante os anos que vivi no Rio, sempre me chamando para passeios, almoços e aniversários, me indicando lugares maneiros pra conhecer, compartilhando aflições e desabafos, e ouvindo o clássico chorinho da São Salvador. Aproveito também para agradecer à Antônia Lopez, que com suas mensagens de “Biquinho, cadê você? Manda notícias!” sempre me fazia sentir confortada e querida. Vocês estarão para sempre no meu coração.

Ao ‘We: the gang’, queridos Ana Luísa Oliveira e Matheus Ventura (e Enzo, novamente), eu agradeço os aprendizados, a amizade, o crescimento, a maturidade, e tudo o mais que dividimos para construir o sonho da USIS, e depois, do Rio DESIS Lab. Vocês são meus parceiros, meus amigos, meus orgulhos! É muito emocionante chegar ao fim da minha jornada nessa universidade tendo vocês comigo, vocês que viram de um TUDO nesses últimos anos, o 485, as raivas na Inimiga Digital, a fila do bandeirão (“hoje tem picolé!!!”), organizar evento sem nunca ter organizado evento, sair de uma sala micro pra um conglomerado de salas (com ar-condicionado!!!), crescer de uma equipe de nós quatro pra uma com mais de 20 pessoas num projeto de extensão, dentre outras infinitas histórias... Vocês percebem o quanto são gigantes? Eu amo vocês, e sinto saudades todos os dias.

À equipe “original” do Rio DESIS Lab, Beatriz Marins, Beatriz Lopes e Victor Costa, eu agradeço... o simples fato de existirem??? Será que isso basta??? Vocês chegaram e embarcaram imediatamente em todas as incertezas projetuais que estavam à nossa frente. Com muito pão de queijo do CAENG (ou era DAEQ?), muita pizza em dobro, muito misto quente e alguns lanches do Batista (porque era caro), conseguimos construir uma história que levo comigo onde quer que eu vá. Vocês se tornaram partes de mim, do que vejo como Design e do que almejo para a vida toda em termos de amizade, companheirismo, trabalho e diversão. Estivemos e estaremos sempre juntos. Amo MUITO vocês!!!!!!

À incrível dupla Ana Carolina Tostes e Anna Paula Rodrigues, agradeço, em primeiro lugar, o compromisso. Com o DESIS Students, com a equipe, com as atas, com as reuniões e tudo o mais. Vocês são exemplos de comprometimento e responsabilidade, e me inspiraram a ser uma líder de projeto cada vez melhor. Muito obrigada também por sempre se preocuparem com a vida além dos estudos e do trabalho, e compreenderem as nuances que demonstram a complexidade que é ser uma

pessoa equilibrada nos dias de hoje. Vocês são maravilhosas, quero estar perto das duas sempre!

Às duplas Kathlen Barbosa e Caio Brasil, e Izabela Ambiel e Eduardo Lobo (aqui representando o time Livework-RD), todos profissionais (e amigos!) incríveis com quem trabalho e que, por minha causa, cortaram um dobrado nestes últimos meses, eu agradeço o apoio, a paciência e a compreensão que me ofereceram. Não me são alheias todas as sobrecargas que vocês precisaram assumir por conta da minha dedicação a esta pesquisa; e por isso eu lamento muito. Tenham certeza que sem o suporte de vocês eu não teria dado conta de tudo. Muito obrigada por me ajudarem a tornar este projeto possível! Este trabalho é um pouco de vocês também.

A Kátia Manhães e Marco Antônio “Marquinhos”, funcionários queridos e imprescindíveis da UFRJ, agradeço absolutamente TODAS as vezes que me ajudaram (e não foram poucas!!!), desde mil correções no SIGA, passando por entrega de documentos que “sumiram”, até as aulas particulares de fotografia, apoio incondicional durante a monitoria no laboratório de fotografia da Escola de Belas Artes e o privilégio de usar uma Rolleiflex. Não há como existir o curso de CVD sem vocês. Muito obrigada!

À professora Carla Cipolla, que literalmente me ofereceu um mundo de possibilidades dentro e fora do Design através da Unidade de Suporte à Inovação Social (USIS), do projeto de extensão Rio DESIS Lab (RDL), e da rede DESIS Network, agradeço a confiança, a liberdade, a parceria e a sinceridade. A relação que construímos é para a vida toda, sempre lembrando de, em momentos de tensão, respirar fundo e lembrar que “até aqui nos ajudou o Senhor”. Obrigada pelo espaço, pela escuta, por topar as propostas (algumas vezes mirabolantes) que o RDL criava, e por nos apoiar de maneira incondicional na realização dos projetos que fizemos - ainda que discordando, ainda que não sabendo ao certo no que daria, você nos encorajou a seguir até quando nós mesmos não tínhamos certeza do que fazer. Isso, dentre mil outras coisas (boas e ruins) que compartilhamos representa pra mim a mais pura lealdade. E não há presente melhor que esse. MUITO obrigada!

À professora Fabiana Heinrich, agradeço pela paciência e dedicação com que sempre tratou todas as disciplinas que ministrou, pelos debates profundos e importantes que trouxe para a sala de aula, mas, sobretudo, agradeço a oportunidade de ter atuado como bolsista (na modalidade PIBIC/CNPq), na pesquisa

“Metodologias Projetuais Digitais: teoria vs prática no Campo do Design”, e pela criação do Laboratório de Produções Críticas em Design (Labcrit), espaço mais do que necessário para fomentar as discussões críticas dentro do curso de CVD. Ambos foram vivências determinantes para que este projeto tomasse forma. O trabalho de pesquisa acadêmica não é um caminho fácil, e mesmo com os percalços que enfrentamos durante este ano de trabalho, eu não poderia ter tido uma experiência melhor. Obrigada!

Também agradeço a professora Raquel Ponte, orientadora deste trabalho, por todas as conversas e acolhidas durante esse ano de preparação final; por todas as dicas e sugestões de conteúdo que sempre chegaram a mim na hora exata em que eu precisava; pela a-b-s-o-l-u-t-a calma quando minhas mensagens eram “profa, SOS”; pela confiança inquestionável de que eu conseguiria terminar essa pesquisa a tempo (enquanto eu mesma duvidava!); pelas referências riquíssimas que trouxe para o meu repertório; pelo cuidado e atenção aos detalhes (!!!) que tem com todos os seus alunos (mesmo que isso signifique avaliar 30 projetos individualmente numa aula de três horas E ONLINE, ou responder emails enquanto está de férias na Patagônia - não que isso seja recomendável... kkkkk), e por dividir comigo o apreço pelas esfirras e éclairs do Largo do Machado (inclusive, muitas saudades!). Não é à toa o carinho que todos têm por você, profa. Nos encontramos no meu primeiro semestre de UFRJ, e hoje, sete anos depois, eu não poderia encerrar esse ciclo de maneira mais extraordinária. Muito, muito, muito obrigada!

E por fim, mas não menos importante, agradeço a todos que de alguma forma me deram suporte para cumprir essa jornada. Em especial aos amigos, familiares, professores e colegas de trabalho que estiveram comigo nesta reta final, agradeço a paciência, a compreensão, o incentivo e a oportunidade de ter conseguido concluir esta etapa da minha vida na companhia de vocês - não me atrevo a listá-los porque certamente cometeria alguma injustiça esquecendo de mencionar alguém. Este trabalho é uma construção coletiva, e eu espero que ao ler estas páginas vocês encontrem reconhecimento e solidariedade a inúmeras conversas que tivemos ao longo deste ano; conversas que me ajudaram a compreender que não é possível separar quem somos do que fazemos - ainda que essa relação seja, muitas vezes, incômoda. Obrigada!

Sumário

Resumo / <i>Abstract</i>	12
Prefácio	13
Introdução	17
1. Quando começamos a trabalhar?	21
1.1 - Trabalho, logo existo; mas, e se não trabalho, existo?	24
1.2 - Em que momento o Design entra nessa equação?	28
1.3 - Um corriqueiro, mas importante, jogo de palavras	30
2. Pessoas, tecnologia, trabalho e pandemia: um polígono de ângulos complexos	32
2.1 - Máquinas e velocidade: hábitos, alienação e perda do senso de coletividade..	33
2.2 - Um salto para o abstrato: produtos invisíveis, porém essenciais - a Era dos	
Serviços	41
2.3 - Uma pandemia no horário de expediente	45
2.4 - Crise de sentidos: quem somos além do emprego em que estamos?	51
3. 24/7: questionamentos e reflexões transformados em projeto	56
3.1 – Objetivo	56
3.2 – Metodologia	57
3.3 – Projeções	64
3.4 - O uso do Instagram	75
4. Conclusões	77
5. Bibliografia	79
6. Anexos	83

Resumo

A presente pesquisa realiza a investigação do trabalho como inerente à atividade humana, e, a partir disso, busca compreender se ele determina aspectos individuais subjetivos que, em conjunto, contribuem para a construção da relação coletiva entre trabalho e indivíduo. O aumento de pessoas trabalhando de casa (trabalho remoto) e o embaçamento da fronteira entre público e privado, situações intensificadas pela pandemia de Covid-19, foram algumas das inquietações que motivaram a averiguação de como esse novo contexto transformou a nossa relação com o trabalho - incluindo as mudanças na percepção que construímos sobre nós mesmos. A partir desse tema, este trabalho de conclusão de curso objetiva ampliar o debate sobre a temática do Trabalho no sistema capitalista a partir de um projeto visual de Design que se materializa em projeções digitais de imagens no contexto urbano.

Palavras-chave: wicked problems, trabalho, design, projeções visuais, capitalismo

Abstract

The present research investigates work as inherent to human activity, and, based on that, seeks to understand whether it determines subjective individual aspects that, together, contribute to the construction of the collective relationship between work and the individual. The increasing number of people working from home (remote work) and the blurring of the border between public and private, situations intensified by the Covid-19 pandemic, were some of the concerns that motivated the investigation of how this new context has transformed our relationship with work - including changes in the perception we build about ourselves. Based on this theme, this course conclusion work aims to broaden the debate on the theme of Work in the capitalist system by a visual Design project materialized in digital projections of images in the urban context.

Key-words: wicked problems, work, design, visual projections, capitalism

Prefácio

Eu cheguei ao Design muito tempo depois de ter chegado à Comunicação, campo de conhecimento em que dei meus primeiros passos de atividade profissional, como jornalista - de estagiária voluntária da rádio da universidade, passando a assessora de imprensa de diversas empresas e órgãos públicos estaduais, e por fim, trabalhando como repórter de um portal de notícias nacional. Minhas primeiras inquietações relacionadas ao “mundo do trabalho”, tema desta pesquisa, provavelmente surgiram ali naquele último período da minha atuação como repórter – mas, naquela época, meados de 2014, eu não dei muita importância a elas.

Uma vez inserida no Campo do Design, quando iniciei a graduação em Comunicação Visual Design na UFRJ, em 2015, a vastidão de caminhos disponíveis dentro dessa nova área de conhecimento exigiu toda a minha atenção para entender como poderia navegar dentro das possibilidades que via à minha frente. Como consequência, aquela sensação de insatisfação que me moveu do jornalismo para outro campo de estudos não teve oportunidade de ser esmiuçada, e as inquietações e perguntas que eu me fazia sobre o papel e a influência do trabalho na vida das pessoas - e na minha própria vida, obviamente - foram postas de lado e se tornaram preocupações secundárias no ranking de prioridades do momento.

Dentro da universidade, experimentar o Design – e todas as suas ferramentas – como uma maneira de estabelecer conexões interpessoais, criar propósitos coletivos e gerar transformações perceptíveis dentro da sociedade foi a principal força motriz que me conduziu de uma disciplina a outra. Além disso, em paralelo à experimentação e prática projetual necessárias às disciplinas, a questão do pensamento crítico, da reflexão sobre o “fazer Design”, sempre esteve presente em todos os projetos nos quais me envolvi - com maior ou menor espaço para discussão, variando de acordo com as possibilidades de prazo e tarefas de cada período letivo.

De maneira complementar às reflexões sobre o próprio Campo, que sempre estiveram presentes, algumas circunstâncias próprias da vida acadêmica também favoreceram e aguçaram o meu interesse em discutir questões pertinentes à relação entre trabalho e Design: a participação (como voluntária e, posteriormente, como bolsista) no projeto de extensão USIS (Unidade de Suporte à Inovação Social), coordenado pela prof^a Carla Cipolla; o papel de monitora do laboratório de fotografia analógica da Escola de Belas Artes, supervisionada pelos professores Leonardo Ventapane e Lilian

Soares; e a atuação no projeto de iniciação científica “Metodologias Projetuais Digitais: teoria vs prática”, orientado pela prof^a Fabiana Heinrich, do qual fui bolsista PIBIC/CNPq, e que trouxe de volta, de maneira inegável, a necessidade de investigar adequadamente o tema “trabalho” relacionado àquelas inquietações antigas, porém ainda vigentes.

Cada qual a seu modo, todas estas experiências tiveram papel decisivo no meu percurso acadêmico, contribuindo em diferentes níveis para acrescentar e combinar todas as perspectivas possíveis sobre um mesmo assunto. Estar consciente desta complexidade, conceito sempre presente (mas nem sempre valorizado) nos projetos de Design, foi, e para mim ainda é, um aspecto fundamental para a práxis do Campo.

Contudo, o ponto de virada para que o presente trabalho tomasse forma não foi marcado no Campo do Design, e tampouco no da Comunicação. Veio, surpreendentemente, da área da saúde, por meio de um vírus, que se tornou não apenas mais um causador de doenças, mas um marco na história da humanidade: o Covid-19.

Em março de 2020, quando a pandemia começou “oficialmente” no Brasil (apesar de já estar em andamento na Europa há pelo menos 5 meses), a rotina da população começou a sofrer alterações que afetaram coletivamente a existência da sociedade: mobilidade limitada, limitação de compras por CPF (no caso produtos como álcool em gel e determinados tipos de desinfetantes), falta de itens básicos de higiene nas farmácias, baixo estoque de alimentos nos supermercados (já que, com medo, muitas pessoas lotaram suas despensas, se preparando para cenários ainda mais assustadores), dentre vários outros desdobramentos. Isso sem falar na obrigatoriedade do uso de máscaras em locais públicos e coletivos, regra que segue vigente em todo o país ainda hoje, quase dois anos depois.

Além disso, por conta das medidas emergenciais tomadas para conter o avanço da pandemia, assistimos ao surgimento de novas formas de organização social a nível não apenas coletivo, mas também individual. Confinados em casa, impossibilitados de exercer as atividades que normalmente ocorreriam fora deste ambiente, foi necessário realizarmos um movimento de adaptação muito amplo e profundo, que exigiu de nós muito mais do que simplesmente “ficar em isolamento”. Estudos, emprego, diversão, atividades físicas, tudo foi obrigado a ocupar o mesmo espaço - e, ainda, a compartilhar o mesmo tempo.

Junto a todo esse cenário, é evidente também que houve um impacto sobre o viés físico-psicológico que esta condição pandêmica causou. Preocupação extrema, medo, ansiedade, exaustão, conflitos (internos e externos), depressão, distúrbios alimentares e uma série de outras problemáticas que se mostraram comuns em todo o mundo.

Para os fins desta pesquisa, que propõe a investigação do trabalho como intrínseco à atividade humana e até que ponto ele determina quem somos (ou a nossa subjetividade), dois aspectos em especial se destacam: a dissolução do espaço físico do trabalho, que se tornou restrito ou mesmo deixou de existir; e, por conta dessa dissolução, o embaçamento da fronteira entre público e privado, entre o eu-trabalhador e o eu-em-casa, fora do escritório, da empresa¹. Como esse novo contexto transformou a nossa relação com o trabalho? Como a transposição do lugar-de-trabalho para o lugar-de-morar afetou a nossa relação com a separação entre vida no trabalho e vida fora dele? E como todas essas mudanças afetaram a percepção que temos de nós mesmos, de quem somos?

Existe ainda um outro acréscimo muito importante que precisa ser feito a este contexto, e que é possivelmente uma das grandes contribuições para acentuar a percepção dessa “perda” de fronteiras: a digitalização da vida - dos estudos às atividades físicas, passando por consultas médicas, compras de todos os tipos e incluindo também as atividades relacionadas ao trabalho/emprego². Grande parte das profissões existentes passou (e está passando) por esta transição, que já era realidade para muitos designers atuantes no mercado de trabalho, mas o que muda tudo é ter esse *modus operandi* como regra, e não como opção. E é aí que nossa investigação começa.

A monumental expansão do trabalho digital, on-line, vem **demolindo a separação entre o tempo de vida no trabalho e o tempo de vida fora dele**, uma vez que vem apresentando, como resultado perverso, o advento daquilo que denominamos escravidão digital. Assim, *se essa tendência destrutiva em relação ao trabalho não for fortemente confrontada, recusada e obstada*, sob todas as formas possíveis, teremos, além da ampliação exponencial da informalidade no mundo digital, a expansão dos trabalhos 'autônomos', dos 'empreendedorismos' etc., configurando-se cada vez mais como uma forma

¹ Neste projeto, quando se fala na dualidade entre casa e trabalho, estão sendo consideradas para análise apenas aquelas profissões que são passíveis de realização remota, em home office, e não aquelas cuja realização seria impossível de maneira não-presencial, como por exemplo: motoristas, empregadas domésticas, médicos, vendedores ambulantes, garis, dentre outros.

² Novamente, para os fins desta pesquisa, a questão da digitalização da vida é observada a partir de um recorte que se refere à parcela da população que pôde utilizar este recurso para manter suas atividades de trabalho remotamente.

oculta de assalariamento de trabalho, a qual introduz o véu ideológico para obliterar *um mundo incapaz de oferecer vida digna para a humanidade*. Isso ocorre porque, ao tentar sobreviver, o 'empreendedor' se imagina como proprietário de si mesmo, um quase-burguês, mas frequentemente se converte em um proletário de si próprio, que **autoexplora** seu trabalho. (ANTUNES, 2020)(grifos meus)

Com este projeto de pesquisa, além de investigar algumas possibilidades para responder às questões supracitadas, espero contribuir para a ampliação do debate acerca da centralidade do trabalho na nossa formação enquanto sociedade. De maneira complementar, enquanto designer, entendo nosso papel profissional como contribuinte ativo na construção dessa identidade social, por meio de projetos e propostas que moldam preferências, produtos, interações, dentre outras atividades humanas. Assim, é preciso também lembrar da necessidade de discutir a maneira a partir da qual atuamos diretamente na manutenção do sistema econômico, qual seja, o capitalismo, que dita a forma como todos nós trabalhamos atualmente, seja de maneira online ou presencial.

Introdução

De maneira geral, a presente pesquisa propõe a investigação do trabalho como inerente à atividade humana, e a partir disso, busca compreender se ele determina aspectos individuais subjetivos que, em conjunto, contribuem para a construção da relação coletiva entre trabalho e indivíduo. Além disso, pretendemos ampliar o debate sobre esta temática, gerando questionamentos materializados visualmente a partir do projeto de Design aqui apresentado.

Especificamente, a dissolução do espaço físico do trabalho³, provocada pela pandemia de Covid-19, e o embaçamento da fronteira entre público e privado foram inquietações que motivaram a reflexão e averiguação de como esse novo contexto transformou a nossa relação com o trabalho, em especial do ponto de vista das mudanças que afetaram a percepção que temos de nós mesmos.

Objetivos complexos atraem soluções complexas, e, na busca por respostas para os questionamentos descritos acima, cheguei às proposições do teórico Christopher Alexander (1964 apud BONSIEPE, 2015) sobre os problemas de design⁴, das quais gostaria de destacar três: 1) os problemas de design são muito complexos para serem enfrentados somente com a intuição; 2) a quantidade de informação necessária para solucioná-los é gigantesca, ou seja, nenhum designer conseguiria reuni-la e muito menos avaliá-la sozinho; e, por fim, 3) os tipos de problemas de design têm mudado em ritmo muito acelerado, fazendo com que seja cada vez mais difícil recorrer a práticas anteriores para embasar possíveis soluções.

Esses [...] argumentos baseiam-se, principalmente, na ideia de complexidade. A complexidade de um problema de design aumenta com a quantidade de variáveis envolvidas: o design de um assento de avião apresenta um grupo maior de variáveis que o de um banquinho. Tudo seria muito mais fácil para o designer se cada variável pudesse ser tratada isoladamente. Mas isso é impossível, porque todas estão entrelaçadas entre si. A solução de cada uma incide, favorável ou desfavoravelmente, sobre a solução de uma outra qualquer. [...] A reconciliação dessas incompatibilidades é a complicada essência da tarefa do designer. (BONSIEPE, 2015, 91)

Para tentar conciliar essas complexidades, então, o conceito de “wicked problems” foi adicionado ao corpo teórico da pesquisa. De maneira complementar aos argumentos propostos

³ Apesar de servir como motivador, a questão da resignificação do espaço físico que chamamos de “casa” para abrigar as obrigações de uma relação de trabalho não serão aprofundadas neste projeto; para dar conta de tal reflexão de maneira adequada, seria necessário expandir o recorte projetual desta pesquisa, o que não se mostrou viável para o prazo e escopo de projeto disponíveis.

⁴ Cf. BONSIEPE, 2015, p. 91

por Alexander, acima mencionados, o princípio dos “wicked problems” apoia-se

no elemento fundamental de que o design é um ato político e serve para desenvolver um discurso sobre qualquer tema inicialmente desestruturado ou mal formulado. Possui como uma de suas principais funções a diversificação dos pontos de vista, oferecendo argumentos e contra-argumentos para o desenvolvimento da análise das situações que um problema pode envolver. (SOBRAL, AZEVEDO e GUIMARÃES, 2017 in ARRUDA (org), 2017, p. 33)

Desta maneira, tendo os “wicked problems” e os problemas de design como norteadores teóricos desta pesquisa, para complementar a construção do projeto e a produção visual para representá-lo foram realizadas também as etapas de levantamento bibliográfico e, posteriormente, entrevistas com dois grupos focais.

Este processo, que foi fundamental para ampliar as possibilidades de representação visual do tema aqui abordado, resultou na elaboração de seis artes para projeções digitais, que serão apresentadas como solução visual para os questionamentos motivadores desta pesquisa. Além disso, a escolha por esse tipo de mídia pode ser compreendida como parte de novas propostas produtivas no Campo do Design, propostas essas advindas da exploração concreta de conhecimentos formulados a partir da combinação de teoria e prática (BUCHANAN, 1992).

Assim, o primeiro capítulo dará conta da questão do trabalho em si: desde quando está presente em nossas vidas; de que forma e sob quais condições de produção - sociais e tecnológicas - ele foi tratado; e termina com uma contextualização específica para o Campo do Design, relatando de que maneira o desenvolvimento de novos modos de produção afetou a prática do Campo e as implicações causadas pelo uso indevido e generalizado da palavra “design” ao longo dos anos - abrindo espaços para uma multiplicidade de conceitos que reflete também no mundo do trabalho.

Ainda que o presente projeto se dirija à classe trabalhadora em geral, especificar as particularidades do Design enquanto atividade profissional, conforme mencionado acima, foi necessário porque 1. como designer, considero fundamental situar a prática em relação aos modos de trabalho que regem a sociedade, pois esse entendimento pode facilitar a identificação de fatores em comum com outras profissões, e, enquanto classe trabalhadora, integramos o mesmo coletivo; e 2. exemplifica a relação intrincada de forças que operam socialmente para construir conceitos e visões coletivas, forças estas que estão diretamente ligadas ao sistema de produção sob o qual vivemos: neste caso, o capitalismo. Para corroborar esse posicionamento, vale lembrar que, como afirma Bonsiepe (2015),

a erosão do termo “design” pode ser atribuída [...] à constelação de forças político-econômicas [...] caracterizadas, grosso modo, pelo crescimento do setor de serviços na economia; pela substituição do valor de uso pelo valor agregado simbólico; pela incorporação de práticas afetivas; pela organiza çã o

do trabalho em formato de projetos; e, finalmente, pela transformação do sujeito de trabalho em uma acumulação de competências de auto-organização e empreendedorismo. (BONSIEPE, 2015, p. 101)

Apesar de tratar particularmente da questão do Design, o argumento trazido por Bonsiepe pode ser transposto a diversas outras áreas profissionais, motivo pelo qual, mesmo depois de já iniciada, o recorte de projeto desta pesquisa ampliou seu escopo de análise da relação designer-trabalho para a relação trabalhador (de qualquer área) - trabalho, como será demonstrado no decorrer capítulo 3.

Porém antes disso, no segundo capítulo, será construída a relação histórica entre os modos de produção e as determinações que provocaram na vida dos trabalhadores. Revolução industrial e produção em massa; criação e variação das jornadas de trabalho diárias; transição de uma economia de manufatura para uma economia de serviços; e digitalização das atividades relacionadas ao trabalho (e à vida íntima) são temas gerais que aparecem neste capítulo.

Em seguida, ainda no capítulo dois, a chegada da pandemia de Covid-19 será apresentada como fator acelerador de uma mudança nas relações de trabalho, levando à consolidação de uma sociedade focada em produtividade e resultados. Como consequência desse panorama, trataremos questões como o modo de representação capitalista, que influencia a visão que os indivíduos detêm sobre eles mesmos; a precarização do trabalho e, obviamente, dos trabalhadores; e a crise de sentido gerada por essa combinação de elementos, deixando grande parte da classe trabalhadora exausta e insatisfeita - e sem expectativa de mudança. O que é reforçado pelo argumento de Byung-Chul Han (2017), quando afirma que

a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. (HAN, 2017, p. 23)

Após discorrer sobre esse contexto, no capítulo 3 será descrito o percurso traçado para elaboração das projeções visuais aqui propostas; dos objetivos do presente trabalho, passando pela escolha de métodos utilizados nesta pesquisa e chegando finalmente à apresentação do material visual que dá forma às projeções.

Como conclusão, será sugerida uma visão sistêmica dos argumentos expostos durante este projeto, ressaltando a importância de incentivar a reflexão e o pensamento crítico - dentro de todas as áreas do conhecimento, não apenas do Design. No que concerne a esta área em especial, na conclusão desta pesquisa também será reforçado o

viés de “agente social” exercido pelos profissionais de Design, uma vez que os consideramos como parte dos mantenedores do sistema de produção vigente.

Neste sentido, por fim, é pertinente a indagação de Bonsiepe (2015) quando escreve: “no que diz respeito aos aspectos políticos da atividade projetual, estes podem ser reduzidos a uma pergunta de resposta nada fácil: o design contribui à consolidação de relações hegemônicas ou alberga um potencial de emancipação?” (BONSIEPE, 2015, p. 108) Qualquer possibilidade de resposta a essa pergunta - ou aos demais questionamentos deste projeto - mereceria um aprofundamento muito maior do que o oferecido neste trabalho, e por isso aqui não serão propostas soluções ou respostas fechadas para tais questionamentos. O que se propõe, portanto, é o incentivo ao debate e reflexões críticas sobre o tema proposto, instrumentalizado por materiais que estarão disponíveis a todas as pessoas interessadas.

Capítulo 1 - Quando começamos a trabalhar?

Trabalhar sempre foi uma atividade humana, se compreendermos o verbo, neste caso, como o ato de “transformar, manipular, preparar alguma coisa com o objetivo de suprir uma determinada necessidade”⁵. Coletar frutos, caçar, pescar, cuidar das crianças e dos doentes, por exemplo, atividades realizadas por nossos ancestrais “homines sapiens”, não eram exatamente empregos ou profissões. Ninguém recebia um salário, assinava um contrato de prestação de serviços ou tirava férias remuneradas, mas todas essas tarefas certamente poderiam ser consideradas um tipo de trabalho⁶.

Ainda pensando no trabalho como uma atividade humana mas também como uma atividade material, vinculada ao contato físico com a matéria, com ferramentas, com objetos, ao longo da história percebemos várias mudanças de significado dessa prática. Na Grécia e na Roma antiga, por exemplo, onde os filósofos e aristocratas passavam os dias dedicados a atividades intelectuais, todos os trabalhos que implicavam em contato com algo material, de cunho braçal ou artesanal, eram considerados pela nobreza como inferiores, porque colocavam o homem subordinado à matéria (OLIVEIRA, 2000), fazendo com que ele fosse associado a ela e não pudesse dispor de tempo suficiente para contemplar a vida e a própria existência.

Lidar com a matéria era negar a possibilidade de contemplação e de perfeição, objetivos maiores da vida do homem na terra. Percebia-se essa preocupação nos diversos comportamentos: o esporte tinha por máxima a “mente sã num corpo sadio”; as artes, a filosofia e as ciências, todas intuitivas, buscavam elevar o homem ao reino do Olimpo. Nada de retratá-lo enquanto ser que trabalha, que luta contra a natureza para dela tirar seu sustento. Sendo o ideal de beleza, perfeição e gozo do absoluto obtido por meio do ócio contemplativo, o ato de trabalhar – transformar a matéria bruta em coisas úteis à vida – embora necessário, não era visto como atividade nobre. (OLIVEIRA, 2000, p. 7)

Ao longo dos séculos e com o desenvolvimento socioeconômico da humanidade, por volta da Idade Média, (séc. XIV-XV) a “função” de cada indivíduo para a sua comunidade era normalmente uma determinação geracional, transmitida entre os membros de uma família por gerações a fio (MORGAN, 2021). Pais carpinteiros,

⁵ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/trabalho/>

⁶ A respeito destes trabalhos não remunerados com dinheiro e/ou equivalentes de cada época, João Cândido de Oliveira (2000) escreve, sobre cidadãos da Roma Antiga que participavam de guerras e batalhas voluntariamente, já que não eram escravos, para defender seus territórios: “No lugar da remuneração, eram-lhe prestadas homenagens, honrarias, derivando-se desse expediente a palavra honorário – pagamento por trabalho especializado, geralmente intelectual, prestado especialmente por profissionais autônomos de formação superior.”

açougueiros e ferreiros criavam filhos carpinteiros, açougueiros e ferreiros, respectivamente. A possibilidade de mudança deste cenário não era sequer cogitada porque a ocupação “profissional” dos indivíduos não era vista como uma escolha.

Aliás, muito além de não ser uma opção, a ocupação “profissional” de uma pessoa naquela época tinha efeitos mais profundos do que aqueles relacionados à classe social, situação econômica e hierarquia de poder. A função desempenhada por um indivíduo determinava até o seu próprio sobrenome. Isso porque, com o crescimento populacional, foi necessário incluir um vocativo de identificação para acompanhar o nome de cada um, facilitando a identificação; junto à descrição física, localização geográfica ou época do nascimento, a ocupação profissional foi uma das áreas que inspirou esses sobrenomes (VASCONCELOS, 2016). Pense em termos como Müller, de origem alemã, e Smith, de origem inglesa. Müller provém de “*mülnære*”, que indica “aquele que trabalha no moinho”, enquanto Smith vem das palavras “*smið*” ou “*smiþ*”, que em inglês antigo significa “aquele que trabalha com metais”. Meu próprio sobrenome, por exemplo, “Wagner”, tem origem na palavra alemã “*wagener*”, algo como “fabricante de carroças”; o sobrenome permanece até hoje, mas a ocupação certamente não é mais vigente em minha família. No Brasil do século XVI, em meados de 1500, à época do Descobrimento, o cenário foi similar em relação ao acréscimo de sobrenomes à população, porém a origem dessa escolha está muito mais relacionada à questões de colonização e doutrinação religiosa do que necessariamente à uma função ou trabalho⁷.

Além disso, o regime escravocrata desenvolvido no Brasil Colônia e mantido na época Imperial também deixou outras consequências para a população, com desdobramentos que extrapolaram os planos econômico, político e social. A longa escravidão (que durou 350 anos, entre os séculos XVI e XIX) consolidou no país a retomada da filosofia greco-romana que separa o trabalho em duas faces da mesma moeda: um lado *intelectual*, centrado no pensar, no conceber, no imaginar, em oposição a um lado *operacional*, prático e material, centrado no fazer (OLIVEIRA, 2000).

Esse pensamento dualista não era uma exclusividade da colonização brasileira, mas com o reforço do catolicismo, instituído como doutrina religiosa oficial do país,

⁷ Isso se deu porque durante a colonização portuguesa os nativos brasileiros, forçaadamente catequizados, adquiriam obrigatoriamente os nomes católicos definidos pela Igreja. Posteriormente, no regime escravocrata, os negros subjugados e comercializados eram renomeados de acordo com os nomes dos senhores que os compravam. (OLIVEIRA, 2000)

justificava a separação entre a elite “intelectual” e a população “trabalhadora”, explicando a desigualdade com o argumento de que a pobreza aproximava os indivíduos de conquistar a salvação após a morte.

Essa visão era muito diferente dos ideais europeus do mesmo período, por exemplo, consolidados após as reformas protestantes de Martinho Lutero e João Calvino (OLIVEIRA, 2000). Para estes reformistas, a pobreza era precisamente um indicador de afastamento do homem em relação a Deus, implicando que aquele indivíduo não era digno de receber a graça divina.

Somente a submissão do homem ao trabalho duro e disciplinado poderia reverter a pobreza que marcou profundamente a vida humana, especialmente na Idade Média. Ademais, alguns princípios da Reforma, na esfera social, preconizavam que a utilização da riqueza na geração de mais trabalho e mais riqueza não só a legitimavam, mas faziam dela uma mola propulsora para o desenvolvimento econômico e social ao se empenhar no resgate do sentido do trabalho, colocando-o como meio de se obter uma vida digna. (OLIVEIRA, 2000, p. 15 e 16)

De qualquer forma, além das questões referentes à doutrinação religiosa e imposições culturais, nomes e profissões se entrelaçaram aos indivíduos de uma tal maneira que se transformaram em um marcador de identidade muito importante - ainda que essa marcação tenha acontecido de uma maneira sutil e contínua, e por isso mesmo, talvez tenha passado despercebida durante longos anos de formação da sociedade.

Com o desenvolvimento social e econômico experimentado pela sociedade no decorrer das transições entre modos de produção, mais pessoas foram conquistando acesso à educação, ainda que em níveis básicos, e conseqüentemente mais oportunidades de trabalho - e de escolha - também foram surgindo.

Entretanto, ao longo desse processo, certos valores, estereótipos e pré-conceitos foram sendo automaticamente atrelados a determinados nomes e profissões, por vieses tanto positivos quanto negativos, e pode-se dizer que passaram a determinar o interesse geral da população por seguir uma carreira em detrimento de outra. No Brasil, por exemplo, quando alguém afirma ser um médico-cirurgião, a pressuposição imediata é de que esta pessoa tenha um alto nível educacional e uma condição financeira de alto padrão⁸; dois parâmetros (educação e renda) que são determinantes não apenas para a classificação de um indivíduo na hierarquia social, mas principalmente para a impressão que nós mesmos construímos de imediato a respeito

⁸ “A associação da riqueza à esperteza e da pobreza a o trabalho duro, sem sombra de dúvida, de todas as mazelas do modelo escravista de produção, foi a pior de todas.” (OLIVEIRA, 2000)

dele (MORGAN, 2021).

É importante estar atento a este mecanismo de construção de identidade porque o trabalho é um aspecto que está diretamente relacionado a uma outra habilidade desenvolvida de maneira coletiva: a socialização. Assim como nas comunidades nômades de milhares de anos atrás, e hoje em dia nos grandes conglomerados empresariais, o trabalho de um indivíduo é composto por uma série de atividades realizadas conjuntamente, e que muitas vezes reúne várias pessoas com um objetivo comum - ainda que não seja um objetivo específico de uma delas, mas algo mais abrangente, que traga benefícios a determinado grupo ou comunidade.

É a partir das relações de trabalho que desenvolvemos ao longo da vida que, enquanto seres sociais, vamos construindo parte de nossas próprias percepções, visões de mundo, e também as formas de trabalhar coletivamente que vão impactar de maneira direta a nós mesmos e aqueles próximos a nós; e que, além disso, contribuem para o desenvolvimento da nossa cultura. Povos agricultores da região dos Andes, na América do Sul, e de regiões chinesas, na Ásia, por exemplo, desenvolveram de forma coletiva as técnicas de plantio que foram transmitidas culturalmente entre gerações de seus povos (HARARI, 2014). As peculiaridades de cada clima, relevo e características populacionais certamente se refletiram nas diferenças entre essas práticas, e ainda assim ambas constituem formas de trabalho equivalentes.

Portanto, o trabalho não é uma atividade realizada apenas para suprir as demandas de sobrevivência do ser humano, mas é também uma prática que afeta a formação cultural de um povo, e não menos importante, como serão delineadas as relações sociais entre os indivíduos. Não por acaso, quando somos apresentados a uma pessoa desconhecida, uma das primeiras perguntas que fazemos é “O que você faz?” (MORGAN, 2021) - e isso quase nunca está relacionado a algo diferente do tema “trabalho”.

1.1 - Trabalho, logo existo; mas, e se não trabalho, existo?

Sendo então um aspecto inerente ao indivíduo, sempre presente em conversas e reflexões, e no geral, um determinante de atividades, carreiras e percepções de si mesmo e dos outros, seria natural perceber o trabalho como parte de nós. Entretanto, com a evolução dos sistemas econômicos e de produção, fomos transportados de uma sociedade camponesa, feudal, de pequenos produtores, para uma sociedade industrial,

fabril, de produção de massa, e desta última, para uma comunidade digitalizada, urbana, de produções imateriais e tecnologicamente conectada (CARDOSO, 2008).

Nesse percurso, percebemos que o trabalho passou a demandar uma quantidade de tempo diário cada vez maior, bem como concentrar o ponto de partida para a organização das tarefas do dia-a-dia: hora de sair para o trabalho, hora do almoço, hora da reunião, hora de voltar do trabalho, hora de tirar férias, hora extra, hora de folga. Todo esse processo parece natural porque o trabalho reflete o, e responde ao, sistema econômico vigente; mas, na verdade, essa ampliação das horas trabalhadas se deu em decorrência da necessidade permanente dos indivíduos de obter meios de custear a sua subsistência, meios estes, por sua vez, adquiridos com trabalho - pensando assim, portanto, nada mais justo do que organizar a própria vida em torno dele. Mas, até que ponto é de fato o trabalho que dita o ritmo dos nossos dias?

De acordo com Oliveira (2000), o trabalho seria a “essência da vida”, e não apenas a maneira que os seres humanos utilizam para construir as bases materiais que os sustentam;

é impossível imaginar a vida sem trabalho, qualquer que seja o trabalho. Mas, ao mesmo tempo, é também impossível imaginar o mundo do trabalho desprovido de sentido humano. [...] É nele ou através dele que o ser humano se projeta e se realiza em todos os sentidos. (OLIVEIRA, 2000).

Se por um lado esta argumentação parece lógica e coerente, por outro, uma análise mais ampla, e atual, poderia apontar algumas falhas nesta argumentação, especialmente se considerarmos o cenário recente provocado pela pandemia causada pelo Covid-19, tema que será discutido no segundo capítulo deste projeto. Por exemplo: por que há tantas pessoas insatisfeitas com os empregos que têm? Por que a desigualdade econômica e social é cada vez mais aparente, se em teoria quanto mais um indivíduo trabalha, mais condições de subsistência ele possui? O que levou os indivíduos à situação extrema de desenvolver doenças e síndromes psicológicas graves, motivadas por preocupações relacionadas ao trabalho? E mais, como lidar com a relação entre a vida íntima e a vida compartilhada no ambiente de trabalho? Seria tarde demais para compreender a vida pessoal, privada, particular, restrita à casa, de maneira independente à vida pública e coletiva conhecida na empresa/escritório?

Segundo Guy Standing (2020),

a clássica distinção entre casa e local de trabalho foi forjada na era industrial. Na sociedade industrial, quando os atuais regulamentos do mercado de trabalho, as leis trabalhistas e o sistema de seguridade social foram

construídos, o **local de trabalho fixo** era a norma. Era para onde ia o proletariado no início da manhã ou em turnos - fábricas, minas, fazendas e estaleiros - e para onde ia a massa assalariada, um pouco mais tarde, no correr do dia. **Esse modelo se desintegrou.** (STANDING, 2020, p. 181) (grifos meus)

A “desintegração” a que se refere o autor, está diretamente relacionada com o desenvolvimento de novas modalidades de trabalho ao longo dos séculos posteriores à sociedade industrial, cenário que se construiu principalmente motivado pela evolução tecnológica e digital. Com a aprimoração das indústrias e do capitalismo, a sociedade acompanhou a transição (ainda em curso) de um sistema socioeconômico baseado em produções materiais e locais para um sistema socioeconômico sustentado por uma rede de produções imateriais e simbólicas (CARDOSO, 2008; MATIAS, 2014), conectada mundialmente e hierarquizada horizontalmente (ANTUNES, 2020; STANDING, 2020), que não depende de uma localização geográfica fixa, assim ampliando o alcance e as possibilidades de atuação humana em diferentes postos e rotinas de trabalho.

Essa mudança de paradigma pôs em curso também uma mudança na relação entre os seres humanos e o trabalho que, para além da simples supressão de necessidades econômicas, vem ganhando cada vez mais ares de vocação, de identidade e se destacando como fator determinante (e representativo) do propósito de vida de um indivíduo. É a filosofia do “trabalhismo”, termo cunhado pelo jornalista Derek Thompson, para quem

a ideia de abraçar o trabalho como parte de si, como um lugar em que as pessoas podem ser realmente livres e fazer o que fazem de melhor, é a mesma ideia que motiva fiéis a comparecerem às igrejas semanalmente, em busca de uma reconexão do indivíduo consigo mesmo e com o mundo ao redor. (THOMPSON, 2019)

Essa linha de pensamento, *a priori* motivadora e inofensiva, traz consigo alguns elementos dentre os quais consideramos importante destacar três: **1)** a busca por uma conexão com o trabalho é uma boa estratégia para dar sentido a esta atividade e à existência humana, mas pode se transformar numa armadilha caso a procura não seja bem sucedida, gerando frustração, estresse, infelicidade, insatisfação e afastamento do “eu” de si mesmo (DUNKER, 2016); **2)** essa filosofia põe o indivíduo em órbita em relação ao trabalho, e não o contrário, o que pode tornar difusa a compreensão de que a profissão, o emprego, e/ou as atividades laborais são apenas uma parcela que compõe a individualidade, situação que

tende a acontecer especialmente com pessoas com empregos que são relativamente autodeterminados, em que você não bate ponto às 9h e às 17h. Pessoas [...] que estabelecem seus próprios horários podem acabar deixando

seu trabalho ocupar muito do tempo de suas vidas" (WILSON, 2021 apud MORGAN, 2021);

e 3) promove uma falsa ideia de “liberdade” individual, porque deixa subentendido que o indivíduo é “livre” para exercer o seu trabalho da melhor maneira que puder, como se fosse uma questão de escolha, predestinação, ou vocação, e que portanto, o indivíduo deveria viver com a intenção de concretizar o destino para o qual veio ao mundo, de exercer a vocação para a qual foi predestinado - uma visão muito similar à da reforma protestante conduzida na Europa por João Calvino, em meados do século XVI, que dava conta sobre a valorização da vocação como imperativo para a realização de determinadas profissões e atividades (OLIVEIRA, 2000), justificando assim a necessidade do homem de realizar bem o seu trabalho.

Sobre este terceiro ponto em especial, a questão de “ser livre” e “fazer o que faz de melhor”, é interessante ressaltar que essa visão distorcida da realidade, do indivíduo “livre” para trabalhar exercendo a sua “vocação”, apesar de possível e desejável, pode ter desdobramentos complexos, como: a dificuldade para encontrar um propósito de vida claro e perene, especialmente entre os jovens, gerando problemas identitários, frustrações e angústias profundas; o afastamento da visão de si mesmo como um trabalhador que depende de um sistema socioeconômico para se estabelecer no mercado de trabalho, colocando aquele que assina um contrato de emprego numa posição em que vê a si mesmo como equiparado àquele que oferece o emprego - o que é um equívoco; a eventual perda do emprego pode deslocar o indivíduo para uma crise interna sobre o sentido da própria existência; e, por fim, a possibilidade de fazer as pessoas ficarem tão enredadas no trabalho ao ponto de fazê-las “permitir que ele determine seu próprio valor” (WILSON, 2021 apud MORGAN, 2021).

Vincular o valor do trabalho ao valor de si mesmo como ser humano é uma situação potencialmente preocupante, tendo em vista que nem pessoas nem cargos são elementos estáveis, apesar de independentes, e sofrem tanto com as instabilidades socioeconômicas quanto com as intempéries de ordem emocional. O porquê desse comportamento ser considerado preocupante será discutido mais à frente neste trabalho.

1.2 - Em que momento o Design entra nessa equação?

Segundo o historiador e designer Rafael Cardoso (2008), a origem imediata da palavra design

está na língua inglesa, na qual o substantivo design se refere tanto à ideia de plano, desígnio, intenção, quanto à de configuração, arranjo, estrutura (e não apenas de objetos de fabricação humana, pois é perfeitamente aceitável, em inglês, falar do design do universo ou de uma molécula). A origem mais remota da palavra está no latim designare, verbo que abrange ambos os sentidos, o de designar e o de desenhar. Percebe-se que, do ponto de vista etimológico, **o termo já contém nas suas origens uma ambiguidade, uma tensão dinâmica, entre um aspecto abstrato de conceber/projetar/atribuir e outro concreto de registrar/configurar/formar.** (CARDOSO, 2008, p. 20) (grifo meu)

Assim como a visão do trabalho que por um lado é centrado no pensar e por outro é centrado no fazer, conforme mencionado no início deste projeto, pensar o design por um viés prático e um outro intelectual também é um posicionamento construído historicamente. A separação das etapas do processo produtivo em projetar e executar, contexto de onde o Design emerge, como veremos no próximo capítulo, foi fundamental para que o Campo expandisse sua atuação para outras áreas do conhecimento, e também para que reunisse força suficiente para incorporar à sua práxis⁹ - ainda que de forma indireta - a capacidade de impactar diferentes estruturas sociais, não apenas as fábricas, escritórios, empresas e estúdios onde se desenvolvem projetos de Design.

A política, por exemplo, é uma das áreas de atuação mais férteis para o Design; mas não a política partidária, superficial, e sim a política compreendida como um conjunto de relações comunitárias que são necessárias para a vida em sociedade.

Para Ezio Manzini (2018),

o design é um agente político porque, ao afetar os sistemas em que opera, também modifica as relações de força que se manifestam neles. É claro que o design não faz política da maneira como fazem, por exemplo, os partidos. Ou seja, o design, por si só, não defende um programa político articulado e completo (como fazem, ao invés, ou deveriam fazer, os partidos). Como dizia, o design é político, porque cria condições que incidem sobre os sistemas existentes. Por essa razão, portanto, podemos dizer que ele não faz política, mas é político em si mesmo. (MANZINI, 2018)

⁹ “No campo da filosofia, existe uma formulação clássica segundo a qual o trabalho pode ser sintetizado como uma ação transformadora consciente. Todo animal tem ação, alguns têm ação transformadora, e nós, humanos, temos ação transformadora consciente. Nós sabemos por que fazemos algo. E não só fazemos porque queremos; muitas vezes, apesar de não querermos e sabermos disso, também sabemos porque estamos fazendo. Nesse sentido, a ideia de ação transformadora consciente nos distingue de outros animais em relação ao esforço para existir. Para traduzir essa condição, os gregos usavam a expressão práxis. Não importa o que eu faça, tudo o que em mim não for impulso da natureza, mas uma decisão e intervenção da minha parte, é práxis.” (CORTELLA, 2016, p.15)

A argumentação defendida por Manzini (2018) não é recente, e assim como a maneira que cada sociedade compreende e percebe o trabalho de acordo com o contexto de sua época, também o Design é percebido e compreendido a partir de um contexto histórico determinado; por isso não podemos deixar de situá-lo. No caso da relação entre Design, trabalho e sociedade, existe ainda uma membrana de complexidade que os conecta, como um circuito de pistas interligadas, já “que tendências históricas, econômicas e políticas influenciam a maneira como o design é pensado, ensinado, praticado e entendido” (BESSA, 2021).

De maneira complementar, Azevedo, Guimarães e Sobral (in ARRUDA, 2017) trazem também a ideia de “processo argumentativo do design”. Assim como Bessa (2021) e Manzini (2018), os autores também dão conta do Design como um ato político que apoia a construção de um discurso sobre qualquer tema que esteja a priori desestruturado ou mal formulado. Para eles, esse processo “possui como uma de suas principais funções a diversificação dos pontos de vista, oferecendo argumentos e contra-argumentos para o desenvolvimento da análise das situações que um problema pode envolver” (AZEVEDO, GUIMARÃES e SOBRAL in ARRUDA, 2017).

Trabalho e Design são temas complexos per se, como podemos perceber, e investigar qualquer tipo de relação entre ambos demanda o estabelecimento de critérios bem definidos para nortear essa busca. Para lidar com esse conjunto de elementos da maneira mais estruturada possível, foi necessário recorrer ao conceito de “Wicked Problems”, elaborado por Horst Rittel e Melvin Webber (1973) e posteriormente aprofundado por outros pesquisadores e designers, com destaque para Richard Buchanan (1992).

De maneira geral, os “wicked problems” dizem respeito a situações conflitantes e não muito bem definidas, que não podem ser completamente resolvidas porque estão sempre conectadas a outros problemas que vão surgindo ao longo do caminho; também envolvem muitas pessoas com diferentes objetivos e interesses individuais, geralmente conflitantes; e ainda, não permitem que as soluções para os problemas sejam testadas de forma imediata (MELO, 2019).

Apesar de deter uma alta complexidade graças aos fatores envolvidos na situação que busca resolver, os “wicked problems” são diferentes de problemas simplesmente complexos, como por exemplo, um impasse numa questão de física ou matemática, por mais difíceis que estes possam ser. E, sobretudo, os “wicked problems”

não dispõem de um histórico de casos semelhantes que possam embasar a proposição de novos caminhos e soluções¹⁰.

Por isso, torna-se ainda mais coerente a escolha por utilizar esse conceito como norteador das investigações no presente projeto. Buscar compreender como o trabalho assumiu a centralidade da nossa vida; o porquê de estarmos sobrecarregados de tanto trabalhar; e a razão pela qual é tão difícil distribuir o tempo entre todas as nossas atividades diárias são os “wicked problems” desta pesquisa. Perceber como esses cenários são constituídos e de que forma a existência deles renova, ou pelo menos deveria provocar a renovação, (d) o pensamento crítico dentro do Design pode ser considerado como um bom ponto de partida para responder questões como por que há tanta insatisfação dos indivíduos sobre seus empregos, e de que maneira podemos lidar com a relação entre a vida íntima e a vida compartilhada no ambiente de trabalho, dentre outras já listadas anteriormente. Iniciar um percurso não para encontrar soluções, mas para estimular um debate sobre possíveis caminhos e respostas, é isso que buscamos com a pesquisa apresentada neste projeto.

1.3 - Um corriqueiro, mas importante, jogo de palavras

Quando uma palavra carrega consigo uma multiplicidade de significados, que variam conforme o contexto, a entonação, a localização onde é usada, dentre outros fatores, com o tempo ela corre o risco de se tornar tão conhecida e utilizada de maneira tão displicente, que sua origem e seu conteúdo se perdem no tempo-espaço. Como afirma Souza (2021), a palavra passa a

dizer nada em específico e se torna algo inerte, que simplesmente está lá para ocupar espaço. Normalmente, o que sobra dela é uma fantasmagoria de valor, positivo ou negativo, mas acabamos esquecendo exatamente para o que ela aponta no mundo. Temos vários exemplos dessas palavras: liberdade, genocida, empatia, isolamento. Ou mesmo design. (SOUZA, 2021)

Especialmente para o design, esse cenário é muito delicado porque, conforme lembrado por Iraldo Matias (2014), a vulgarização da palavra design transformou-a em um adjetivo “que ‘valoriza’ qualquer atividade econômica”. Essa transformação, como Matias explica, não é gratuita, pelo contrário, baseia-se nas mudanças socioeconômicas

¹⁰ "Os Wicked Problems são totalmente diferentes, pois se tratam de situações não definidas, permeadas por questões éticas, políticas e profissionais envolvidas, sem problemas semelhantes para embasar as soluções, por sua vez, distintas das demais já conhecidas, soluções ambíguas e não facilmente distinguidas. São problemas complexos, porque são sobre pessoas." (AZEVEDO, GUIMARÃES e SOBRAL in ARRUDA, 2017).

pelas quais a sociedade vem passando e durante as quais o design adquiriu papel importante em termos de competitividade e corrida mercadológica,

principalmente após o início do processo conhecido como *reestruturação produtiva*, isto é, da ascensão do *toyotismo* como novo padrão de acumulação de capital. Neste contexto, a componente cognitiva do trabalho - sua capacidade criativa, conceitual e de gestão -, passa a ter um papel primordial elevando atividades criativas como o design a uma posição de destaque, dentro do processo de valorização do capital. (MATIAS, 2014)

Os desdobramentos da história dos sistemas de produção, da Revolução Industrial aos dias atuais - que incluem o toyotismo mencionado por Matias (2014) - serão esmiuçados no capítulo a seguir. Neste momento o importante é perceber que a compreensão que temos de uma palavra não é natural, não esteve sempre por aí, mas é antes uma construção de discurso fundamentada por diferentes vínculos, pontos de vista, linguagens, interesses, hierarquias, posições de poder e visões históricas (SOUZA, 2021; BURKE, 2017). “É por isso que, às vezes, uma mesma palavra pode ter significados muito diferentes, ou até mesmo opostos”, explica Souza (2021).

Além do Design, o Trabalho enquanto área de estudos também é afetado por este mesmo jogo de palavras, o que para Thompson (2019) é um dos indícios que explica o surgimento da filosofia do “trabalhismo”, mencionada anteriormente, se considerarmos que no último século “a concepção de trabalho mudou de empregos para carreiras, e destas para ‘chamados’ - de necessidade, para status, para propósito”¹¹.

Embora os conceitos e argumentos supracitados tenham se baseado em cenários fluidos, transicionais, mas também em definições históricas, do “passado”, vale ressaltar que “embora tratando do passado, toda versão histórica é escrita no presente. Todo historiador escreve em um contexto específico, para um público atual, e, conseqüentemente, a interpretação do passado apresentada terá impacto no presente.” (CARDOSO, 2008)

¹¹ Tradução livre do original “In the past century, the American conception of work has shifted from jobs to careers to callings—from necessity to status to meaning.” (THOMPSON, 2019)

Capítulo 2 - Pessoas, tecnologia e trabalho: um triângulo de ângulos complexos

Conforme discutido anteriormente, ao longo da história, visões opostas de teóricos, filósofos e outros estudiosos classificaram o trabalho como uma esfera de pólos positivo e negativo. O “lado” defendido nesta dinâmica, às vezes mais próximo ao viés positivo, às vezes mais próximo ao viés negativo, variava conforme a posição social e intelectual do defensor, o seu nível de influência na hierarquia social e, sobretudo, conforme o seu interesse ou objetivo maior para determinado fim.

Assim, de um lado, o trabalho relacionava-se, em sua origem filosófica, ao rebaixamento humano, porque ligava o indivíduo à matéria; de outro, ao sofrimento e à tortura por meio da “escola de preparação”, o “tripalium”¹². O conceito de trabalho manual, então, foi sendo introjetado e consolidado ao longo do tempo como algo que humilha, rebaixa, desclassifica o homem, caracterizando-o como ser inferior na ordem social. (OLIVEIRA, 2000, p. 10)

Foi com este espírito, por assim dizer, que a sociedade construiu sua relação com o trabalho durante séculos, com impactos que podem ser percebidos ainda hoje. Em um movimento dialético entre doutrinas religiosas e necessidades humanas, a nobreza, a elite, a aristocracia, e por fim, a burguesia, apesar de serem os maiores beneficiários, não eram a parcela da população que de fato trabalhava, no sentido prático da palavra. Colocar “a mão na massa”, lidar com a matéria, era uma atividade exercida por quem não dispunha de condições de liberdade, compreendida neste cenário a partir das ideias de Karl Marx:

Karl Marx fazia uma distinção muito clara entre os dois reinos da vida: o da necessidade e o da liberdade. No reino da necessidade, eu não posso deixar de fazer aquilo que eu faço, senão pereço. No reino da liberdade, a vida é escolha. Segundo Marx, existe uma diferença entre ser “livre de” e “ser livre para”. Se você não for livre da fome, da falta de abrigo, da falta de socorro médico, você não é livre para outras escolhas. Uma parcela das pessoas é livre da miséria, da penúria, da carência, e é livre inclusive para dizer “não vou ter um trabalho regular”, “vou viajar”. (CORTELLA, 2016)

¹² "O tripalium é tido, pela maioria dos historiadores que se dedicaram ao estudo do trabalho, como a primeira 'escola' formal de preparação para o seu efetivo exercício. Em Roma antiga, se um cidadão contraísse uma dívida e não a quitasse, o credor, em última instância, poderia apelar a um pretor, requerendo a cassação da cidadania do devedor. Convém ressaltar que o plebeu e o escravo não se endividavam por causa de sua condição social. Perdida a cidadania, o inadimplente era automaticamente declarado escravo, dele se apoderando o credor como meio de ressarcimento da dívida. Como o ex-cidadão não tinha familiaridade com qualquer tipo de trabalho manual, por ser esse exercido somente por trabalhadores e escravos, era necessário prepará-lo para tal mister. A escola era o tripalium." (OLIVEIRA, 2000, p. 9)

Com o passar dos anos, somam-se a estas questões as máquinas, a velocidade, a revolução no modo de produção em geral. Os modelos de produção em massa, como o fordismo e o toyotismo, se construíram, sobretudo, a partir de uma proposta de otimização do tempo do operário **dentro das fábricas**, por meio da linha de produção, da especialização em uma única função, da divisão do trabalho. Para nós, designers, inclusive, este momento de divisão de tarefas e funções, mais especificamente de separação entre a concepção/gestão e a execução, pode ser considerado como o período embrionário da atividade projetual (MATIAS, 2014), atividade que desde então caracteriza o que entendemos como Design.

Passaram-se algumas centenas de anos desde a Revolução Industrial (séc. XVIII) até os dias de hoje, em que há inúmeras especialidades pertencentes - ou que dizem pertencer - ao Campo do Design. No entanto, o distanciamento que só o tempo é capaz de oferecer nos mostra que o Design é na verdade fruto não apenas da Revolução Industrial, mas também de processos históricos interligados e concomitantes, desenvolvidos em escala mundial entre os séculos XIX e XX: a industrialização, a urbanização moderna e a globalização. (CARDOSO, 2008)

Contudo, o percurso até o século XXI foi cheio de percalços e desdobramentos inesperados, em especial se considerarmos o cenário que vivemos atualmente, com mudanças profundas provocadas pela pandemia de Covid-19. Mas, antes de falar sobre isso, para compreender os vínculos entre o trabalho e o capitalismo, inter-relações que nos afetam até hoje e que nos trouxeram até aqui, à este ponto em que não sabemos onde começa o trabalho e onde termina nossa identidade, vamos rebobinar um pouco a história para retomar o fio que nos conduziu ao século XXI.

2.1 - Máquinas e velocidade: hábitos, alienação e perda do senso de coletividade

Se hoje fosse uma sexta-feira, por volta de 18h, e você perguntasse a alguns amigos “já saiu do trabalho?”, as respostas muito provavelmente dependeriam: de onde cada um deles está empregado, em qual país cada um deles mora, do tipo de contrato que cada um tem (ou não tem...), do regime governamental que rege o território onde cada um habita, as diferenças culturais que os compõem, dentre algumas outras variáveis. Porém, se você perguntasse a esses mesmos amigos “você vai trabalhar novamente na segunda-feira?”, as respostas muito provavelmente seriam: “claro!”, “sim”, “com certeza”. Ou seja, por mais que não saibamos a exata hora de encerrar o

expediente, sabemos que ele sempre recomeçará. Mas, por que compartilhamos a mesma segurança em relação a isso?

Uma possível resposta pode vir da própria história da nossa relação com o trabalho, em especial, da força do hábito. A nossa consciência laboral foi construída, de maneira coletiva, desde o nomadismo, passando por práticas coletoras, agricultoras, cultivadoras (quando começamos a domesticar os animais) até chegar ao início da noção de propriedade privada - com todos os seus desdobramentos - e por fim, ao que hoje chamamos de capitalismo. Os mecanismos de manutenção destas formas de subsistência foi sempre o mesmo: o trabalho, a atuação do indivíduo que exerce uma ação transformadora consciente¹³. Segundo Cardoso (2013), entretanto, “as formas novas [de qualquer coisa] sempre têm suas raízes fincadas em outras antigas. Nada vem do nada.” O que mudou, dos “homines sapiens” nômades para cá, foi a maneira pela qual exercemos a nossa forma de trabalhar, já que esta não apenas expandiu suas possibilidades, como também continua a refletir de forma direta o desenvolvimento tecnológico, informacional, econômico e social de uma época.

Como já mencionado anteriormente, a divisão do trabalho pode ser considerada uma das características mais importantes da primeira Revolução Industrial (CARDOSO, 2008), e foi uma mudança na nossa forma de trabalhar que até hoje dá forma à organização de diversas empresas, sejam elas grandes ou pequenas. No caso do Brasil em especial, essa condição se torna um ponto de análise ainda mais interessante se considerarmos a posição do país na divisão internacional do trabalho, onde figura como um Estado desindustrializado, com economia majoritariamente baseada na exportação de produtos primários (BESSA, 2021), como soja e gado, por exemplo¹⁴.

Horas trabalhadas e o uso do tempo

Para além de separar funções específicas para cada indivíduo no processo produtivo industrial, a divisão do trabalho - acompanhada pelo desenvolvimento tecnológico e obviamente, pelas necessidades fabris - teve um desdobramento peculiar na nossa relação com o tempo, reconfigurando completamente a organização que fazemos para dividir as 24 horas que compõem um dia.

Historicamente, cada sistema de produção tinha como estrutura norteadora

¹³ Cf. nota de rodapé n. 9

¹⁴ Ainda que muito interessante e pertinente ao tema aqui tratado, nesta pesquisa, por questões de metodologias e prazo, não trataremos desta condição de maneira mais aprofundada.

um conceito específico de tempo. Na sociedade agrária, a tarefa e o trabalho eram adaptados ao ritmo das estações e das condições climáticas. Qualquer ideia de um dia de trabalho normal de 10 ou 8 horas teria sido absurda. Não havia sentido em tentar arar a terra ou fazer a colheita sob uma chuva torrencial. O tempo não podia esperar pelo homem, mas o homem respeitava seus ritmos e variações espasmódicas. (STANDING, 2020)

À época da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra do século XVIII, as jornadas de trabalho chegavam a extenuantes 16 horas diárias, seis dias por semana, e incluíam no quadro de trabalhadores desde crianças até idosos (GAGLIONI, 2019). Além disso, os trabalhadores não dispunham de nenhum direito, recebiam uma remuneração baixíssima mesmo em empregos de alto risco (como nas caldeirarias e minas de carvão), além de fazer um grande esforço físico, necessário para suportar essa rotina - o que gerava uma alta taxa de mortalidade entre a classe.

A jornada de 8 horas de trabalho diárias e 40 horas semanais, que vigora até hoje em grande parte do mundo, data do século XIX (GAGLIONI, 2019). É deste período, inclusive, a proposta do socialista utópico Robert Owen, que defendia a jornada de trabalho de 8 horas diárias com o slogan “8 horas de trabalho, 8 horas de lazer e 8 horas de descanso”¹⁵ (WIDRICH, 2014). Essa proposta foi, na verdade, uma reação às jornadas de trabalho da época, mas não chegou a ser imediatamente implementada. Aliás, o primeiro documento a reivindicar uma jornada de trabalho organizada foi uma encíclica do papa Leão XIII, a *Rerum Novarum*, de 1891, que inclusive argumentava sobre a necessidade de organização sindical (CORTELLA, 2016).

Em termos operacionais, a primeira empresa a adotar o sistema de 8 horas diárias de trabalho foi a automobilística Ford, que além disso, duplicou os salários de seus empregados enquanto implementava essa nova medida. Criticada por muitos industriais à época, surpreendeu a todos quando dois anos após a implantação dessa jornada de trabalho a produção tinha duplicado, o que levou outras empresas a seguirem o mesmo padrão (WIDRICH, 2014). O fordismo¹⁶, inclusive, foi o processo de

¹⁵ Tradução livre do original "Eight hours labour, eight hours recreation, eight hours rest." (WIDRICH, 2014).

¹⁶ Sobre a noção de fordismo, tomamos a explicação de Ricardo Antunes (2015): “Entendemos o fordismo fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram - se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelado e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário - massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões” (ANTUNES, 2015)

produção que consolidou as grandes indústrias durante os séculos XIX e XX (ANTUNES, 2015), ainda que posteriormente tenha sido “superado” pelo toyotismo - conforme descreveremos a seguir.

Um dos argumentos que sustentava o modelo produtivo proposto pelo fordismo é o de que podemos potencializar nossas capacidades se nos dividirmos na realização de tarefas diferentes (CORTELLA, 2016). Contudo, é notório que a obrigatoriedade de repetição da mesma tarefa por muitas horas ao longo do tempo, pode fazer com que a realização dela se torne automática, levando o indivíduo a criar uma nova forma de perceber aquela função e, muito além disso, uma nova forma de se perceber como indivíduo, ignorando ou sufocando seus interesses, valores, ambições e propósitos únicos, que o caracterizam e o fazem ser quem ele é.

Trabalho e Alienação

De acordo com Cortella (2016), o conceito de alienação, amplamente atrelado ao nome do filósofo e sociólogo Karl Marx, foi na verdade elaborado originalmente por Georg Friedrich Hegel, filósofo alemão que inclusive foi um dos influenciadores das teorias que Marx viria a desenvolver. De todo modo, a ideia de alienação, segundo Hegel, é relacionada a tudo aquilo que se produz, mas não se sabe a razão pela qual se faz.

Isto é, sou apenas uma ferramenta para que as coisas aconteçam, mas não decido sobre o destino das minhas ações. Esse é um conceito forte, uma vez que o trabalho alienado provoca uma série de desconfortos nas pessoas. Eu, trabalhador, colaborador, funcionário, quero ter clareza daquilo que faço, porque isso dá mais sentido a mim mesmo. (CORTELLA, 2016)

O grande problema de se realizar um trabalho alienado por muitos anos consecutivos - cenário muito comum à época do fordismo, conforme mencionado anteriormente neste capítulo, ao tratarmos sobre as longas jornadas de trabalho - é que ele corre o risco de se tornar automático, e, ao tornar-se, tira do indivíduo a dimensão de realização: o indivíduo deixa de se perceber como ser humano que realiza e produz de maneira consciente, e mais ainda, começa a perceber que não possui poder de decisão nem sobre si mesmo - já que, sendo um trabalhador, um operário, é obrigado a exercer aquela função.

Nessa hora eu me desumanizo, isto é, me aproximo do mundo das máquinas. [...] Nem o que eu faço é minha propriedade, nem eu sou propriedade de mim mesmo. O trabalho alienado é aquele que é estranho a mim. [...] A respeito

disso, Marx vai usar a ideia de estranhamento, o trabalho no qual você se perde. Daí uma expressão muito recorrente no mundo do trabalho ser “eu não estou me achando naquilo que faço”. (CORTELLA, 2016).

Se para um operário em atividade na era fordista era muito complexo perceber a sua tarefa de apertar parafusos¹⁷ como algo que integra um “propósito maior”, como a produção de um automóvel, ou ver essa tarefa como uma parte de si mesmo projetada no trabalho que executa, no toyotismo, sistema de produção que substituiu o fordismo (ANTUNES, 2015), o conceito de flexibilidade produtiva aparece para servir como uma espécie de contraponto à ideia de alienação.

Isso porque no toyotismo, modelo também chamado de acumulação flexível, há uma recusa pela produção em massa, que era a base do fordismo, da produção em série. Neste novo modelo, o sistema produtivo é baseado em empresas menores, mais “artesanais, o que possibilita mais flexibilidade para atender a demanda dos consumidores e recupera uma concepção de trabalho que, sendo mais flexível, estaria isenta da alienação do trabalho intrínseca à acumulação de base fordista”. (ANTUNES, 2015)

A diferença primordial entre os dois modelos, fordismo e toyotismo, é que na contramão da produção em massa proposta pelo primeiro, no toyotismo o que dita o ritmo e o tipo de produção é a demanda (ANTUNES, 2015). Com isso, começa a se desenvolver uma mudança também nas atividades do trabalhador fabril, o qual vai se deslocando de uma posição muito especializada para um posto mais abrangente e integrado à outras tarefas, já que a ideia do toyotismo é incentivar a formação de operários multifuncionais; trabalhadores que, assim como a produção, se tornam também “flexíveis”.

Em vez do trabalho desqualificado, o operário torna-se polivalente. Ao invés da linha individualizada, ele se integra em uma equipe. Ao invés de produzir veículos em massa para pessoas que não conhece, ele fabrica um elemento para a “satisfação” da equipe que está na sequência da sua linha. Em síntese, com o toyotismo parece desaparecer o trabalho repetitivo, ultrassimples, desmotivante e embrutecedor. Finalmente, estamos na fase do enriquecimento das tarefas, da satisfação do consumidor, do controle de qualidade. (GOUNET, 1991, apud ANTUNES, 2015)

O discurso toyotista, apesar de promissor, traz consigo alguns pontos de

¹⁷ Ver o filme *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin. Sobre este filme, Cortella (2016) escreve: “A grande simbologia [...] é que o Chaplin, interpretando o operário, não é esmagado pela máquina. O mais triste nessa obra não é o automatismo do movimento da linha de montagem, que ele, mesmo após a parada da esteira, continua reproduzindo. Mas sim a alegoria de que ele se integra àquela engrenagem de tal modo que sai do outro lado ileso. E isso é o contrário do que se imaginaria do mundo do trabalho, no qual a pessoa deixa de ser pessoa no cotidiano.” (CORTELLA, 2016, p. 26-27)

tensão para a dinâmica entre trabalho e trabalhador, sobretudo porque, como afirmou Bonsiepe (2015), “progresso técnico não significa progresso social”. Apesar de a priori parecer uma boa solução para os trabalhadores, variando as jornadas de trabalho diárias de acordo com a demanda, a flexibilização da produção presume a disponibilidade do indivíduo para o trabalho quando for necessário, inclusive fazendo horas-extras para atender as metas e as expectativas de produção.

Este cenário, de precarização do trabalho disfarçada de benefício para o trabalhador, poderia até mesmo ser visto como uma primeira versão do que hoje conhecemos pelo conceito de “uberização”, ideia que, segundo Antunes (2015), se refere a um “processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas, assumindo, assim, a aparência de ‘prestação de serviços’ e obliterando as relações de assalariamento e de exploração do trabalho.”

Essa configuração se agrava ainda mais quando acrescentamos a ela a ideologia meritocrática, que leva os indivíduos a assumirem como culpa individual um problema estrutural coletivo (BESSA, 2021). Ora, se um trabalhador operando dentro de um sistema flexível for chamado ao trabalho e não estiver disponível, seja lá por qual motivo for, ele deixará de exercer a função pela qual é remunerado e conseqüentemente, deixará de receber a remuneração por aquela tarefa. Porém, ele precisa de meios para garantir o sustento próprio - e de sua família. Por isso, ainda que por vezes não sinta vontade de ir ao trabalho, ele vai, porque não tem poder para fazer o contrário. Ele não é “livre da” necessidade de trabalhar, para retomar o conceito de liberdade de Karl Marx, mencionado anteriormente neste capítulo.

Para lidar com esta condição, o trabalhador acaba se valendo de estratégias sutis, mas eficientes, como focar a atenção em momentos bons em detrimento dos aspectos ruins causados por essa falta de liberdade. Um grande problema desse posicionamento é manter essa linha de raciocínio por tanto tempo, que, eventualmente, pode-se chegar a um ponto no qual o conflito entre o que eu sinto e o que eu vivo se torne muito difícil de gerenciar.

Como adultos, em ocasiões sociais e no trabalho, nós começamos a nos dizer para não reclamarmos, para apreciarmos o que temos. E uma vez que começamos a nos forçar para ser gratos, podemos estar usando uma tática que (Sarah) Greenberg (psicoterapeuta) chama de “desvio da gratidão”, para evitar outras emoções negativas. Por exemplo, um funcionário pode começar a pensar, “Eu realmente odeio meu chefe”, e em seguida sufocar esse

sentimento e pensar, “mas eu sou muito grato por ter meu emprego”¹⁸
(MORGAN, 2021)

Com a ocorrência da pandemia de Covid-19, como veremos mais à frente neste capítulo, esse cenário se tornou mais comum do que podemos imaginar; e provavelmente levou muitos trabalhadores a se sentirem da mesma maneira que o exemplo citado acima. Essa insatisfação coletiva, inclusive, foi uma das percepções que deu início ao desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

Individualidade x Coletividade

No caso do modelo capitalista de produção, o *modus operandi* é o sistema de acumulação, objetivo máximo do capitalismo. Mas para funcionar perfeitamente, o sistema não pode se basear apenas em aspectos operacionais e práticos; é preciso também envolver os participantes desse enredo num discurso que os faça seguir em frente de maneira constante e eficiente. Para isso, o capitalismo se vale de um modo de representação que não é feito apenas de um conjunto de ideias, mas de um conjunto de práticas; o discurso sobre a liberdade individual é tão forte que mascara as verdadeiras condições das quais o indivíduo dispõe para gerenciar a própria vida - e mais ainda, o próprio trabalho.

O modelo capitalista de produção, no tocante às relações de trabalho, fundamenta-se basicamente no trabalho livre, em que, de um lado, coloca -se o trabalhador como vendedor da força de trabalho; e de outro, o capitalista, na condição de comprador dessa força de trabalho. (OLIVEIRA, 2000, p.24)

Ou seja, no modo de produção sustentado pelo capitalismo, quando eu acredito que sou livre para escolher onde venderei minha força de trabalho, na verdade eu ignoro a percepção de que o simples fato de precisar que alguém a compre, por si só, já é uma forma de restrição. Se eu preciso que alguém pague pela minha força de trabalho, pois de outra forma não serei remunerado, não sou livre para vender a quem eu quero e desprezar as demais oportunidades. Sou obrigado, por necessidade, a aceitar a compra de quem me oferece essa possibilidade, pois sem trabalho eu não me sustento; logo, não sou livre.

¹⁸ Tradução livre do excerto original: “As adults, in social situations and at work, we start telling ourselves not to complain, to appreciate what we have. And once we start forcing ourselves to be grateful, we may begin using a tactic Greenberg calls ‘gratitude bypassing’ to avoid other, negative emotions. For instance, she says, an employee may start to think, ‘I really hate my boss’, then stifle that feeling by thinking, ‘but I’m so grateful just to have my job’.” (MORGAN, 2021)

Marx detecta na base da igualdade pressuposta no contrato de trabalho seu exato contrário, isto é, a desigualdade criada pela situação na qual a maioria da população é obrigada a vender sua força de trabalho, uma vez despojada da propriedade dos meios que lhe permitiram trabalhar para si e por si mesma. Esse despojamento, porém, é apresentado pelo capitalismo como o avesso do que é, a saber, como a propriedade que cada trabalhador tem de sua força de trabalho e a liberdade daí decorrente de trabalhar em qualquer lugar ou em qualquer ramo de produção. Marx explica ainda que, por um lado, a ideia de autonomia inculcada nos membros da sociedade sob comando do capital leva-os a um individualismo cada vez mais exacerbado e à fragmentação das várias esferas da vida coletiva; por outro, essa autonomia decorre de uma dependência crescente e universal em relação aos mecanismos de valorização e expansão do capital, em geral difíceis de serem percebidos. (GRESPLAN, 2021, p. 11)¹⁹

Conforme mencionado anteriormente, sendo o capitalismo um sistema acumulativo, além da privação de liberdade o indivíduo é confrontado também com a demanda de aumentar os seus ganhos em concordância com as suas necessidades, que se tornam cada vez maiores. Um dos grandes problemas desse sistema, porém, é que a tendência de acumulação cresce à medida que o indivíduo vai conquistando posses. Isso implica que, ao invés de uma sociedade socialmente bem distribuída e igualitária, onde todos dispõem de meios de sustento e benefícios decorrentes desses meios, a parcela da população que consegue acumular mais acaba se distanciando daqueles que não foram bem-sucedidos em conquistar essa abundância. Os “mal-sucedidos”, por sua vez, precisam intensificar ainda mais a venda da sua força de trabalho, na tentativa de alcançar um patamar que a cada dia se torna mais distante e desigual.

Essas pessoas poderiam trabalhar menos, de maneira menos sofrida, se repartíssemos o que é produzido. A não repartição leva a duas situações: quem acumula quer continuar acumulando, e quem não tem precisa se mobilizar mais para ter alguma possibilidade de sobrevivência. (CORTELLA, 2016, p. 21)

Se esse contexto provoca uma acentuada desigualdade econômica, no contexto social e emocional não seria diferente. A busca por melhores condições de vida numa sociedade que funciona baseada em um modelo de acumulação desigual e competitividade acirrada se torna mais um aspecto complicado que o indivíduo precisa aprender a lidar. De acordo com Han (2017), esse quadro fomenta nos trabalhadores uma individualidade cada vez maior, já que cada um precisa garantir o próprio sucesso,

¹⁹ Na China é popular um sistema informal de trabalho conhecido como 996 – consiste em trabalhar nove horas por dia, seis dias por semana. O 996 foi considerado ilegal pela Suprema Corte chinesa em agosto deste ano, após algumas mortes, possivelmente por excesso de trabalho, terem servido como argumentos para processos trabalhistas contra os empresários que praticam esse sistema. A lei chinesa permite, atualmente, no máximo 44 horas semanais de trabalho. (SANTANA, 2020)

e, durante esse processo, acaba também provocando desordens emocionais ligadas à “carência de vínculos, característica para a crescente fragmentação e atomização do social.” (Idem)

Nesse cenário de individualidade acirrada, acumulação desbalanceada e exercício de um trabalho que por vezes se torna estranho ao próprio trabalhador, transformando-o em um indivíduo alienado e insatisfeito consigo mesmo, sem um propósito de vida. Tem início então uma crise de identidade que coloca no trabalhador uma carga emocional que na verdade não pertence somente a ele; esse conjunto de sentimentos e percepções é uma consequência do sistema produtivo capitalista, mas é tratada a nível individual como um problema única e exclusivamente do trabalhador que se percebe nessa situação.

Como a sociedade hoje é mais focada no indivíduo, a ideia de propósito está marcada por um conceito que já existiu e voltou com força: o da realização. E a palavra ‘realizar’ em suas leituras no latim e no inglês indica, respectivamente, realizar no sentido de ‘tornar real’, mostrar a mim mesmo o que sou a partir daquilo que faço, e to realise, na acepção de ‘dar-me conta’. Isso significa a minha consciência. (CORTELLA, 2016)

Portanto, como veremos no último tópico deste capítulo, e como nos lembra Oliveira (2000), “a ausência de liberdade é uma tragédia abominável, assim como o é a liberdade sem as condições mínimas necessárias à sua vivência.” Combinado com as profundas mudanças que a pandemia de Covid-19 nos impôs, veremos que o trabalhador chegou a um lugar tal que, mesmo não se reconhecendo em seu trabalho e continuando a realizar as suas tarefas para se sustentar, precisou se isolar de seus companheiros, por medidas de segurança, e, sozinho, aprender a exercer seu trabalho num espaço antes muito particular e íntimo: na sua própria casa.

2.2 - Um salto para o abstrato: produtos invisíveis, mas essenciais - a Era dos Serviços

A Revolução Industrial do século XVIII marcou a transição da produção artesanal para o que se tornaria a era “fordista”, voltada à produção seriada em massa, focada em fabricar a maior quantidade possível no menor tempo possível, garantindo um grande estoque de produtos e incentivando o aumento do consumo (CARDOSO, 2013). Posteriormente, vimos o fordismo ser superado pelo toyotismo (ANTUNES, XXXX), retomando uma produção mais “lenta”, focada em fabricar a quantidade necessária apenas para atender a demanda e que permitisse um estoque mínimo de

produtos. Os dois sistemas, ao contrário do que possa parecer, não são excludentes, e na verdade um não deixou de existir quando o outro chegou; eles continuaram a coexistir por anos a fio - em paralelo ao desenvolvimento do sistema capitalista.

Com a transição da produção manufatureira em massa para um sistema baseado na oferta de serviços, movimento iniciado em XXXXX e ainda hoje em andamento, vivenciamos uma mudança de paradigma que transfere do produto físico, material, para o produto abstrato, imaterial, a condição de “mercadoria”; o sistema capitalista passa, então, a se valer deste “novo” tipo de “produto” para ampliar suas bases e fomentar novas práticas e discursos que o mantenham como sistema produtivo dominante.

Na época da superprodução, o valor de uso dos bens de consumo transformou-se em algo duvidoso e cedeu lugar ao usufruto do prestígio, ao estar na moda e mesmo ao próprio caráter de mercadoria, o que se denota hoje, com o crescimento da dimensão simbólica dos artefatos. (BONSIEPE, 2015)

Dentre os fatores que possibilitaram essa mudança, em especial, segundo Antunes (2020), teria sido a introdução da lógica do capital no mundo dos serviços, desde meados dos anos 1970, combinada com o desenvolvimento tecnológico e digital. Além disso, poderíamos acrescentar a esta equação a questão da terceirização, estratégia utilizada para mitigar custos produtivos e que se tornou um “instrumento fundamental para o aumento dos lucros” (ANTUNES, 2020).

De qualquer maneira, o importante aqui é ressaltar o desdobramento comportamental dessa mudança; o deslocamento de foco dos produtos materiais para os produtos imateriais reflete-se na transformação dos trabalhadores que os produzem e do público que os consome. Ao fazer da oferta de serviços e experiências produtos do capitalismo, o discurso que acompanha o sistema econômico faz dos trabalhadores novos “prestadores de serviços”, empreendedores, parceiros, colaboradores, etc. Para esta classe, a consequência mais evidente é a formação de um novo proletariado de serviços, já que

os trabalhos assalariados transfiguram-se, então, em ‘prestações de serviços’. [...] Assim, [...] teremos mais informalização com informatização [...]. E a existência de uma monumental força sobrando de trabalho, que não para de se ampliar, intensificando essa tendência destrutiva em relação ao trabalho. (ANTUNES, 2020)

Por outro lado, para os consumidores, começa a se desenvolver uma nova percepção de valores. Com a erosão do modo de vida conhecido na era industrial, vai se

desenvolvendo uma nova maneira de se relacionar com o trabalho, com as mercadorias, e também uma nova forma de se conectar, enquanto indivíduo, a esse trabalho - que segue sendo um dos aspectos mais atuantes na construção da identidade individual e coletiva.

Mais telas, o mesmo espaço

Além de passar a priorizar a “produção” de serviços e experiências, o desenvolvimento do sistema capitalista também foi acompanhado pela digitalização e virtualização das atividades humanas, possibilitadas pela tecnologia. A demanda cada vez maior por estar sempre “conectado” mobilizou o avanço das redes móveis de Internet e o aumento da velocidade e estabilidade dessa conexão, permitindo a facilidade de se conectar por um celular, ou um notebook, e garantindo a mobilidade por meio da qual conseguimos participar de várias atividades remotas sem a necessidade da presença física. Tanto que, conforme nos diz Antunes (2020), “é quase impossível, hoje, encontrar qualquer trabalho que não tenha alguma forma de dependência do aparelho celular.”

Entretanto, ainda que dependamos das telas, sejam elas quais forem, para questões da vida cotidiana como reuniões, aulas, jogos, emails ou encontros de negócios, a palavra “virtual” ainda pode de alguma forma estar ligada a algo que nos remeta a um cenário de algo que não é “real”. Sobre isso, Pierre Lévy nos situa que, na verdade, o ambiente virtual é tão verossímil quanto o ato de pegar o carro e dirigir até o local de trabalho.

O virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sobre a platitudo da presença física imediata. (LEVY, 1996)

Do ponto de vista do trabalho, a questão do espaço onde ele ocorre sempre foi uma parte fundamental de como desenvolvemos nossa relação com essa atividade. Via de regra, o trabalho é geralmente vinculado a um lugar específico: o escritório, a fábrica, a agência, o banco, o veículo, o hospital, dentre outros. Essa relação geográfica influencia a organização social do ponto de vista também temporal, porque há a necessidade de considerar vários fatores que estão entrelaçados a dinâmica trabalhador x local de trabalho x produção, como por exemplo: tempo de deslocamento, meios de transporte necessários, prazos de envio e recebimento de materiais, jornada diária de

trabalho e disponibilidade de transporte público (ou particular), e assim por diante.

Com a possibilidade tecnológica de transpor algumas atividades para o “virtual”, profissões já inseridas no universo digitalizado - como é o caso dos designers, arquitetos, web developers, engenheiros de software, por exemplo - puderam perceber alterações em alguns aspectos antes considerados primordiais, como a relação espaço-tempo, já que

[...] a ligação entre tempo e distância foi quase inteiramente rompida. A proximidade agora entre empregadores, trabalhadores e clientes quase não tem impacto sobre quão rápido um produto ou serviço digital pode ser entregue. (GRAHAM, ANWAR, 2020 in ANTUNES, 2020)

Com isso, se o trabalhador precisava estar no “chão da fábrica” para exercer o seu papel de operário, com a evolução dos meios de produção, a transição de um modelo de produção guiado por produtos para um guiado por serviços, e o avanço tecnológico que permitiu a digitalização de várias tarefas, teve início uma nova percepção para aqueles trabalhadores que podiam exercer suas funções remotamente: o lugar do trabalho, aquele espaço específico onde ele precisa estar para exercer a sua função, deixa de ser necessário; agora é possível fazer uma parte do trabalho de maneira virtual e imediata.

Diferentemente de um fazendeiro ou de um trabalhador fabril, os trabalhadores digitais têm muito menos necessidade de estar fisicamente próximos do objeto de seu trabalho. (GRAHAM, ANWAR, 2020 in ANTUNES, 2020)

A respeito dessa condição, Graham e Anwar (2016) trazem um conceito do teórico David Harvey para mostrar que, na verdade, essa nova configuração da relação entre o local de trabalho e o tempo disponível do trabalhador não se deu gratuitamente; isso aconteceu porque, aliado às tecnologias e baseado nas estratégias de expansão do capital, seria uma forma de aumentar a lucratividade diminuindo custos, pois eliminando o tempo de deslocamento, por exemplo, o trabalhador poderia se dedicar mais tempo à realização de suas tarefas - sendo mais produtivo manter este cenário, que podemos compreender a partir de um mecanismo chamado de “ordenações espaço-temporais”.

Uma maneira de pensar a atual configuração do trabalho digital é como uma construção deliberada do capital contemporâneo. O capitalismo é inerentemente assolado por crises e, para superar as crises e sobreviver, o capital cria um terreno físico ou produz espaço à sua imagem. David Harvey referiu-se a tais processos como “spatio-temporal fixes” [ordenações espaço-temporais]. Há dois significados para “fix” aqui: primeiro, um significado literal, a fixação do capital em um local em forma física (fábricas ou infraestrutura para transporte); segundo, um significado metafórico, uma

solução para as crises no capitalismo por meio da reorganização espacial do capital e de estratégias específicas para abordar tais crises. Em outras palavras, “fixes” representa a capacidade do capitalismo de criar uma paisagem (apenas para destruí-la em um ponto subsequente no tempo) para a efetivação dos lucros, ainda que temporários. As ordenações levam a novas contradições e, portanto, à introdução de novas rodadas de ordenações espaço-temporais. Assim, elas podem ser entendidas como uma busca sem fim para a transformação tanto interna quanto externa do capitalismo, por meio da “expansão e reestruturação geográficas”. (GRAHAM, ANWAR, 2020 in ANTUNES, 2020)

Contudo, o que ninguém poderia imaginar é que esse processo de reordenação, que ocorre normalmente de tempos em tempos, seria acelerado e percebido num prazo muito mais curto que o usual, devido à chegada de uma pandemia: a Covid-19. As limitações de mobilidade, as restrições de contato e as medidas de isolamento social impostas pelas medidas de segurança contra o coronavírus formaram um terreno fértil para a proliferação da digitalização de todas as esferas da vida, e não apenas do trabalho - mas foram, sobretudo, as restrições incidentes sobre ele que nos fizeram refletir sobre o tipo de relação laboral que estava sendo estabelecida de maneira tão natural, com alguma insatisfação, porém sem nenhum questionamento. E como veremos a seguir, este cenário de aparente “apatia” mudou radicalmente.

2.3 - Uma pandemia no horário de expediente

Com a chegada da pandemia do Covid-19 ao Brasil, em meados de março de 2020, o primeiro momento foi certamente de muitas dúvidas, medo e angústia. Assim como no resto do mundo, o país também precisou aprender a se adequar ao “novo normal” ao mesmo tempo em que tentava entender de que maneira lidar com o coronavírus, e quais medidas imediatas poderiam ser tomadas para conter a disseminação dos casos da doença - além de, obviamente, se preocupar em sobreviver. Uma das principais decisões das autoridades nessa época foi a implantação de períodos de “lockdown”, quando a circulação de pessoas nas ruas ficava proibida - exceto em caso de saídas para o mercado, farmácias ou hospitais -, e que também nos fez experimentar um contexto de cerceamento das nossas próprias vidas²⁰.

Limitados ao espaço de casa, a digitalização permitida pela tecnologia

²⁰ De maneira geral, os municípios brasileiros vivenciaram o lockdown em diferentes momentos e circunstâncias. Cada cidade do país teve seus próprios períodos de lockdown ou de restrições de mobilidade, decretados de maneira independente, e variando a severidade do isolamento conforme a ordem das autoridades locais. Além disso, também foram elaboradas listas de serviços essenciais, cujos profissionais poderiam circular pela cidade utilizando máscaras e mantendo o distanciamento social; e outras listas de serviços não essenciais, também variando de acordo com cada localidade.

disponível foi a saída encontrada para dar prosseguimento à realização dos compromissos diários - não apenas de trabalho²¹: adequamos as reuniões para o mundo online, as aulas viraram ensino à distância, apresentações e eventos passaram a reunir os participantes online, o envio de documentos por email e WhatsApp se tornou regra ao invés de opção, encontros com amigos e familiares eram via chamadas de vídeo, e assim sucessivamente.

Com o lockdown, um grande número de pessoas foi forçado a superar o limiar das dificuldades operacionais e psicológicas de utilizar tecnologias digitais em setores nos quais não tinham nenhuma prática. O resultado tem sido que muitas pessoas começaram a considerar “normal” realizar de forma online atividades que anteriormente eram próprias do mundo físico. Como é bem conhecido, essa condição teve implicações positivas e negativas. [...] De fato, essas tecnologias podem ter efeitos opostos: elas podem nos mover em direção a uma crescente “deslocalização”, individualização e virtualização (e esta tem sido a tendência até o momento). Ou, essas tecnologias podem ir na direção oposta, apoiando novos processos de localização e construção de comunidade²². (MANZINI, 2018)

No caso das atividades relativas ao trabalho, várias profissões já eram familiares à experiência de realizar tarefas remotamente, mas a prática era uma via opcional e utilizada mais em casos esporádicos do que diários. No Campo do Design, inclusive, por ser uma área profissional muito ligada à tecnologia, esse cenário era muito comum entre freelancers e profissionais envolvidos com projetos digitais. Com a pandemia, a diferença é que essa condição deixou de ser uma escolha e passou a ser obrigatória (ainda que por um período determinado), devido às restrições de mobilidade implementadas como medida de segurança contra o Covid-19.

Somado a esta limitação, temos ainda a questão do viés emocional dos indivíduos, fortemente afetados não apenas pelas mudanças de rotina impostas pela pandemia, mas pelo “simples” fato de terem suas vidas ameaçadas por uma doença de rápido contágio, chances incertas de sobrevivência e, para os curados, possibilidades de apresentar sequelas por toda a vida.

²¹ Mais uma vez ressaltamos que o recorte desse projeto de pesquisa diz respeito àquelas profissões que permitiram a adequação de suas funções para o modo online; empregos e ocupações estritamente presenciais não foram considerados neste cenário.

²² Tradução livre do original: “With the lockdown, a large number of people have been forced to overcome the threshold of practical and psychological difficulties in the use of digital technologies in sectors previously not practised. The result has been that many have begun to consider it “normal” to do online activities that, before, were considered to be normal in the physical world. As it is well known, this fact has implications that can be both positive and negative. [...] In fact, these technologies can have opposite effects: they can push towards an increasing de-localization, individualization and virtualization (and this has been the dominant trend so far). Or, they can go in the opposite direction, supporting new place and community building processes.” (MANZINI, 2018). Disponível em: <https://www.desisnetwork.org/2020/07/09/conversations-2020-reset/>

Quando enfrentamos experiências que nos lembram que nossa existência mortal é transitória e que a tragédia pode nos atingir com pouco ou nenhum aviso, tendemos a ficar motivados a avaliar o que faz a vida valer a pena, (ROUTLEDGE, 2021 in MORGAN, 2021)

Todo esse conjunto de acontecimentos sucessivos e acelerados - tensão constante, inseguranças, não poder sair de casa, ter que se adequar a novas formas de trabalho, realizar diversas atividades dentro do mesmo espaço, aprender novas ferramentas tecnológicas para conseguir se ajustar ao “novo normal” - exigiram um tipo de resiliência que ninguém esperava - ou acreditava - ser possível entregar de maneira tão imediata. Ao longo desse processo de adaptação, ressurgiram algumas questões que, passadas o primeiro momento de pânico e adequação, acabaram refletindo também no âmbito do trabalho: que tipo de relação estamos exercendo para com o nosso trabalho? Como o fato de estar trabalhando dentro de casa - espaço onde somos muitas outras coisas além de um funcionário - está afetando a nossa relação com o tempo? Como estar “preso” nesse “novo normal”, por um tempo que não sabemos qual será a duração, afeta a percepção que fazemos de quem somos?

Questões como essas, já mencionadas no início deste trabalho, nos levam a procurar caminhos diversos para tentar respondê-las; essa busca, entretanto, não pode ocorrer senão vinculada ao contexto histórico e social onde existimos, que nos influencia e que é influenciado por nós (BURKE, 2017).

Por isso, numa tentativa de compreender as camadas de complexidade que configuram as questões retomadas acima, falaremos de dois aspectos dominantes na vida de um trabalhador - não só do Design, mas de qualquer profissão - e que foram evidenciados de maneira inegável pela pandemia: autonomia e precarização.

Autonomia x fetichismo

Uma das principais características do sistema capitalista de produção, conforme mencionamos no início deste capítulo, é disfarçar as relações sociais de produção, que operam para que esse sistema continue vigente, em detrimento da valorização das mercadorias produzidas, invisibilizando assim a relação social dos produtores com o objeto produzido. Esse *modus operandi* não é fortuito, e acontece devido a um processo conceituado como “*fetichismo da mercadoria*”, que, de acordo com Marx (1983 in MATIAS, 2014), pode ser entendido como uma representação das “formas de consciência que mistificam as relações sociais de produção concretas,

calçadas no antagonismo entre capital e trabalho e que tem como resultado a exploração do ser humano pelo ser humano.” (MATIAS, 2014).

A incidência do *fetichismo* não é exclusiva das relações materiais, tendo em vista que esse mesmo conceito também pode ser aplicado a outras instâncias produtivas movidas pelo capitalismo. Na economia de serviços, por exemplo, em que a mercadoria se transforma em um produto imaterial, como já tratado neste projeto, o sujeito que realiza o serviço - enquanto ser humano com ambições e vontades próprias - é obliterado pela superioridade atribuída ao título “prestador de serviço”: o cargo se sobressai à pessoa²³.

Trazendo de volta o conceito de Marx para liberdade, se o combinarmos com a ideia de *fetichização*, é possível deduzir então que, enquanto trabalhadores “proprietários” da própria força de trabalho, dispomos de uma liberdade “*fetichizada*”, na qual o indivíduo acredita em sua própria autonomia - para trabalhar, para consumir, para existir da forma que bem entender - mas não percebe como ela é cerceada por outras práticas e outras instâncias que não dependem da sua ação individual, e sim de ações que envolvem a coletividade²⁴.

As mercadorias têm (o poder) de fazer com que as pessoas se movimentem atrás das coisas, vivam em função das coisas. Mais forte ainda é o fetiche do dinheiro, porque as pessoas organizam as suas vidas para ganhar dinheiro. Porque se não ganharem dinheiro, elas não têm poder aquisitivo no mercado, e portanto, elas ficam de fora, marginalizadas, excluídas da sociedade burguesa. Mas o fetiche é mais que isso. Na passagem para o dinheiro, aparece um descolamento em relação às coisas, não se trata simplesmente do ter e do ser, da coisificação, porque o dinheiro não é exatamente uma coisa. Embora na época de Marx o dinheiro fosse o ouro, ou as células resgatáveis que eram trocadas por ouro, com o desenvolvimento do papel moeda ao longo dos séculos XIX e XX, e depois com o aparecimento dos crediários, cartões de crédito, e débito, o dinheiro se torna ainda mais imaterial, impalpável. Portanto, o fetiche do dinheiro aparece dentro dessa dimensão da representação. São as representações que movem as pessoas. A representação da posse, da riqueza. (GRESPLAN, 2019)²⁵

²³ “O caráter fetichista da mercadoria tem sua origem na própria esfera da produção e sua realização, na circulação. É o próprio movimento do capital que, ao se apropriar do trabalho social em seu conjunto, transforma a relação entre os indivíduos numa relação entre coisas, ao mesmo tempo em que obscurece a percepção social deste processo.” (MATIAS, 2014, p. 219)

²⁴ “Associar as noções de ‘liberdade’ e de ‘criatividade’ aos padrões capitalistas de produção e consumo (como o fazem alguns teóricos do design), não pode ser tomado senão como uma abstração, uma fetichização da exploração dos trabalhadores pelo capital.” (MATIAS, 2014, p. 250)

²⁵ “A crítica ao *fetichismo* inerente aos produtos do trabalho, ao *sensualismo* da mercadoria, é uma tarefa necessária, mas insuficiente. Corre-se o risco de enfatizar demasiadamente os caprichos do mercado, em detrimento do caráter principal da exploração que é a cisão entre *proprietários* e *não proprietários* de meios de produção, entre aqueles que *controlam* o processo e os que estão subordinados à hierarquia da organização capitalista do trabalho. Um belo e funcional objeto pode ser necessário, mas jamais irá inverter a relação capital-trabalho.” (MATIAS, 2014, p. 250)

De maneira geral, no que diz respeito à classe trabalhadora, podemos entender que essa representatividade, própria do sistema econômico capitalista, acentua as diferenças sociais e faz a lógica da autonomia se sobressair porque fomenta no indivíduo essa busca pelo “poder” (de participar da sociedade enquanto detentor de meios que validem a sua presença), e transfere a ele a responsabilidade de obter os recursos para tal, seja na forma de mais um emprego, como prestador de serviços, empreendedor, ou qualquer outra nomenclatura relacionada à esse contexto.

Se antes da pandemia os profissionais dispunham de “liberdade” e “autonomia” para trabalhar em quais empregos quisessem, utilizando a infraestrutura oferecida pelos locais de trabalho aos quais se vinculavam, com as medidas de isolamento provocadas pelo Covid-19 essa relação se inverteu: o trabalhador, impossibilitado de se deslocar para o trabalho, precisou trazer o trabalho para a infraestrutura da sua própria casa. Sem falar na disponibilidade de equipamentos, energia elétrica, materiais de trabalho, alimentação, serviços de internet e telefone, custos de produção que foram absorvidos pelo trabalhador “livre” e “autônomo” - possivelmente para a felicidade das empresas.

Outra importante questão é que, isolados em casa e precisando continuar a busca por meios de sustentar a si e a suas famílias, os trabalhadores são impelidos a oferecer sua força de trabalho a um grande contingente de empregadores, na tentativa de garantir uma posição no mercado.

Essa superoferta de trabalho tem o efeito de empurrar para baixo os custos do trabalho e restringir a capacidade dos trabalhadores de barganhar melhores condições. [...] Os trabalhadores são classificados como independentes, em vez de empregados, e são impelidos a se sentir como empreendedores relativamente atomizados competindo por trabalhos temporários em um mercado global, mais do que empregados ou trabalhadores com interesses cruciais em comum, que possuem direitos enquanto empregados e que talvez se beneficiem de organização e negociação coletivas. Os trabalhadores com frequência reconhecem que são competidores relativamente atomizados no mercado global, estando cientes de que, se não fizerem um trabalho nas cotações e condições que a eles são oferecidas, alguma outra pessoa o fará. (GRAHAM, ANWAR, 2020 in ANTUNES, 2020)

Conscientes da situação em que se encontram, profissionais de diferentes formações e níveis educacionais se veem obrigados a compactuar com um sistema que de um lado dispõe de diversas possibilidades de emprego e vínculos laborais, e, de outro, empobrece a relação trabalho x trabalhador, oferecendo condições cada vez piores para o exercício do trabalho - em especial aqueles relacionados (e dependentes) ao mundo digital.

Precarização e ressentimento

Mark Graham e Mohammad Anwar (apud ANTUNES, 2020, p. 52) afirmam que o trabalho digital promoveu um novo tipo de ordenação, que por sua vez gerou um exército de reserva de trabalho. Mas, para além desse “estoque”, segundo os autores, a condição relevante nesse cenário é a inclusão, nessa reserva de trabalhadores, daquelas pessoas que estavam além dos limites de controle do capital enquanto trabalhadores, como estudantes, aposentados, donas de casa e desempregados. Sobre essa questão, eles questionam: “seria essa, contudo, uma ordenação fundamentalmente diferente, em natureza, das anteriores, em uma economia mundial interconectada?” (idem)

Baseados nos argumentos anteriormente apresentados, arriscamos a dizer que a resposta seria “sim”: a diferença primordial, que faz dessa nova ordenação do trabalho algo diferente, é que a digitalização tornou essa “reserva” de trabalhadores disponíveis e acessíveis em escala global, graças à possibilidade de estarem interconectados. Esse argumento é reforçado por Grohmann, quando nos lembra que “é crescente a dependência de plataformas digitais para se conseguir ou realizar alguma atividade de trabalho, [...] plataformas com diferentes perfis de trabalhadores.” (GROHMANN, ano)

Assim, dispomos então de uma grande reserva de trabalhadores disputando um espaço cada vez mais concorrido por quem precisa e menos valorizado por quem detém os meios de produção; de trabalhadores isolados socialmente e restritos aos espaços de suas casas; e, por fim, de uma enorme quantidade de pessoas que precisa ser absorvida pelo mercado de trabalho, do contrário não conseguirão se sustentar.

Todos esses aspectos combinados terminam por levar a sociedade a um estado de fragmentação nunca antes visto, onde começam a florescer questões próprias desse cenário: aumento do individualismo (com a dispersão da classe trabalhadora enquanto coletivo unificado), sintomas físicos vinculados a estresse e ansiedade, aparecimento cada vez mais frequente de transtornos emocionais relacionados ao ambiente de trabalho, alteração da percepção do tempo, dentre outros.

Ao perceber que o isolamento social realizado sob a pandemia vem fragmentando ainda mais a classe trabalhadora, assim dificultando as ações coletivas e a resistência sindical, procuram avançar também na ampliação do home office e do teletrabalho, [...] **embaralhando de vez o tempo de trabalho e de vida da classe trabalhadora.** (ANTUNES, 2020)(grifo meu)

Do ponto de vista sócio-emocional, com a disparidade econômica já acentuada pelo desenvolvimento capitalista e ainda mais intensificada pela pandemia, se aprofunda também a sensação de ressentimento entre trabalhadores e as classes mais

elitizadas, que quase sempre são as grandes proprietárias dos meios de produção. Isso porque, mesmo se desdobrando em vários trabalhos, adaptando suas rotinas para manter o exercício de suas profissões e criando novas formas de buscar os meios necessários para se manter, é notória a percepção de que, para os trabalhadores, a sua condição não evolui, enquanto os “patrões” seguem enriquecendo.

Junto a esse quadro, soma-se o fato de que, mesmo que o trabalhador quisesse outro emprego ou outro meio de sustento, ele não é livre para barganhar por melhores condições de trabalho ou sequer para abandonar o emprego; primeiro porque tem medo de não conseguir uma negociação bem sucedida e, ao contrário do que buscava, ser dispensado; e segundo, porque ele sabe - e seu empregador também - que ao abandonar seu posto de trabalho, por pior que seja, sua falta não será percebida, já que existem outras milhares de pessoas desempregadas apenas aguardando por uma oportunidade.

Observe-se, por outro lado, o fascínio que feriados prolongados, férias e aposentadorias precoces exercem sobre as pessoas. Funcionam, consciente ou inconscientemente, como meios de se livrar do trabalho, especialmente do trabalho formal. [...] O trabalho em si não é nenhum obstáculo à vida. A questão é a relação estabelecida entre trabalhador e trabalho. O vínculo do indivíduo com o trabalho formal é demasiadamente pobre, superficial e, em princípio, desprovido de prazer. A selvageria que marcou nossas relações de trabalho, no decurso dos três séculos e meio de escravismo e principalmente nos anos amargos que antecederam ao aparecimento e prática das leis trabalhistas (CLT), fez e ainda faz da relação homem-trabalho uma experiência, senão amarga, pelo menos desprovida de prazer. (OLIVEIRA, 2000)

Esse panorama, descrito acima por Oliveira, apesar de não ser algo recente, tomou novas dimensões por conta da pandemia de Covid-19. Além de evidenciar a questão da insatisfação em relação ao trabalho, o coronavírus provocou uma revolução também de ordem individual, trazendo à tona questionamentos de ordem mais complexa do que simplesmente a necessidade de mudar de emprego ou de área profissional. Passamos a questionar o sentido do trabalho em relação às nossas vidas, o propósito de fazer o que fazemos, para nós e para o mundo; e, com a transposição do local de trabalho para dentro das nossas casas, passamos também a questionar o tempo de vida que disponibilizamos para ele.

2.4 - A crise de sentidos: quem somos além do emprego em que estamos?

A acelerada transformação que a pandemia de Covid-19 nos impôs enquanto trabalhadores foi muito eficaz no sentido de suprimir qualquer possibilidade de ser questionada. Não houve tempo nem espaço para enfrentar esse novo cenário de maneira

e também uma crise existencial. Primeiro a gente sobrevive, depois a gente avalia a que custos isso foi possível. Assim, não tardou para que sentimentos como exaustão, tortura psicológica, perda de propósito começassem a se tornar comuns para os trabalhadores, que, vale lembrar, mesmo conectados a seus postos de trabalho e interagindo virtualmente, se encontravam confinados e restritos ao ambiente de seus próprios lares - cenário que, de maneira complementar, evidenciou para os próprios trabalhadores a natureza das relações laborais *fetichizadas* por essa digitalização.

A plataformização²⁶ do trabalho envolve uma primeira dimensão, que é a do trabalho para plataformas, como ocorre com os entregadores, mas também tem outra: quando estamos trabalhando com outras coisas, mas precisamos de uma plataforma para realizar uma tarefa. O trabalho de influenciadores e criadores de conteúdo depende de lógicas e mecanismos de plataformas. A pandemia deixou mais claro esse lado menos reluzente da plataformização. Um tempo atrás, nas minhas pesquisas sobre o trabalho dos jornalistas, via muitos dizendo: “Não sou um trabalhador, sou um intelectual”. Ou um publicitário dizendo: “Sou um criativo”. Não se colocava, antes, essa condição de ser um trabalhador e depender disso para viver. Hoje vemos até youtuber dizendo: “Dependo dos mecanismos da plataforma para poder monetizar meu vídeo”. Não é como em uma fábrica, mas é uma relação de trabalho. (GROHMANN, 2021)

Ademais, outro aspecto relativo à vida digital dá conta das expectativas que as pessoas começaram a criar da própria realidade. Mais conectados, por mais tempo, os indivíduos consomem mais conteúdos, recebem mais estímulos visuais e desenvolvem um mecanismo perigoso de comparação de si com o outro, o que, por exemplo, “faz um garoto de 20 anos achar que é um fracasso porque não ganhou um milhão de reais ou um prêmio em Cannes.”²⁷

Segundo o psicanalista Christian Dunker (2016), isso ocorre porque há uma percepção “absurda”, fora da realidade, no que tange à dinâmica comparativa entre o “eu” e o mundo. E

como se diminui isso? Diminuindo o tamanho do mundo. Se o mundo é menor, o meu ego aumenta. Ou, eu aumento o tamanho do mundo e diminuo o tamanho do eu. Mexemos artificialmente no tamanho do mundo, e do outro lado estão você e suas potencialidades. O mundo ainda não viu, mas você tem que ter certeza que foi prometido para um futuro glorioso. À medida que a pessoa acredita num delírio como esse, certas modalidades de sofrimento vão se acirrando: baixa auto estima, fracasso, baixa capacidade de construir intimidade. (DUNKER, 2016)

²⁶ Grohmann prefere usar o termo “plataformização” ao invés de “uberização”, utilizado por Antunes (2020), porque acredita que o segundo remete apenas a Uber, quando há várias outras plataformas disponíveis.

²⁷ DUNKER, 2016.

Essa argumentação é complementada por Souza (2021), que acredita haver nas relações sociais mediadas por plataformas

o pressuposto fundamental de que somos protagonistas de uma narrativa à qual todos querem assistir avidamente. E, lá, podemos editar essa realidade o quanto quisermos: “ter a própria voz”. Mas é impossível dissociar a dimensão pessoal da dimensão econômica de tudo que habita as redes sociais. Por isso, ao construirmos nossas narrativas, necessariamente nos tornamos produtos. Assim, aquele “protagonismo” se transmuta na lógica do “empreendedor de si”, do “self-branding” e na dinâmica de influencers. É nessa dinâmica de mercantilização que a autonomia é corrompida em individualismo meritocrático e, por sua vez, as relações sociais são reduzidas ao networking. Para ver isso ao vivo, é só abrir o seu LinkedIn. (SOUZA, 2021)

Esse discurso de viés meritocrático tomou grande força na sociedade em que vivemos. Para Han (2017), isso se deu porque na “sociedade do desempenho”, como descreveu, “a positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever” (HAN, 2017, p. 25). Assim, você teria o poder de conquistar o que deseja, e se não conseguiu, a culpa não é do sistema econômico desigual, da falta de estrutura básica nos sistemas educacionais e de saúde, por exemplo; a culpa é exclusivamente sua, porque não se organizou o suficiente, já que, se você se organizar, priorizar e tiver foco, será capaz de conquistar tudo que deseja (DUNKER, 2016).

Essa percepção é complicada porque, como lembra Cortella (2016), “somos seres que têm de construir a própria realidade”, o que inclui a noção que temos do que representa o trabalho em nossas vidas.

A noção de trabalho é tão forte entre nós que perpassa outras esferas da nossa vida. Até a noção que temos de saúde está ligada à ideia de trabalho. Você só se considera saudável quando pode voltar a trabalhar, não quando é capaz de passear, transar, cantar, dançar. O propósito original do trabalho é que não nos deixemos morrer. Afinal de contas, somos seres de carência, de necessidade. (CORTELLA, 2016, p. 16)

Na tentativa de suprir essas lacunas, seguimos num ritmo incessante de busca, de organização, de priorização de atividades, de controle otimizado do tempo e aumento de produtividade para que os dias “rendam mais”. Esse modus operandi cria uma tensão emocional constante, sempre presente, e desperta em nós um sentimento de continuidade que parece acelerar o próprio tempo (DUNKER, 2016).

Quando as pessoas investem uma quantidade desproporcional de tempo e energia em suas carreiras, explica a professora de psicologia Anne Wilson, isso pode levar a um estado psicológico denominado “enredamento”, em que as fronteiras entre trabalho e vida pessoal ficam turvas. Isso tende a acontecer especialmente com pessoas com empregos que são relativamente autodeterminados, em que você não bate ponto às 9h e às 17h. Pessoas em cargos executivos de alto escalão, advogados, médicos, empresários, acadêmicos e outros que estabelecem seus próprios horários

"podem acabar deixando seu trabalho ocupar muito — ou a maior parte — do tempo de suas vidas". (MORGAN, 2021) (grifos meus)

Como gerenciar essa questão do tempo de trabalho x o tempo de não-trabalho, é até hoje uma incógnita, e constitui uma das motivações que deram origem a este projeto, conforme já mencionado anteriormente. De acordo com Dunker (2016), a busca por essa capacidade de gerir melhor o tempo foi inclusive o que levou a sociedade a se tornar "obcecada por contratos" de todo tipo, talvez numa tentativa exatamente de separar melhor quem eu sou para o meu trabalho (público) e quem eu sou fora dele (privado).

Retomando o contexto da pandemia e suas medidas restritivas impostas aos trabalhadores deslocados para o home office, o argumento de Dunker poderia explicar, por exemplo, a dificuldade em estabelecer um horário de expediente quando se trabalha dentro de casa; ou se devemos responder às mensagens de trabalho recebidas no celular durante o final de semana.

Fato é que, independentemente destes questionamentos e possíveis soluções serem analisados como adequados ou corretos, além de não saber como agir nesses casos as pessoas ainda precisam lidar com o viés subjetivo destas questões, perceptíveis em divagações como: "e se eu não responder, vou ser demitido?", "Será que é algo urgente?", "É melhor trabalhar no final de semana e adiantar o trabalho do que ficar trabalhando até muito tarde durante a semana", "Se eu não entregar rápido serei visto como preguiçoso", "Vou enviar o e-mail mais tarde para a hora de envio registrar que trabalhei além do expediente", dentre muitas outras.

O perigo de um comportamento como esse mora no fato de que ao me envolver totalmente com o trabalho, de maneira desmedida e desatenta, é possível que eu projete nele a minha individualidade e, conseqüentemente, o quanto eu valho enquanto trabalhador. Como afirma Morgan (2021), "quando você fica tão enredado no trabalho a ponto de ele começar a te definir, você também pode começar a permitir que ele determine seu próprio valor"; situação que pode, inclusive, levar à normalização do cenário de precarização, descrito anteriormente neste capítulo.

Se atualmente ainda vivemos em uma "sociedade do cansaço", para usar o termo de Byung-Chul Han (2017) que deu nome ao livro com esse mesmo título, não é apenas pelo excesso de trabalho. "O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho" (HAN, 2017, p. 27), de precisar estar sempre em modo de produção, de entrega de resultados,

de ser o tempo todo produtivo, para ser, enfim, valorizado.

Uma consequência de manter esse tipo de atitude é chegar ao ponto de estar tão saturado de manter esse estado de vigilância e produtividade que as tarefas se tornam automáticas. O indivíduo não consegue mais oferecer atenção ao trabalho que realiza, e ele se torna enfadonho, automatizado, sem sentido e alheio ao propósito de vida do trabalhador.

O perigo é quando a rotina deixa de ser algo que me prepara melhor para aquilo que estou fazendo e passa a ser algo no qual eu não presto atenção. Isto é, quando a repetibilidade se torna automatismo. Há uma diferença entre a rotina, na qual eu faço uma atividade notando a sequência correta e a completo, e a monotonia, em que a faço sem perceber. Nessa hora a motivação falece. Seja qual for a profissão. (CORTELLA, 2016, p. 40)

No século XXI, ainda segundo Cortella (2016), “o conhecimento é muito importante para [...] que o indivíduo não se sinta alguém que apenas ganha seu sustento, mas que colabora, realiza e tem uma vida com propósito” (idem, p.45). Ou seja, estar em acordo com o que se produz e com o que se acredita se tornou fundamental para que o trabalhador possa buscar a sua identidade, o que, de acordo com Bonsiepe (2015), é motivado pelo desejo de autonomia - compreendida como nada menos do que o poder e a capacidade de codeterminar o próprio futuro. (idem)

Capítulo 3 - 24/7: questionamentos e percepções transformados num projeto visual

Utilizando como tema geral a relação entre trabalho e individualidade, intensificada pela pandemia de Covid-19, ao longo do desenvolvimento do presente projeto foram analisadas algumas ideias para dar conta de nomear e representar a complexidade relativa aos temas aqui abordados - e também para nortear que tipo de proposta visual seria pertinente fazer para este material. Produtos impressos ou físicos estavam fora de cogitação, tanto pelos custos quanto por princípios pessoais de minimizar o impacto que os resíduos sólidos causam no planeta. Produtos digitais como aplicativos ou sites, tão em voga por serem vistos como elementos básicos do portfólio de um designer, também não eram uma opção viável para mim; nunca me interessei profundamente por essa área específica, e ainda que pudesse aprender mais sobre isso para aplicar nesta pesquisa, do meu ponto de vista, não havia uma conexão relevante e suficiente entre esse formato e o tema trabalhado aqui que justificasse tal esforço.

Durante o processo de pesquisa de referências, de reuniões de orientação e também de reflexões individuais sobre o projeto, um ponto que me chamou muita atenção durante os vários períodos de lockdown implementados tanto no Rio de Janeiro quanto em Belém, cidades onde dei forma a esta pesquisa, foi o uso de projeções visuais nos prédios das cidades. Percebi as projeções como uma forma de democratizar o acesso a diversos conteúdos, criar um espaço de diálogo (dadas as condições de distanciamento impostas pela pandemia) e ainda disponibilizar para a sociedade uma série de provocações - com o adicional de não gerar resíduos materiais. Estava decidido: as projeções digitais seriam a minha plataforma de apresentação visual do projeto.

3.1 - Objetivo

A ideia principal com a escolha das projeções digitais como forma de visualização reside em aproveitar o espaço público (a rua) como espaço de diálogo e reflexão, pois como escreve Carlos Falci (2021), projetar em fachadas de prédios e muros é “também uma forma de ocupar simbolicamente os espaços vazios das ruas, em função das medidas de distanciamento social” (idem) que foram implementadas graças a pandemia – ressaltando que, de acordo com a afirmação de William Gibson: “a rua descobre seus próprios usos para as coisas - usos que nem o mercado imaginava” (GIBSON, 2012 apud MOHERDAUI, 2020).

Assim, como já mencionado anteriormente, o foco deste projeto é a investigação do trabalho como inerente à atividade humana, e a partir disso, a busca por compreender se ele determina aspectos individuais subjetivos que, em conjunto, constroem a relação percebida coletivamente entre trabalho e indivíduo.

Lembrando que, a posteriori, o objetivo deste projeto de pesquisa é tão somente tornar disponível a provocação, convidar à reflexão sobre as questões aqui apresentadas – verificar a efetividade, as consequências e possíveis desdobramentos que as projeções podem ter ocasionado não fazem parte do escopo deste projeto, e ficam como sugestões de pesquisa para o desenvolvimento de novos trabalhos.

Essa proposição, para mim, também representa um alento à visão de que todo designer é um solucionador de problemas, conforme defende a “teoria do comportamento de resolução de problemas (*problem solving behaviour*), segundo a qual a solução de problemas é a atividade humana por excelência” (BONSIEPE, 2015, p. 96). Com este projeto, meu intuito é reconhecer a existência de um conjunto de questões problemáticas inter-relacionadas, e cuja solução não pode ser proposta apenas por designers, ou por qualquer profissional de um campo específico do conhecimento de maneira individual.

3.2 - Metodologia

Uma visão projetual que considero muito frutífera, e pertinente, é descrita por Ezio Manzini (2018) como uma “sequência de conversas e ações sobre o mundo”, no sentido de realizar uma investigação coletiva em direção à transformação que gostaríamos de ver, de fato, realizada.

O conceito de "projeto" é muito rico e, ao longo do tempo, e em vários campos culturais, prestou-se a muitas definições. Para mim, neste contexto, um projeto é uma sequência de conversas e ações sobre o mundo, cujo objetivo é aproximá-lo do que se deseja que seja. Fazê-lo implica: avaliação crítica do estado de coisas, imaginação de como gostaríamos que fossem, disponibilidade do sistema de relacionamentos e ferramentas necessárias para implementar sua transformação. E isso, tanto no plano do seu funcionamento prático (*problem solving*), quanto do seu significado (*sense making*). (idem)

Com isso em mente, iniciei este projeto realizando um levantamento bibliográfico, apresentado nos capítulos 1 e 2, a respeito da temática do trabalho e sua relação histórica com os seres humanos, para que pudesse construir um corpo teórico suficiente à manutenção dos argumentos aqui encadeados. Esta etapa, bastante longa, foi realizada de março a agosto de 2021 de forma mais intensa e divergente, e,

posteriormente, de setembro a outubro deste mesmo ano, já com um escopo de pesquisa melhor delineado e pontos de convergência mais evidentes, discutidos - e algumas vezes reformulados - durante os encontros e debates com a professora Raquel Ponte, orientadora deste trabalho.

É importante ressaltar que, durante esta etapa inicial do projeto, uma mudança fundamental para a estruturação dessa pesquisa foi a readequação do recorte utilizado para elaboração da fundamentação teórica sobre o tema “trabalho”: antes delimitada ao Campo do Design, após algumas semanas de leituras e discussões decidimos ampliar o recorte projetual para outras profissões além do designer, tendo em vista a relevância e a influência do tema para as demais áreas do conhecimento - que, assim como o Design, também são profundamente afetadas pelas transformações no mundo do trabalho.

Em paralelo à pesquisa bibliográfica, sempre esteve muito claro que este projeto estaria muito mais alinhado a vieses qualitativos ao invés de quantitativos. Isso porque os questionamentos propostos como investigação, quais sejam, “como o contexto da pandemia transformou a nossa relação com o trabalho?”; “como a transposição do lugar- de-trabalho para o lugar-de-morar afetou a nossa relação com a separação entre vida no trabalho e vida fora dele?”; e “como todas essas mudanças afetaram a percepção que temos de nós mesmos, de quem somos?”; se mostraram muito profundos para serem analisados através de um questionário ou alguma outra ferramenta de pesquisa similar.

Assim, optei por fazer duas entrevistas coletivas em formato de grupo focal, ambas realizadas de maneira remota, por meio da plataforma de vídeo-chamadas Zoom. O primeiro grupo focal, entrevistado em maio deste ano, contou com a presença de cinco estudantes de Design, todos da UFRJ, dos cursos de Comunicação Visual Design e também de Projeto de Produto. O segundo grupo, por sua vez, foi entrevistado em agosto deste ano, e, já em respeito à ampliação do recorte projetual, teve a presença de quatro pessoas, desta vez todos profissionais graduados e atuantes em diversas áreas: uma professora universitária de Biologia, que trabalha em regime de horas, respondendo à demanda de cada projeto onde está alocada; um designer, contratado como funcionário com horário de expediente regular e regido pelas normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT); uma empreendedora com graduação em Design Gráfico, autônoma; e uma “nômade digital”, graduada e pós-graduada em Engenharia Ambiental, atualmente trabalhando como turismóloga, também autônoma.

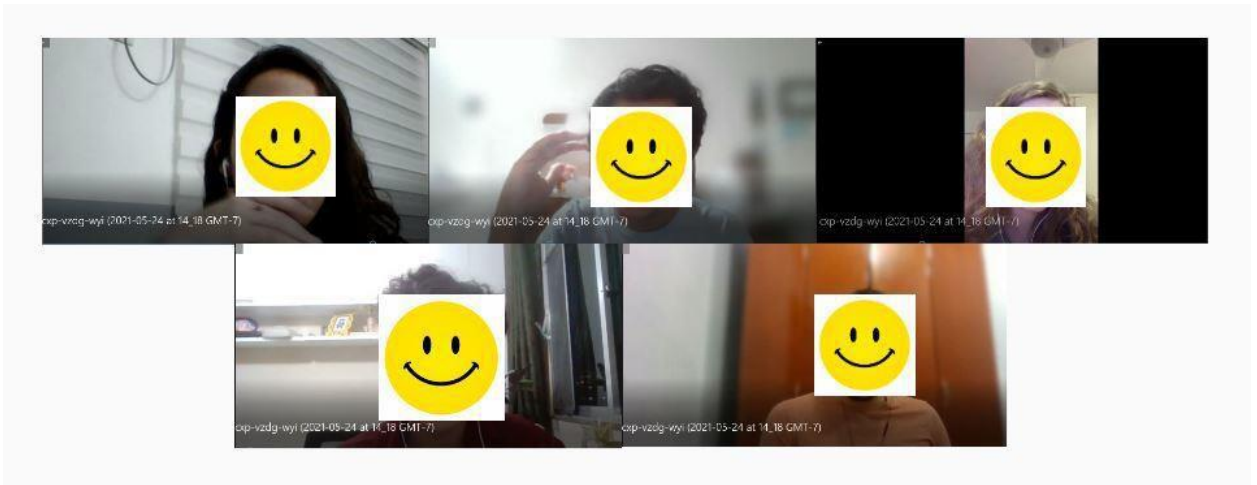


Figura 1 - Grupo Focal realizado em maio de 2021, com estudantes de design

À época da entrevista do primeiro grupo focal, o presente trabalho estava ainda tomando forma, e portanto, as perguntas propostas aos participantes foram de cunho mais abrangente e exploratório, permitindo o desenvolvimento de uma entrevista semiestruturada, com margens flexíveis para adequação e improviso conforme o andamento da conversa. São exemplos de questões propostas a eles: “o que vocês acham que é trabalho?”; “qual seria o cenário ideal de trabalho pra você?”; e “você consegue equilibrar a divisão de horas entre trabalho e não-trabalho estando o tempo todo em casa (durante pandemia)?”²⁸.

Já na ocasião de realização do segundo grupo focal, dessa vez com os profissionais de diversas áreas, ainda que as perguntas tenham sido praticamente as mesmas propostas aos estudantes (com pequenas adaptações²⁹), as respostas dos participantes foram bem mais assertivas (no sentido de explorar melhor pontos específicos da temática). Por exemplo, diferente do grupo focal com os estudantes, este segundo grupo respondeu questões como “Vocês acham que o trabalho e a vida privada se tornaram a mesma coisa? Por que?” de maneira muito mais complexa, assumindo inclusive posições divergentes sobre este ponto, uns concordando a respeito da unificação trabalho-eu, outros discordando, na medida em que consideravam o trabalho como uma atividade com hora determinada para iniciar e terminar - discussão que proporcionou o compartilhamento de visões muito ricas e amplas sobre as relações entre trabalho e trabalhador.

²⁸ Para conferir o roteiro completo do grupo focal realizado com estudantes de design da UFRJ, consulte o anexo 1 ao final deste trabalho.

²⁹ Assim como para conferir o roteiro do grupo focal realizado com profissionais já formados, consulte o anexo 2.



Figura 2 - Grupo Focal com profissionais de diversas áreas, em agosto de 2021

Como as entrevistas foram construídas de maneira semi estruturada, foi possível manter uma certa flexibilidade no processo de investigação; espaço de manobra fundamental para que pudéssemos adequar ou inserir novos questionamentos durante as entrevistas, caso fosse necessário. Ter esse planejamento em mãos facilitou a realização das ações posteriores aos grupos, colaborando para a manutenção do que foi chamado por Bonsiepe (2015) de “conduta sistemática”.

A consciência de que procedimentos específicos devem ser seguidos está ligada à conduta sistemática. Conduta sistemática e conduta metódica são sinônimos. O método se manifesta na seleção e organização deliberada de sub-ações. Ainda assim, deve possuir características de plano e ser aplicável a mais de uma ocasião. Essa interpretação objetivada método é rigorosa de mais para o design e para outras disciplinas aplicadas. É certo que acudir ao pensamento reflexivo pode dar frutos, mas somente quando lhe é atribuída uma função reguladora/orientadora, e não determinante. [...] É aconselhável manter essa posição crítica frente a métodos em geral, e aos de design em particular. (BONSIEPE, 2015, p. 89)

Considerando a ressalva indicada acima por Bonsiepe (idem), iniciei o planejamento de ações subsequentes aos grupos focais, mas não rígidas demais a ponto de perder aplicabilidade, conforme sugerido pelo autor. Assim, tomando o conceito de “wicked problems” e a proposta visual das projeções, montei um diagrama que facilitasse a visualização das questões relacionadas ao tema.

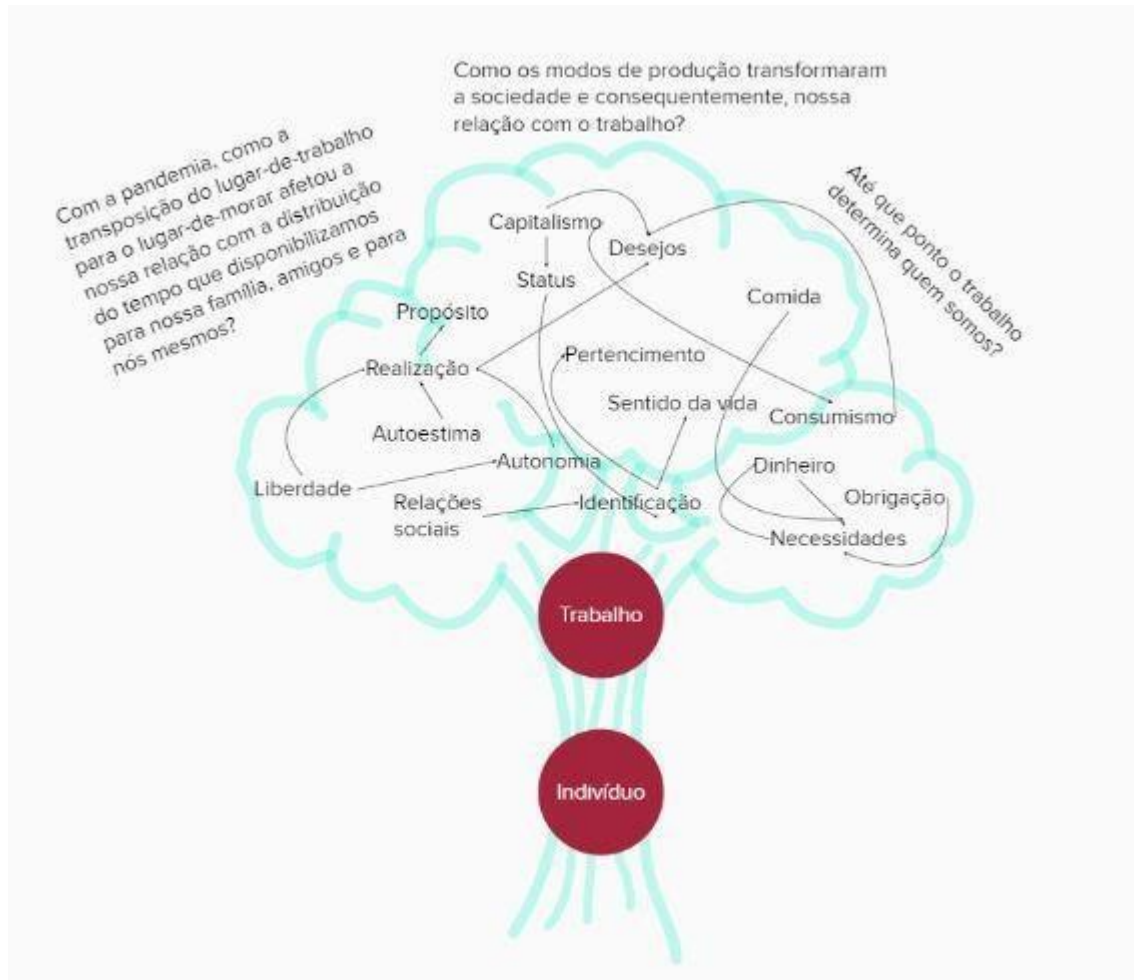


Figura 3 - Diagrama árvore³⁰

A partir dessa visão, a presente pesquisa poderia ser então estruturada com o tema geral, “trabalho”, figurando no topo da árvore e, se abrindo em variadas ramificações para formar os “galhos”, teríamos as camadas de complexidade que levaram os questionamentos deste projeto a serem interpretados e analisados como “wicked problems”, visto que, conforme mencionado no item 1.2 do capítulo 1, os “wicked problems” dizem respeito a situações que não podem ser completamente resolvidas porque estão sempre conectadas a outros problemas que vão surgindo ao longo do caminho (MELO, 2019).

Além disso, Como resultado da análise das informações obtidas com a realização dos dois grupos focais, percebemos a validação dos questionamentos propostos

³⁰ “O processo de dividir um problema pode ser representado visualmente na forma de um gráfico, ou, mais especificamente, de uma ‘árvore’ composta de elementos (variáveis) e linhas que os conectam (relações específicas entre variáveis). No topo da copa da árvore está o problema de maneira indiferenciada. [...] Em essência, a forma está contida na árvore, portanto, deve ser decifrada e convertida em objeto.” (BONSIEPE, 2015, p. 92)

por este projeto, que dão conta da simbiose entre trabalho e indivíduo de uma maneira que torna a separação de ambos uma tarefa muito difícil, senão impossível, de realizar.

Comentários como “*A gente fica com medo né, de não atender uma demanda e perder o trabalho*” (empreendedora graduada em Design Gráfico); “*O cliente vai me mandar mensagem às dez horas da noite? Vai, mas eu não posso deixar de atender porque a experiência dele está ligada ao meu trabalho*” (turismóloga, nômade digital); e “*Hoje eu estou em todos os trabalhos que eu faço, todos eles estão ligados à minha essência. Se eu não sentir esse vínculo, eu não faço*” (empreendedora graduada em Design Gráfico) reforçaram o entendimento de que, de fato, há uma predominância de aspectos relativos ao trabalho em relação a outros âmbitos da nossa individualidade, concentrando nessa esfera o ponto central a partir de onde toda a vida se organiza.

Baseada nos aprendizados coletados durante os grupos focais, para complementar e facilitar a absorção do impacto visual pretendido com a produção das imagens que seriam projetadas, elaborei 10 perguntas temáticas relacionadas à dualidade da relação entre o trabalho e os indivíduos que o realizam. São elas:

1. De quantos empregos você precisa hoje pra ficar sem trabalhar depois?
2. Se o salário é o mínimo, como o trabalho pode ser o máximo?
3. Você consegue falar de si mesmo sem falar do seu emprego?
4. O seu trabalho é um super-poder ou uma super-carga?
5. A hora extra no seu emprego te dá hora extra de vida?
6. O que sobra da sua vida quando acaba o trabalho?
7. Dá pra faltar no trabalho se o escritório é dentro de casa?
8. Morar no escritório ou trabalhar de casa?
9. Se a gente mora no escritório, pra onde a gente vai quando sai do trabalho?
10. Que horas você volta pra casa do home office?

Com este material em mãos, o próximo passo seria estruturar a composição visual para representar cada uma das provocações, de maneira a ressaltar o caráter multifacetado de cada pergunta.

Naming e identidade visual

Paralelamente, também iniciei o processo de construção da identidade visual do projeto, usando como ponto de partida um grupo de palavras-chave para inspirar a nomeação dele, quais sejam, termos como “wicked problems”, “pessoas”, “conexão”, “trabalho” e tempo”.

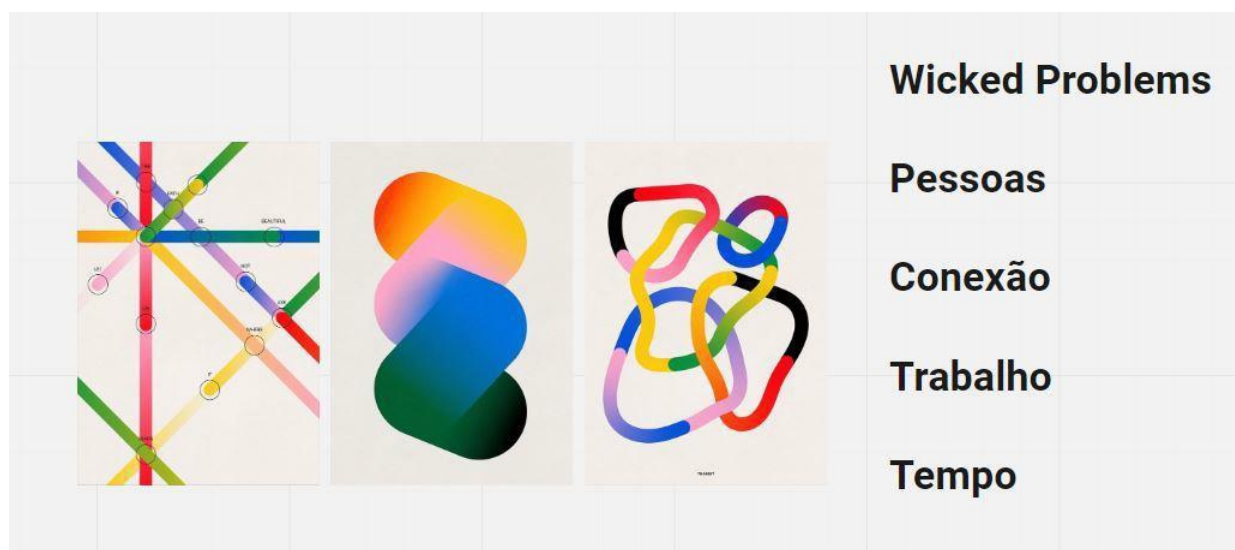


Figura 4 - Palavras-chave e imagens inspiração para o nome do projeto

Essas palavras, combinadas com imagens representando a conexão entre diferentes camadas, percursos inter cruzados e simbiose entre formas – não sabendo onde começa uma e termina a outra –, conduziram ao resultado de nomear o projeto como “24/7” (lê-se “vinte e quatro por sete”), indicando o estado dos trabalhadores que, conforme demonstrado na pesquisa, parecem estar conectados e a postos vinte e quatro horas, sete dias por semana³¹.

Para dar forma a este conceito, propomos o uso dos números como logo, porém encaixados de uma forma tal que pareçam sempre conectados (nesse caso, pela barra que os une e separa ao mesmo tempo) ou inseridos um no espaço do outro. Com esta etapa encaminhada, e a primeira cor – vermelho – já escolhida, a próxima ação foi realizar

³¹ A expressão “24/7” é bastante utilizada na língua inglesa para indicar um serviço ou local que funcione ininterruptamente durante a semana. Nos últimos meses, a expressão ganhou força e se popularizou; tomou-se parte das conversas diárias entre trabalhadores, e até mesmo título de livros, como “24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono”, de autoria de Jonathan Crary. Ainda que bastante conhecida, a expressão se mostrou como a metáfora ideal para representar a temática deste projeto, e por isso decidimos chamá-lo a partir desta ideia.

alguns testes para ver como seriam compostas as projeções de cada frase- temática.



Figura 5 - Logo proposta para o projeto

3.3 - Projeções

De acordo com Moherdaui (2020), as projeções podem ser classificadas como um dos formatos integrantes da media architecture (arquitetura de mídia), proposta surgida em meados dos anos 1980, e que pode ser entendida como a “representação dinâmica de texto, imagem ou vídeo, dentro ou fora de uma fachada” (HAEUSLER, 2009 apud MOHERDAUI, 2020); e que, por sua vez, é dividida em cinco categorias: mecânica, eletrônica, projeção, iluminante e display. (MOHERDAUI, 2020)

A autora ressalta, entretanto que a experimentação de técnicas de projeção não é uma prática recente: surgiu no século XVIII, tendo como pioneiro dessa técnica o mágico e ilusionista Étienne-Gaspard Robert, que usava uma combinação de lanterna sobre trilhos e fumaça para criar experiências de ilusão de ótica durante seus shows (MOHERDAUI, 2020).

Já adentrando o contexto dos espaços urbanos, território deste projeto, as primeiras projeções deste tipo são datadas dos anos 2000 (MOHERDAUI, 2020). Em 2021, com a chegada da pandemia de Covid-19 e subsequentes restrições de mobilidade e contato social o uso de projeções como mídia se tornou uma ferramenta importante para transformar a cidade num espaço vivo de diálogo e reflexão³² - graças também ao fato dos equipamentos necessários para realizar essa espécie de intervenção visual já serem mais acessíveis.

³² Cidades viram ‘telas em branco’ para projeções em protestos sobre a pandemia e contra o governo (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/cidades-viram-telas-em-branco-para-projecoes-em-protestos-sobre-a-pandemia-e-contra-o-governo.shtml>)

Como as projeções não são instaladas e sim exibidas (MOHERDAUI, 2020), podemos considerar também que o ato de projetar em prédios e muros das cidades criou uma nova interface para intervenções temporárias no cenário urbano, compreendendo a ideia de interface como

o espaço no qual se estrutura a interação entre corpo, ferramenta (objeto ou signo) e objetivo da ação. É exatamente esse o domínio central do design. A interface revela o caráter de ferramenta dos objetos e o conteúdo comunicativo das informações. A interface transforma objetos em produtos. A interface transforma sinais em informação interpretável. (BONSIEPE, 2015, p. 111)

Assim, além de pensar nas propostas de imagens para elaborar a série de projeções pretendidas por esta pesquisa, também foi necessário utilizar as frases temáticas (já mencionadas anteriormente) como elementos textuais para reforçar a mensagem contida nas composições. Essa decisão foi tomada baseada no fato de que toda interpretação é realizada individualmente de maneira única e independente, a partir das linguagens conhecidas e do repertório específico de cada um (CARDOSO, 2013).

Por isso, ainda que não seja possível garantir qual será a interpretação que o espectador fará das projeções, entendemos como pertinente a inclusão dos elementos textuais para “completar” a imagem e facilitar o acesso à decodificação dos elementos apresentados.

O ser humano pensa sempre por meio das linguagens que tem à disposição, e estas são codificadas pelo acúmulo de atividade antecedente naquele domínio. É impossível articular pensamentos fora do domínio de uma linguagem. (CARDOSO, 2013, p. 83)

Com isso em mente, para iniciar a produção das imagens que seriam projetadas, retomei as 10 frases temáticas baseadas nas informações coletadas a partir das entrevistas com os grupos focais. Destas, reformulamos algumas estruturas textuais e optamos por selecionar as seis que representavam melhor a dualidade indivíduo-trabalho por meio do jogo de palavras, já que a ideia era construir imagens metafóricas e incompatíveis com a realidade. As frases escolhidas foram:

1. Que horas você volta pra casa do home office?
2. O seu trabalho é um super-poder ou uma super-carga?
3. Se o salário é mínimo, como pode o trabalho ser máximo? (na projeção, adaptada para "*salário mínimo trabalho máximo*")
4. Quem é você sem o seu trabalho?
5. Morar no escritório ou trabalhar em casa?
6. Hora extra de trabalho é hora extra de vida?

<p>Que horas você volta pra casa do home office?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Casa (espaço ocupado o tempo todo) • Relógio (dita o ritmo da vida) • Tempo (é o mesmo pra todos mas diferente pra cada um) • Fixo (sempre dentro do mesmo círculo) • Imóvel (parece que não passa) • Looping (sempre se repete) 	<p>O seu trabalho é um super-poder ou uma super-carga?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Carregar as responsabilidades • Pesado emocionalmente e fisicamente • Soterrado de tarefas e emoções • Uma pessoa sobrecarregada • Pedras representam a carga física • Boletos representam a carga emocional • Esforço pra carregar tudo na caixa 'vida' 	<p>Quem é você sem seu trabalho?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reflexo • Uniforme • Dívida • Vazio • Espelhos
<p>Hora extra no trabalho vira hora extra na vida fora dele?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Celular • Parque • Envelhecer • Nascer do sol / por do sol • Relógio da vida com horas negativas (cronometro) • Banco de horas 	<p>Se o salário é mínimo, como o trabalho é máximo?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oceano de demandas • Uma pessoa se equilibrando num pé só • Pessoa se equilibrando numa moeda de um real, e alguma coisa pendurada nas mãos • Uma onda gigante ou um precipício (nas costas da pessoa todas as responsabilidades que dependem do salário) 	<p>Morar no escritório ou trabalhar em casa?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sofá • Computador portátil • Crianças / pets • Conforto • Roupa de trabalho • Ambiente de casa

Figura 7 - Quadro com universo visual imaginado para cada frase

O passo seguinte foi reunir imagens que pudessem ser utilizadas dentro das ideias sugeridas como visualização de cada frase. Em paralelo à essa busca, foram escolhidas também as tipografias que seriam usadas nas montagens, quais sejam: a fonte Anton para os títulos principais, uma fonte robusta, sem serifa, com peso elevado e legibilidade alta; e a família tipográfica Rajdhani como fonte de apoio, especialmente para utilização nas postagens destinadas ao Instagram, conforme será descrito. Ambas as fontes são gratuitas, disponibilizadas pelo site Google Fonts³⁴.

Após esta etapa, testei algumas variações de cores que pudessem compor a identidade visual do projeto. Por se tratar de um material que seria projetado apenas em paredes ou muros lisos – sem texturas ou janelas, por exemplo –, optei por cores luminosas e intensas que funcionassem dentro do sistema RGB já que as projeções foram pensadas para utilização digital.

facilitada, em particular, pela relativamente nova idéia de collage, a colagem de elementos impressos ou fotográficos formando um conjunto." (OUTHWAITE e BOTTOMORE, 1996, 773/774)

³⁴ Consultar <https://fonts.google.com/>



Figura 8 - - Paleta de cores do projeto, construída no site <https://coolors.co/>



Figura 9 - Teste de projeção na parede de casa; para fazer uma exibição em ambiente externo seria necessário um projetor com muito mais potência do que o utilizado durante a captura desta imagem.

Assim, reunindo algumas inspirações a partir do *moodboard*, os elementos visuais listados nos quadros de cada frase, e mais a paleta de cores pensada pra o projeto, chegamos às propostas de projeção para cada um dos seis enunciados utilizando elementos visuais de fácil identificação. Porém, ainda que de fácil compreensão visual, combinados com os elementos textuais as composições ganham profundidade de discurso e podem desencadear uma variedade de interpretações muito além do previsto - o que, particularmente, é um dos aspectos mais ricos de propor esta forma de intervenção. As projeções criadas para cada frase são³⁵:

FRASE 01 – “Que horas você voltar pra casa do home office?”

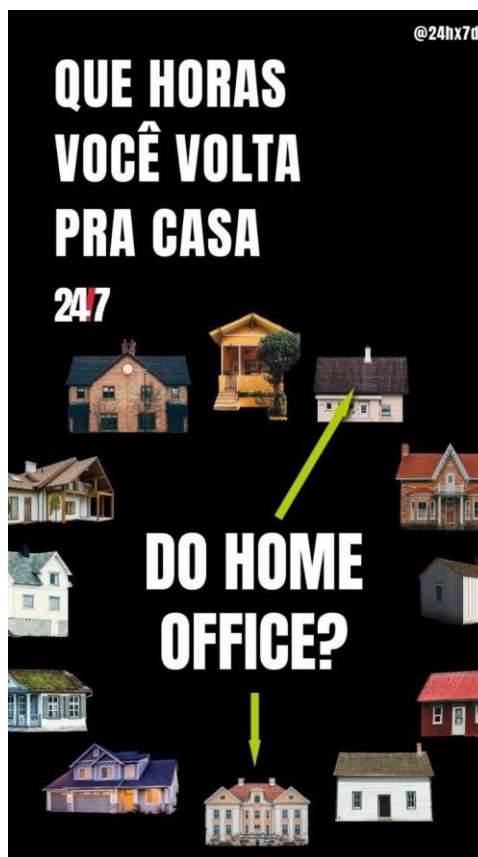


Figura 10 - Frase 01 "Que horas você volta pra casa do do home office?"

³⁵ Todas as frases têm versões horizontais e verticais de suas projeções; a seguir serão mostradas apenas uma versão de cada. Para a série completa de cada frase, consultar o Anexo 3, no fim deste trabalho.

FRASE 02 – “O seu trabalho é um super poder ou uma super carga?”

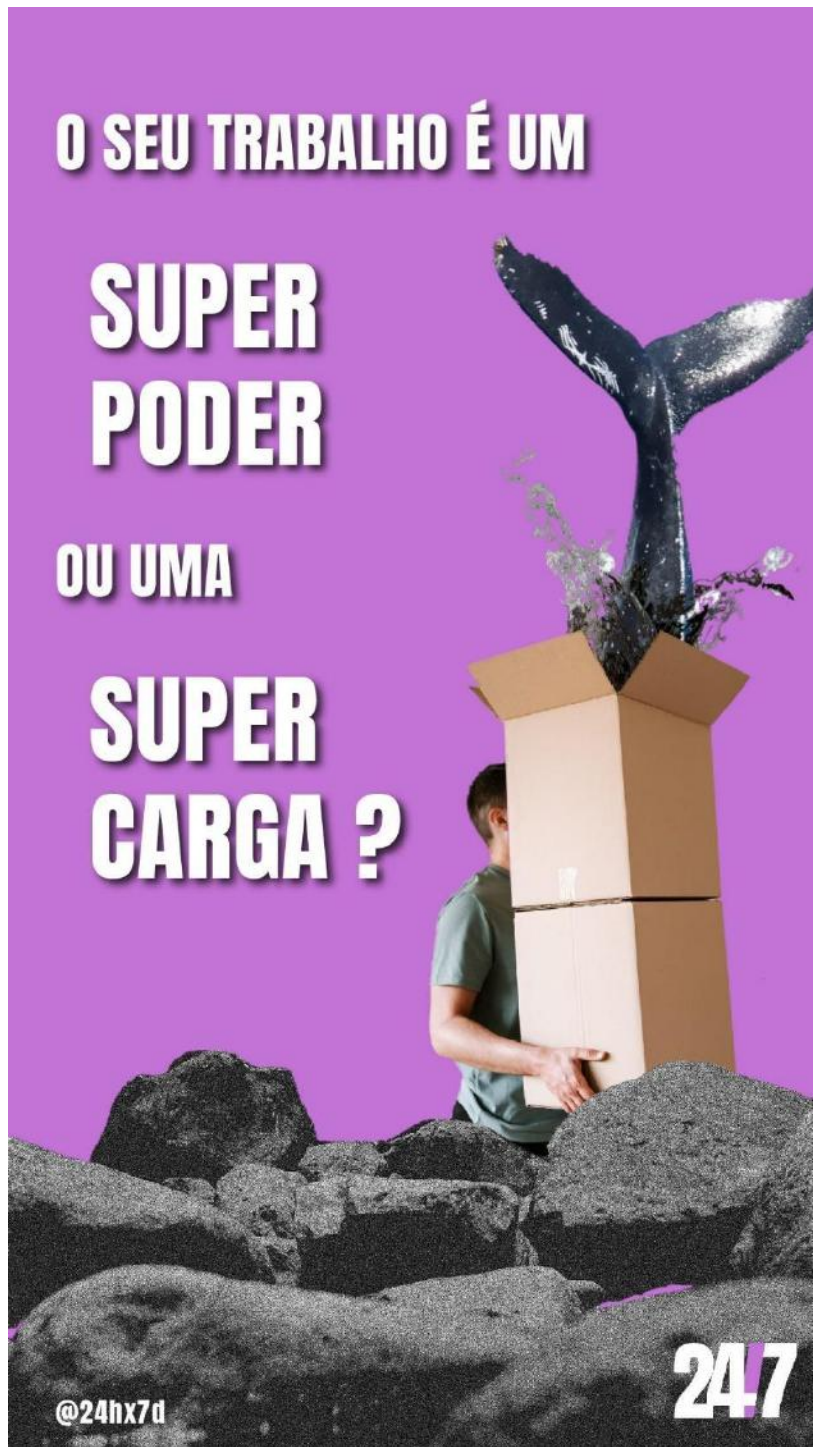


Figura 11 - Segunda composição proposta como projeção

FRASE 03 – “Salário mínimo trabalho máximo”³⁶

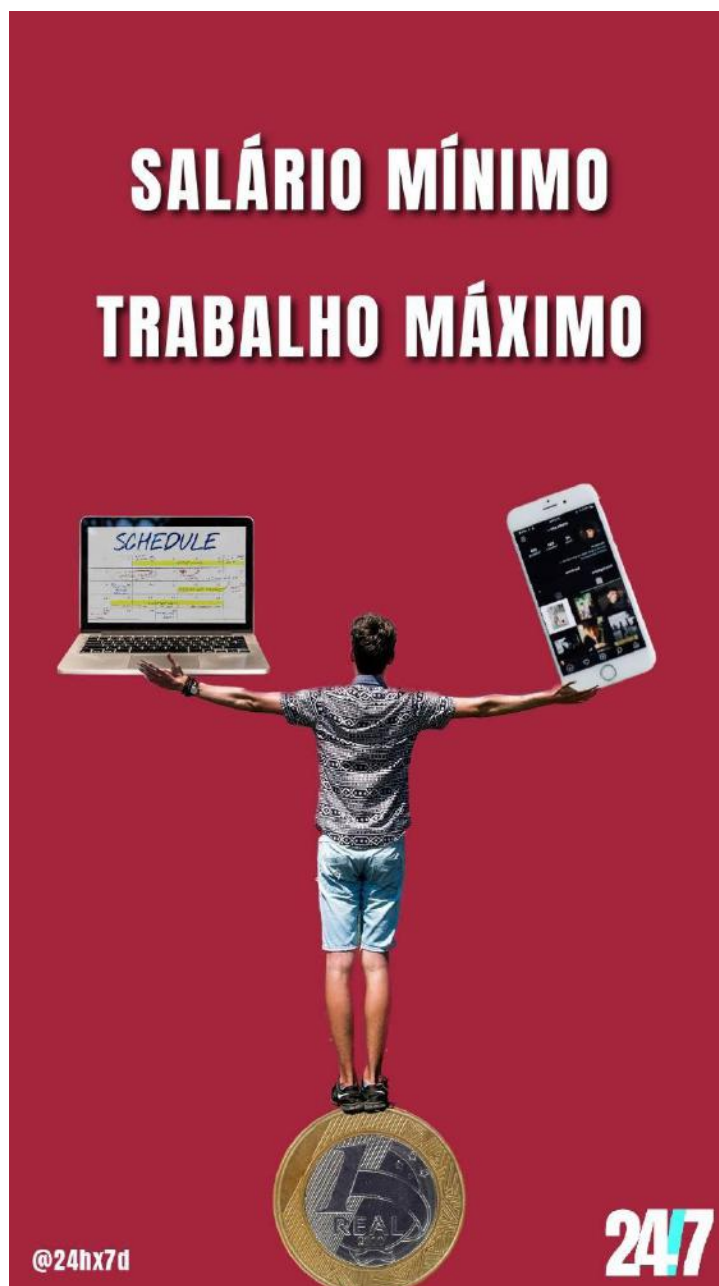


Figura 12 - Terceira frase temática

³⁶ Conforme indicado no item anterior, esta frase foi adaptada para a projeção.

FRASE 04 – “Quem é você sem o seu trabalho?”³⁷

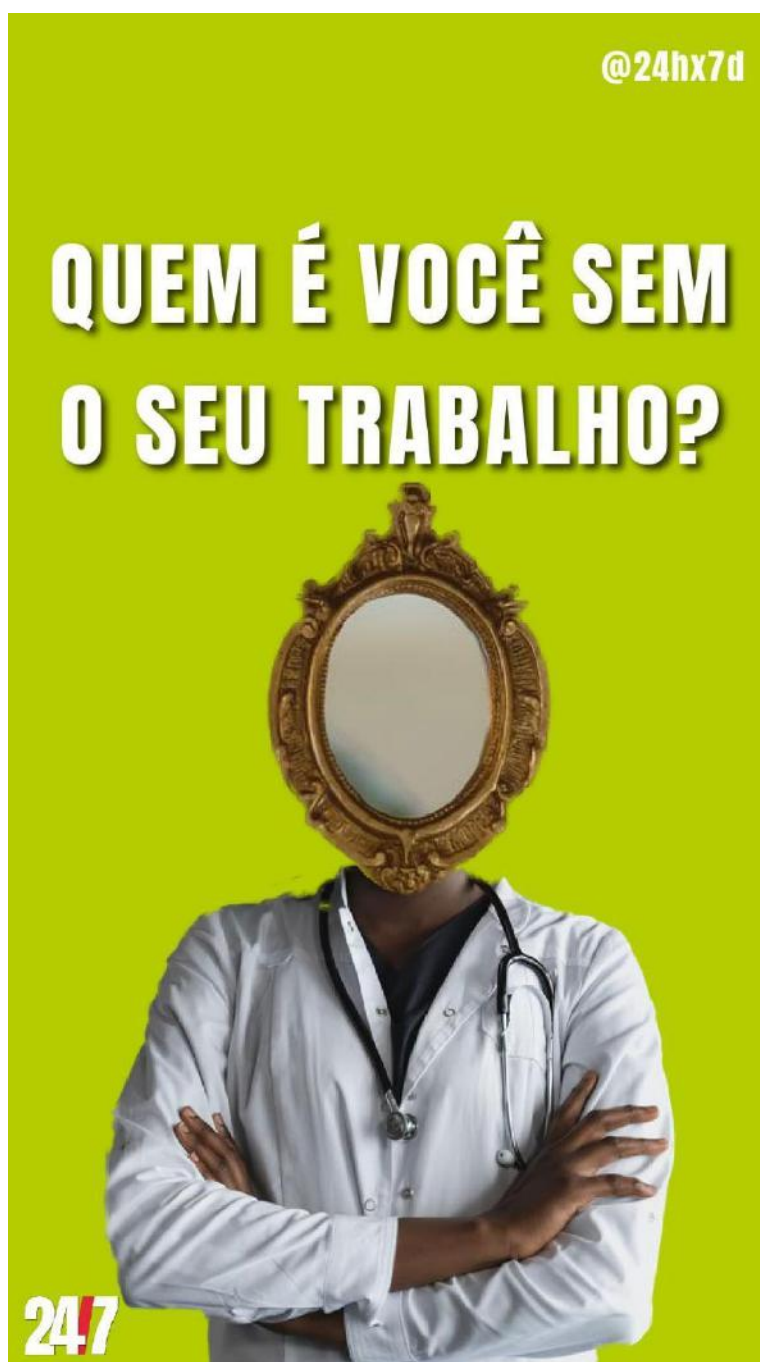


Figura 13 - Quarta frase proposta

³⁷ Esta frase apresenta uma variação de “personagens”, para tentar dar conta de várias profissões que podem ser impactadas pela pergunta-provocação.

FRASE 05 – “Morar no escritório ou trabalhar em casa?”

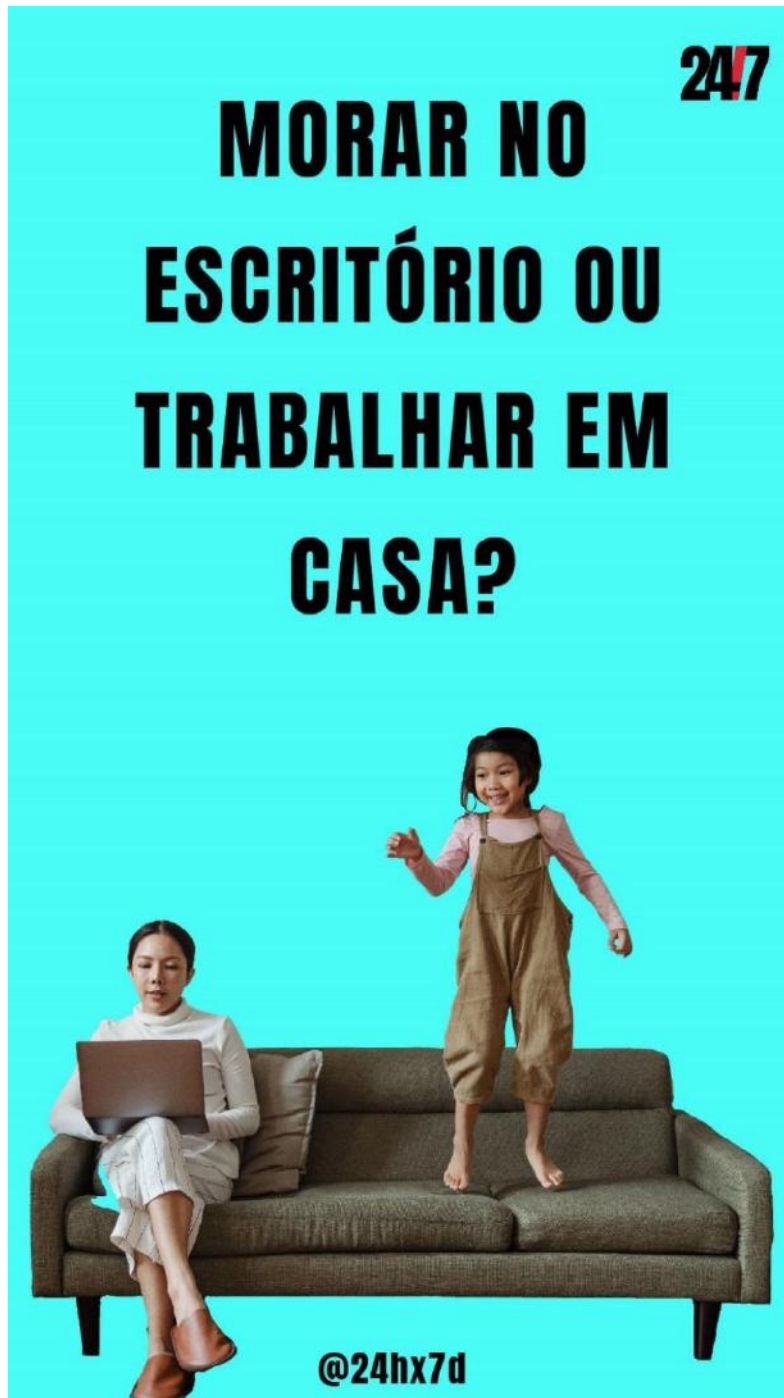


Figura 14 - Quinta frase

FRASE 06 – “Hora extra no trabalho é hora extra na vida?”

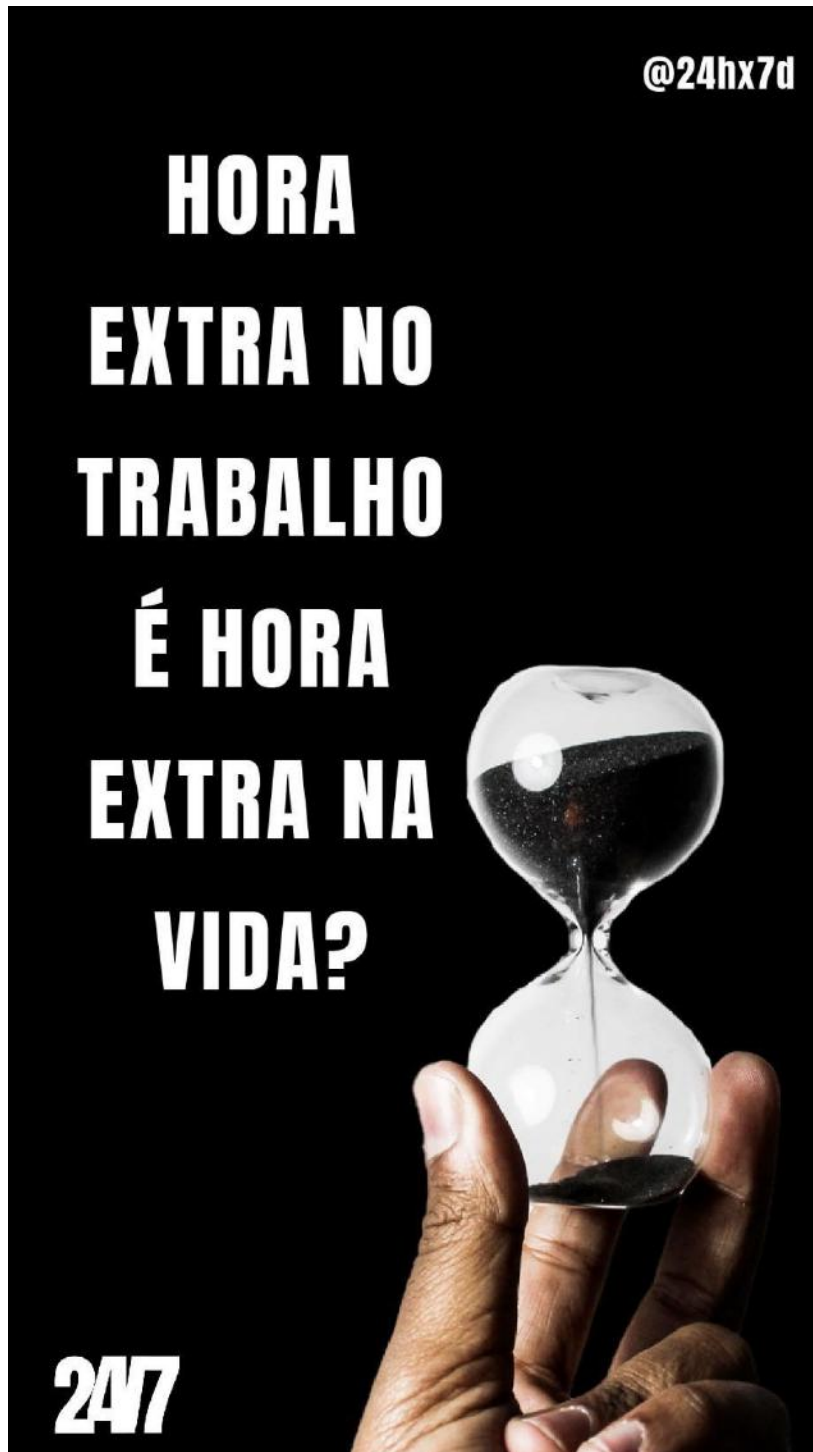


Figura 15 - Sexta frase proposta como projeção

3.4 - O Uso do Instagram

Por se tratarem de exibições e não instalações, conforme explicado anteriormente, uma vez que as projeções desenvolvidas neste projeto fossem exibidas, deixariam de existir no mesmo momento em que o projetor fosse desligado – afetando o tempo de vida útil das reflexões propostas, e diminuindo a probabilidade de mais pessoas terem acesso a este material.

Projeções urbanas são atos por sua própria natureza efêmeros, feitos para durar num tempo delimitado [...]. Não são necessariamente pensadas para virarem arquivos, ou como forma de registro de algum acontecimento. As projeções são o próprio acontecimento. (FALCI, 2021)

Por isso, tornou-se necessário pensar uma forma de estender um pouco mais a permanência das projeções, do contrário seria complicado demonstrar aqui como esta proposta se deu. Foi escolhido então o Instagram como forma não apenas de registro das imagens, mas também como repositório do material produzido e replicador do uso das projeções por outras pessoas – quando e se houverem –, pois consideramos que, “se as projeções são, por sua natureza, efêmeras, a plataforma Instagram confere a essas memórias uma perenidade inusitada.” (FALCI, 2021)

Foi criado então o perfil @24hx7d (“vinte e quatro horas por sete dias”) também com o objetivo de, mais do que apenas publicar as projeções, utilizar aquele espaço para oferecer o conteúdo levantado por este projeto de uma maneira mais acessível. Por meio desse espaço de diálogo, seria possível dispor de uma interface dinâmica de troca, de aprendizado, de debate; para promover a reflexão, então, faz-se necessário disponibilizar conteúdos que fomentem esse interesse e que também possam ser multiplicados.

Essa plataforma, mais do que manter vivos os registros do projeto, também materializa uma forma de “externalizar a memória e, muitas vezes, é a presença e o modo de registrar desses aparatos que irão se impor sobre determinados fatos, criando assim uma memória de acontecimentos” (FALCI, 2021). É o caso de outras iniciativas como, por exemplo, o coletivo *Projetemos*³⁸, autodenominado como “Rede nacional de projetionistas livres”, que durante a pandemia de Covid-19 expandiu o seu alcance e sua equipe, e atualmente realiza projeções em diversas cidades do Brasil.

No que concerne ao presente trabalho, a escolha desse tipo de visualidade não foi gratuita, e representa também

³⁸ <https://www.instagram.com/projetemos/>

o papel político [...] (da) plataforma e nas ações de projeção, principalmente relacionadas à pandemia, mas não só a esse tema. Além disso, é importante destacar o caráter estético do projeto, considerando novas formas de ocupar espaços públicos, as ruas e cidades vazias durante a pandemia. (FALCI, 2021)

Por fim, com base em três princípios de Design formulados por Bonsiepe (2015)³⁹, quais sejam: a orientação projetual em direção ao futuro; a relação do Design à inovação, já que “o ato projetual introduz algo novo no mundo”; e ainda, o fato do Design estar “ligado ao corpo e ao espaço, particularmente ao espaço retinal (visual), porém não se limitando a ele”; esperamos que a visualidade deste projeto possa repercutir para além do “espaço retinal”, e que possa se desdobrar em novas propostas - visuais ou não - complementadas por debates fecundos sobre o tema aqui tratado.

³⁹ BONSIPE, 2015, p. 113

4. Conclusão

Ao que tudo indica, já estamos caminhando para uma era em que a demanda por trabalho – da maneira que o conhecemos – será constantemente reduzida. A pandemia e suas imposições de mobilidade e adaptações digitais nos mostrou isso. Como nos lembra Oliveira (2000, p. 28), “a cada ciclo de utilização de fontes alternativas de energia, o trabalhador assistiu à criação de novas formas de trabalho e de vida.”

Entretanto, já existem registros de uma movimentação na contramão dessa corrida produtiva. Na China, por exemplo, temos um movimento conhecido como “*Tang ping*”⁴⁰, que reúne uma filosofia descrita como “não trabalhar muito, ficar satisfeito com objetivos alcançáveis e permitir-se um tempo para relaxar”.

Além disso, é cada vez maior a discussão relativa à reavaliação das horas diárias de trabalho que seriam adequadas para cada empresa, com base em princípios próprios de rendimento e produtividade. Essa questão, porém, segundo Rafael Grohmann (2021), envolveria também um reposicionamento financeiro; isso eleva a complexidade das discussões na medida em que seria necessário avaliar aspectos como critérios de remuneração, condições de trabalho e segurança. Seria importante que nesse cenário os trabalhadores pudessem se certificar, por exemplo, de que seu local de trabalho

reconhece a negociação coletiva com os trabalhadores, com associações, sindicatos, se apoia uma governança democrática com a voz do trabalhador inserida nos processos. Não é só uma questão de avaliar o que acontece, mas também de apontar princípios que achamos que rumam a uma economia digital mais justa. Por isso, esses princípios têm um quê normativo. Para onde queremos caminhar amanhã? (GROHMANN, 2021)

A provocação levantada por Grohmann, assim como as reflexões apresentadas neste projeto, seguirão sem respostas determinadas – pelo menos num futuro próximo –, mas manter ativo o debate sobre elas é fundamental para que consigamos nos desenvolver socialmente de maneira atenta, consciente e disposta a operar em prol das transformações que julgar necessárias.

Cortella (2016) nos lembra que Marx, em uma de suas obras, “sonhou que chegaríamos a uma tecnologia tal que o homem dividiria o dia de modo que fosse possível trabalhar apenas quatro horas.” O resto do dia seria distribuído entre lazer, família, amigos, hobbies, e demais atividades apreciadas por nós. Segundo Cortella

⁴⁰ 'Neijuan': a nova geração que se rebela contra trabalho excessivo por sucesso na China
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57609077>

(idem), esse sonho de Marx seria fruto de uma realidade tecnológica a partir da qual poderíamos compartilhar tarefas e assim, coletivamente reduzir o tempo que um indivíduo destina para o trabalho.

Do ponto de vista técnico, já chegamos a esse patamar, a humanidade poderia viver hoje com sobra de matéria e tempo do que já produzimos. A questão é que caminhamos para a concentração em vez da distribuição e, de modo realista, não temos uma partilha das tarefas. Enquanto algumas pessoas são sobrecarregadas, outras são liberadas. (CORTELLA, 2016, p. 23)

Como vimos neste trabalho, a sobrecarga mencionada acima por Cortella nada mais é do que fruto da relação desigual provocada pelo sistema capitalista de produção, que favorece a manutenção do acúmulo de quem já está nesse patamar, e torna mais difícil a ascensão de quem se encontra nas camadas sociais classificadas como mais baixas. Sobre isso, Jappe (apud BESSA, 2021) faz o alerta de que “não existe um capitalismo ‘humano’ ou moderado, que a lógica do lucro inerente ao capital não comporta limitações éticas.” Em especial no que concerne ao Campo do Design, o autor também comenta que, enquanto estética da mercadoria, o Campo tem “se confundido com a própria essência do capitalismo, contribuindo para a mercantilização da vida e a reificação (coisificação) das relações humanas” (idem). Para ele, a única via possível para sairmos do estado provocado pelo capitalismo é a superação deste sistema.

Para encerrar este projeto, trazemos uma consideração de Bonsiepe (2015) para relacionar o tema aqui discutido com o Campo do Design, área na qual esta pesquisa se desenvolveu: “o futuro é o espaço do design: o passado já passou e, portanto, está excluído de atos projetuais. O design somente é possível em um estado de confiança e esperança. Onde domina a resignação não há design” (BONSIEPE, 2015, 113). Desta forma, esperamos que, enquanto designers e sobretudo, enquanto trabalhadores, possamos seguir trabalhando com esperança mesmo diante de cenários que poderiam nos levar a agir de outra forma.

5. Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANTUNES, Ricardo. **O novo proletariado da era digital**. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aJMuvpqwuBc&list=RDCMUCzwfw0utuEVxc4D6ggXcqiQ&index=2>

_____. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. (org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

_____. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2020.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARRUDA, Amilton J. V. **Design & Complexidade [livro eletrônico]**. São Paulo: Blucher, 2017.

BESSA, Rafael. **Design radical: por um design consciente do mundo em que está inserido**. In: Revista Recorte. Disponível em: <https://revistarecorte.com.br/artigos/design-radical-por-um-design-consciente-do-mundo-em-que-esta-inserido/>

BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONSIEPE, Gui. **Do material ao digital**. São Paulo: Blucher, 2015.

_____. **Design, cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

_____. **Design como prática de projeto**. São Paulo: Blucher, 2012.

BUCHANAN, Richard. **Wicked Problems in Design Thinking**. In: Design Issues, vol. 8, n. 2, The MIT Press, 1992, pp. 5-21.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Editora UNESP, São Paulo: 2017.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Blucher, 2008.

CARVALHAL, André. **Como salvar o futuro: ações para o presente**. 1ª Ed. São Paulo: Paralela, 2021.

CONTINO, Joana Martins. **Design, ideologia e relações de trabalho: uma investigação**

sobre a indústria da moda no capitalismo tardio. *Tese de Doutorado.* Orientador: Alberto Cipiniuk. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2019.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Por que fazemos o que fazemos? Aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização.** São Paulo: Planeta, 2016.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihalyi. **Flow: a psicologia do alto desempenho e da felicidade.** Tradução: Cassio Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

DUNKER, Christian. **CÓRTEX - Vida pública, vias privadas e a erosão da intimidade. Um passeio com Christian Dunker.** Canal Estúdio Fluxo. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aIAF8bEhrK0>

ELEGANT, Naomi Xu. **2 employee deaths and a viral video renew debate of China's '996' overwork culture.** In: Fortune Magazine, 2021. Disponível em: <https://fortune.com/2021/01/11/pinduoduo-employee-death-suicide-china-996/>

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Tradução: Leandro Konder. 5ª Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.

FALCI, Carlos. **Imagens da memória: a pandemia nas projeções urbanas.** In: Revista Rumores, vol. 15, núm. 29, janeiro-junho 2021.

FORTY, Adrian. **Objetos de Desejo: Design e Sociedade desde 1750.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GAGLIONI, Cesar. **Como o trabalho se tornou uma nova religião, segundo este autor.** In: Nexo Jornal, 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/09/14/Como-o-trabalho-se-tornou-uma-nova-religi%C3%A3o-segundo-este-autor>

GRAEBER, David; WEISSMAN, Suzi. **A ascensão dos empregos de merda.** In: Jacobin Brasil, 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/09/a-ascensao-dos-empregos-de-merda/>

GRESPLAN, Jorge. **Fetichismo: como o capital se representa?.** Canal TV Boitempo, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=vyMa3cCobMo&list=RDCMUCzfw0utuEVxc4D6g_gXcqiQ&index=1

_____. **Marx: uma introdução.** São Paulo: Boitempo, 2021.

GROHMANN, Rafael. **Pesquisador da "plataformização" lista princípios dos "trabalhos decentes" e projeta futuro da área.** In: GZH (Gazeta Zero Hora), Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/ycfsvfhr>

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.

HEINRICH, Fabiana Oliveira. **Crítica da experiência como mercadoria no Campo do Design**. *Tese de Doutorado*. Orientador: Alberto Cipiniuk. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2018

_____. **Design: crítica à noção de metodologia de projeto**. *Dissertação de Mestrado*. Orientador: Alberto Cipiniuk. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2013.

HISKEY, Daven. **Why a typical work day is eight hours long**. 2011. *Disponível em:* <http://www.todayifoundout.com/index.php/2011/05/why-a-typical-work-day-is-eight-hours-long/>

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LUPTON, Ellen; MILLER, J. Abbott. **Design escrita pesquisa: a escrita no design gráfico**. Tradução: Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MANZINI, Ezio. **Design quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017.

_____. **Design, uma estratégia de articulação pelo bem comum**. *In:* SANTOS, João Vitor. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 2018. *Disponível em:* <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7332-design-uma-estrategia-de-articulacao-pelo-bem-comum>

MATIAS, Iraldo Alberto Alves. **Projeto e Revolução: do fetichismo à gestão, uma crítica à teoria do design**. *Tese de Doutorado*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

MAZZUCATO, Mariana. **O valor de tudo: produção e apropriação na economia global**. Tradução: Camilo Adorno, Odorico Leal. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2020.

MELO, Aline. **[UX] Como Abordar Wicked Problems**. Agosto, 2019. *Disponível em:* <https://medium.com/@alinemelo/ux-como-abordar-wicked-problems-15ba98553783>

MOHERDAUI, Luciana. **Telas urbanas: do néon às projeções efêmeras**. *In:* Galáxia (São Paulo), núm. 45, set-dez 2020, pp. 179 – 193.

MORAES, Dijon de. **Metaprojeto: o design do design**. São Paulo: Blucher, 2010.

MORGAN, Kate. **Should you be grateful for a job?**. *In:* BBC Worklife, 2021. *Disponível em:* <https://www.bbc.com/worklife/article/20210329-should-you-be-grateful-for-a-job>

_____. **Why we define ourselves by our jobs?**. *In:* BBC Worklife, 2021. *Disponível em:* <https://www.bbc.com/worklife/article/20210409-why-we-define-ourselves-by-our-jobs>

MUNARI, Bruno. **Design e Comunicação Visual: contribuição para uma metodologia didática**. Tradução: Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, João Cândido de. **Do tripalium ao trabalho**. In: LIMA, Dalva Aparecida (Org.). Educação, segurança e saúde do trabalhador. São Paulo: Social Democracia Sindical, 2000.

SANSÃO, Adriana. **Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea**. In: Arquiteturarevista, vol. 8, núm. 1, 2012, pp. 31-48. São Leopoldo, Brasil.

SANTANA, Crisley. **O que é o 996, regime de trabalho proibido pela Justiça chinesa**. In: Nexo Jornal, Setembro, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/09/11/O-que-%C3%A9-o-996-regime-de-trabalho-proibido-pela-Justi%C3%A7a-chinesa>

SOUZA, Eduardo. **Isso não é uma autonomia**. In: Revista Recorte, 2021. Disponível em: <https://revistarecorte.com.br/artigos/isso-nao-e-uma-autonomia/>

STANDING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa**. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

VASCONCELOS, Yuri. **A origem dos 15 sobrenomes brasileiros mais populares**. In: Revista Superinteressante, Setembro 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/a-origem-dos-15-sobrenomes-brasileiros-mais-populares/>

WANG, Fan; WANG, Yitsing. **'Neijuan': a nova geração que se rebela contra trabalho excessivo por sucesso na China**. In: BBC Brazil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57609077>

WIDRICH, Leonard. **The Origin of the 8 Hour Work Day and Why We Should Rethink It**. In: Huffpost. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/the-origin-of-the-8-hour- b_4524488

6. Anexos

Anexo 1

Roteiro de entrevista para Grupo Focal com estudantes de Design

Grupo Focal Design & Trabalho Encontro em 24/05/2021 - 18h às 21h

Objetivos Macro:

- Coletar outras perspectivas sobre o tema para validar/ampliar/delimitar as indicações já levantadas teoricamente
- Definir um recorte de pesquisa para desenvolver a proposta de projeto sobre o tema Design & Trabalho

Objetivos Micro:

- Verificar se a discussão do tema faz sentido entre os estudantes
- Listar hipóteses de pesquisa possíveis a partir dos argumentos trazidos pelos participantes do grupo
- Entender a dinâmica trabalho-estudo-lazer dos entrevistados
- Comparar situações pré e durante pandemia (quem começou a trabalhar antes e quem começou durante)
- Identificar os impactos da digitalização na rotina de trabalho e estudos dos entrevistados
- Traçar um panorama entre a relação com o trabalho/aulas online e o cenário emocional que se configurou a partir do início da pandemia

[APRESENTAÇÃO]

Oi gente, boa noite!

Bom, como vocês já sabem, eu sou a Ingrid, tô na reta final da graduação em CVD e este grupo focal faz parte da pesquisa que estou desenvolvendo, que falará sobre Design & Trabalho.

A prof^a Raquel está me orientando nessa jornada, e uma das conclusões a que chegamos foi que um questionário pra gerar dados quantitativos não faria sentido para o tema que estou explorando aqui... Daí surgiu a ideia de fazer esse grupo hoje com vocês, uma espécie de pesquisa chamada qualitativa, digamos assim, pra que eu consiga ter dados válidos e um pouco mais aprofundados do que simplesmente passar uma lista de perguntas por aí. Então muito obrigada por toparem participar dessa reunião!

Pra quem nunca participou de um, funciona mais ou menos assim: eu tenho algumas perguntas aqui, e vou passando por elas dirigida ao grupo todo; vocês vão respondendo livremente, não tem ordem correta, um pode complementar o outro, e etc. Como se fosse uma discussão em grupo mesmo sabe? Podem ficar bem tranquilos em relação a isso! As perguntas são mais pra motivar o nosso debate do que pra obrigar vocês a responderem um de cada vez... Mas é importante que vocês participem, interajam e falem tudo que vocês quiserem! Não tem comentário desnecessário ou inválido, o espaço aqui é de diálogo mesmo. Meu trabalho principal vai ser mediar esse papo e também controlar o tempo né, pra gente não passar muito da hora!

Dito isto, queria saber se alguém tem alguma dúvida antes de começarmos. Se não, vou começar a gravar aqui e podemos iniciar o nosso papo.

0. Warm-Up - 5 min

Pra começar, eu gostaria que cada um fizesse uma apresentação rapidinha sobre si, contando de que curso vem, há quanto tempo estagia/trabalha e cidade onde mora. Vou começar e aí depois escolho o próximo.

1. Falar sobre trabalho: onde eu começo? - 15 min

- a. Bom, eu queria saber um pouco sobre o que vocês acham que é trabalho, como vocês entendem esse termo?
- b. E as primeiras experiências de vocês no estágio ou trabalho, como foram? Quais eram as expectativas?
- c. E diante desse histórico, isso mudou a forma como vocês entendiam o que era trabalho? Por que?

2. Mudanças na pandemia: principais alterações na rotina - 15 min

- a. Pré-pandemia: as atividades eram presenciais, tinha horário fixo, etc?
- b. Durante a pandemia: como foi o processo de entrada no estágio/emprego?
- c. Como as atividades de trabalho estão relacionadas à sua rotina, como elas são ligadas?
- d. Como é a sua relação com a equipe de trabalho? Ou você trabalha sozinho?
- e. E o que vocês veem de positivo e não tão positivo nessas relações de trabalho?
- f. Você diria que trabalha mais em casa ou no escritório (para os pré pandemia)?
- g. Você consegue equilibrar a divisão de horas entre trabalho e não-trabalho estando o tempo todo em casa (para os durante pandemia)?
- h. Outro dia no Twitter li um comentário mais ou menos assim: “não estamos mais de home-office, na verdade nós estamos morando no nosso local de trabalho”. Vocês concordam? Por que?

3. Mudanças na pandemia: principais alterações de humor/disposição - 15 min

- a. Aquela pergunta clássica: como foi o início da pandemia pra você, lá em março de 2020, lembra da sensação da época?
- b. Como foi a adaptação da rotina (de estudos e trabalho)?
- c. Você se sente mais ou menos disposto a fazer as atividades diárias? Por que?
- d. Hoje já temos quase um ano e meio nesse cenário, o que mudou nesse período, da sensação do início da pandemia pra agora?
- e. Vocês acham que o trabalho e a vida privada se tornaram a mesma coisa? Por que?

4. Fechamento de ciclo

Pra encerrar, queria que vocês listassem os pontos positivos e negativos dessa realidade que discutimos aqui, de trabalhar em casa, ou de trabalhar de maneira híbrida, quais pontos vocês destacaram como bons e ruins?

ENCERRAMENTO - 5 min

Anexo 2

Roteiro de entrevista para Grupo Focal com trabalhadores (de diversas áreas)

Grupo Focal Design & Trabalho Encontro em 04/08/2021 - 18h às 21h

Objetivos Macro:

Coletar perspectivas de profissionais atuantes no mercado sobre o tema para validar/ampliar/delimitar as indicações já levantadas teoricamente

Validar a proposta de investigação do tema, voltada para a relação entre trabalho, identidade (individualidade) e o contexto da pandemia

Objetivos Micro:

Verificar se a discussão do tema faz sentido entre os participantes

Entender a dinâmica momento de trabalho- momento de não-trabalho dos entrevistados

Comparar situações pré e durante pandemia

Identificar os impactos da digitalização na rotina de trabalho

Traçar um panorama entre a relação com o trabalho e o cenário emocional que se configurou a partir do início da pandemia

[APRESENTAÇÃO]

Oi gente, boa noite!

Bom, como vocês já sabem, eu sou a Ingrid, tô na reta final da graduação em CVD e este grupo focal faz parte da pesquisa que estou desenvolvendo, que falará sobre Design & Trabalho.

A prof^a Raquel está me orientando nessa jornada, e uma das conclusões a que chegamos foi que um questionário pra gerar dados quantitativos não faria sentido para o tema que estou explorando aqui... Daí surgiu a ideia de fazer esse grupo hoje com vocês, uma espécie de pesquisa chamada qualitativa, digamos assim, pra que eu consiga ter dados válidos e um pouco mais aprofundados do que simplesmente passar uma lista de perguntas por aí. Então muito obrigada por toparem participar dessa reunião!

Pra quem nunca participou de um, funciona mais ou menos assim: eu tenho algumas perguntas aqui, e vou passando por elas dirigida ao grupo todo; vocês vão respondendo livremente, não tem ordem correta, um pode complementar o outro, e etc. Como se fosse uma discussão em grupo mesmo sabe? Podem ficar bem tranquilos em relação a isso! As perguntas são mais pra motivar o nosso debate do que pra obrigar vocês a responderem um de cada vez... Mas é importante que vocês participem, interajam e falem tudo que vocês quiserem! Não tem comentário desnecessário ou inválido, o espaço aqui é de diálogo mesmo. Meu trabalho principal vai ser mediar esse papo e também controlar o tempo né, pra gente não passar muito da hora!

Dito isto, queria saber se alguém tem alguma dúvida antes de começarmos. Se não, vou começar a gravar aqui e podemos iniciar o nosso papo.

0. Warm-Up - 5 min

Pra começar, eu gostaria que cada um fizesse uma apresentação rapidinha sobre si, contando a sua profissão e a cidade onde mora. Vou começar e aí depois escolho o

próximo.

1. Falar sobre trabalho: onde eu começo? - 15 min

- a. Bom, eu queria saber um pouco sobre o que vocês acham que é trabalho, como vocês entendem esse termo?
- b. Hoje, qual seria o cenário ideal de trabalho pra você?

2. Mudanças na pandemia: principais alterações na rotina - 15 min

- a. Pré-pandemia: as atividades eram presenciais, tinha horário fixo, etc?
- b. Durante a pandemia: como foi o processo de mudança?
- c. Como as atividades de trabalho estão relacionadas à sua rotina, como elas são ligadas?
- d. Como é a sua relação com a equipe de trabalho? Ou você trabalha sozinho?
- e. Você diria que trabalha mais em casa ou quando ia para o escritório?
- f. Você consegue equilibrar a divisão de horas entre trabalho e não-trabalho estando o tempo todo em casa?
- g. Outro dia no Twitter li um comentário mais ou menos assim: “não estamos mais de home-office, na verdade nós estamos morando no nosso local de trabalho”. Vocês concordam? Por que?

3. Mudanças na pandemia: principais alterações de humor/disposição - 15 min

- a. Aquela pergunta clássica: como foi o início da pandemia pra você, lá em março de 2020, lembra da sensação da época?
- b. Como foi a adaptação da rotina?
- c. Vocês acham que o trabalho e a vida privada se tornaram a mesma coisa? Por que?

4. Fechamento de ciclo

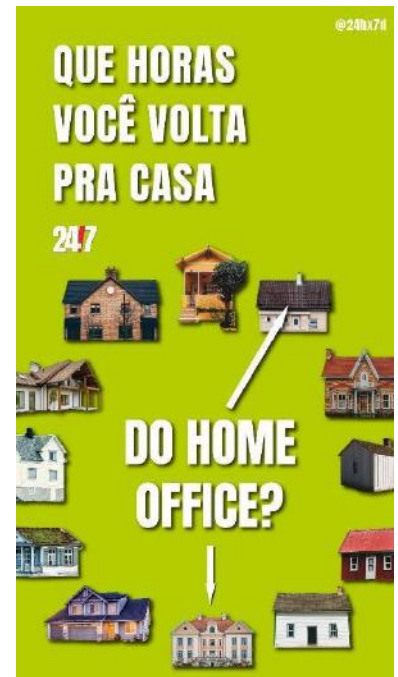
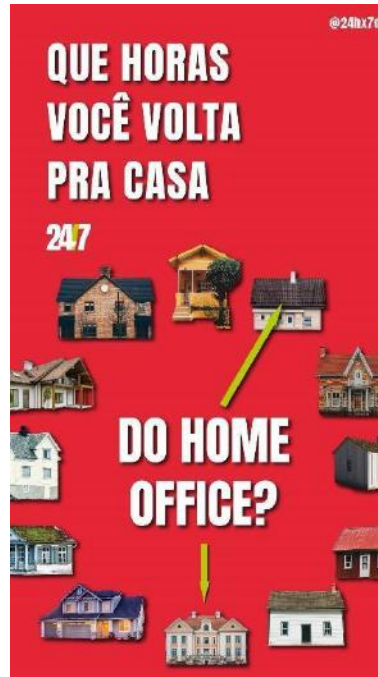
Pra encerrar, queria que vocês listassem os pontos positivos e negativos dessa realidade que discutimos aqui, de trabalhar em casa, ou de trabalhar de maneira híbrida, quais pontos vocês destacaram como bons e ruins?

ENCERRAMENTO - 5 min

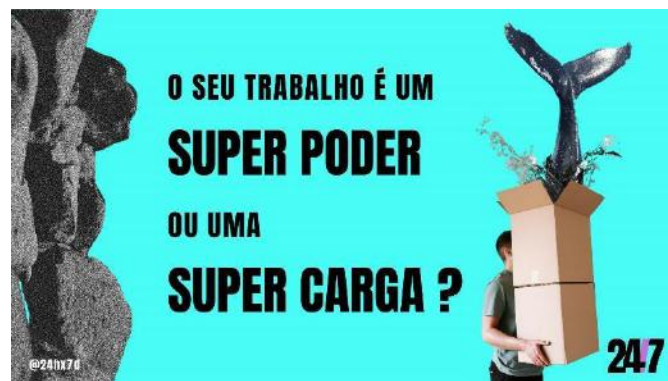
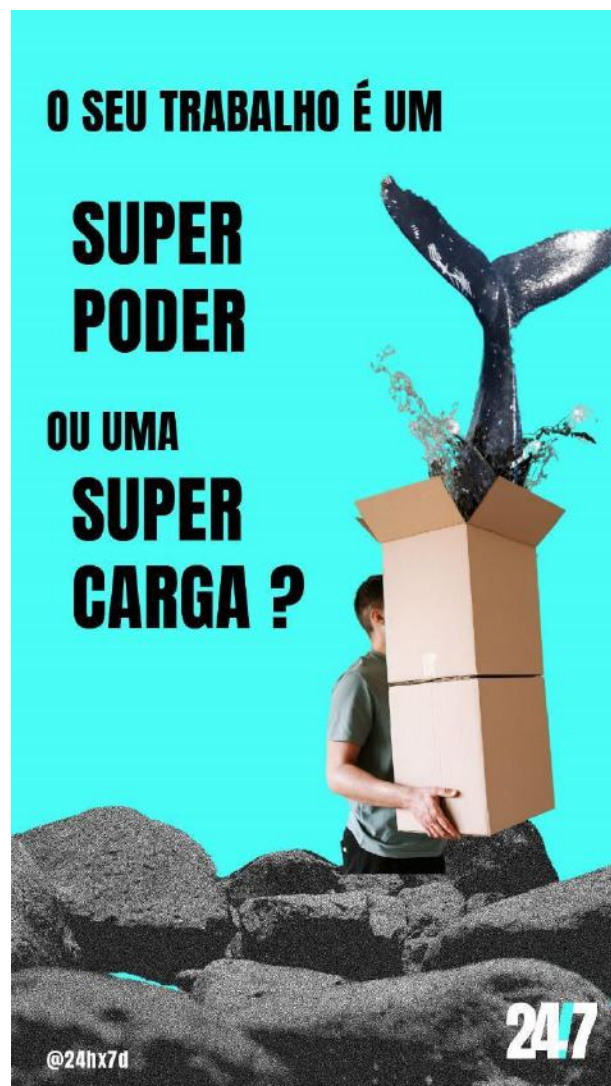
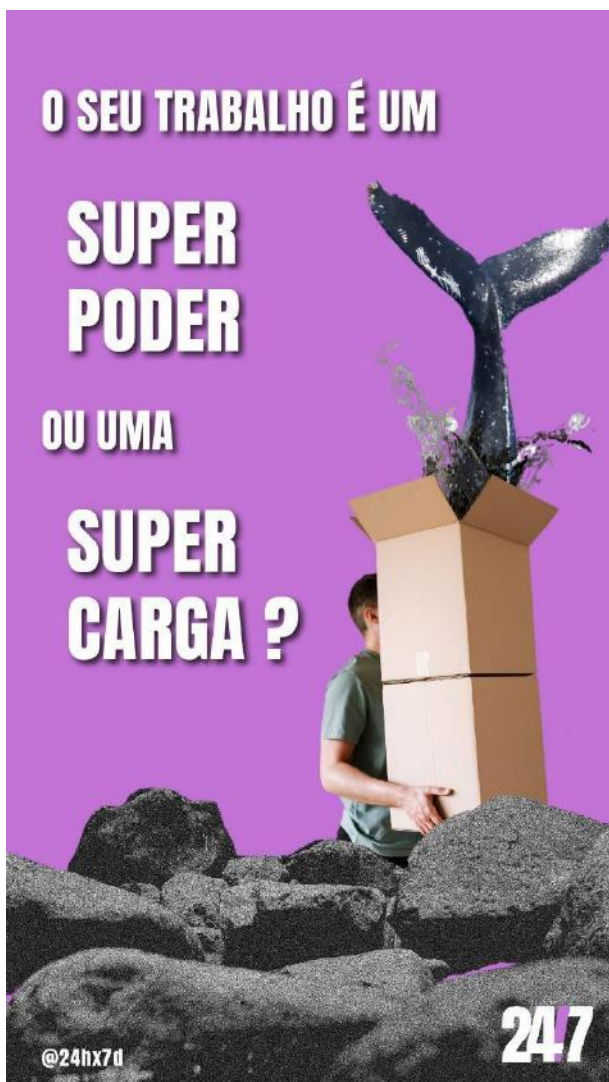
Anexo 3

Frases temáticas (todas as versões)

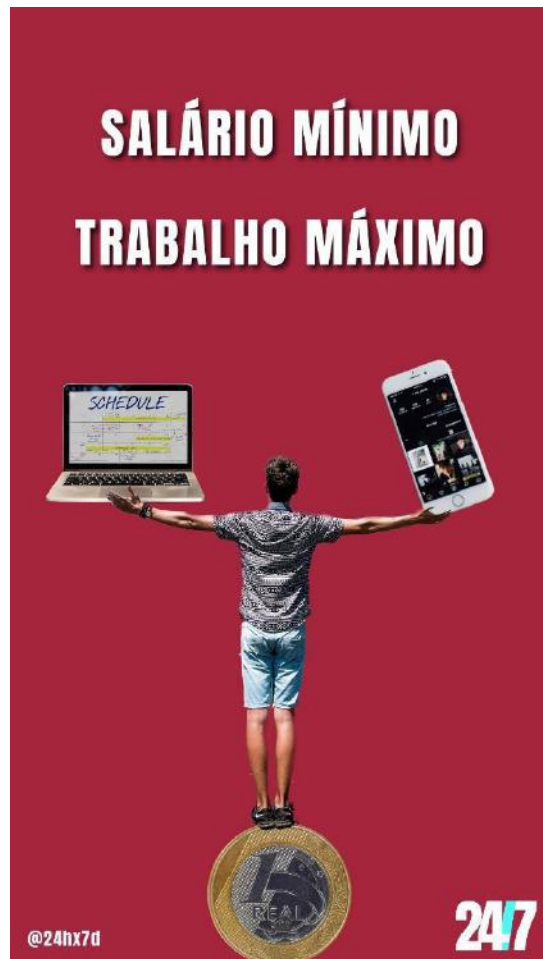
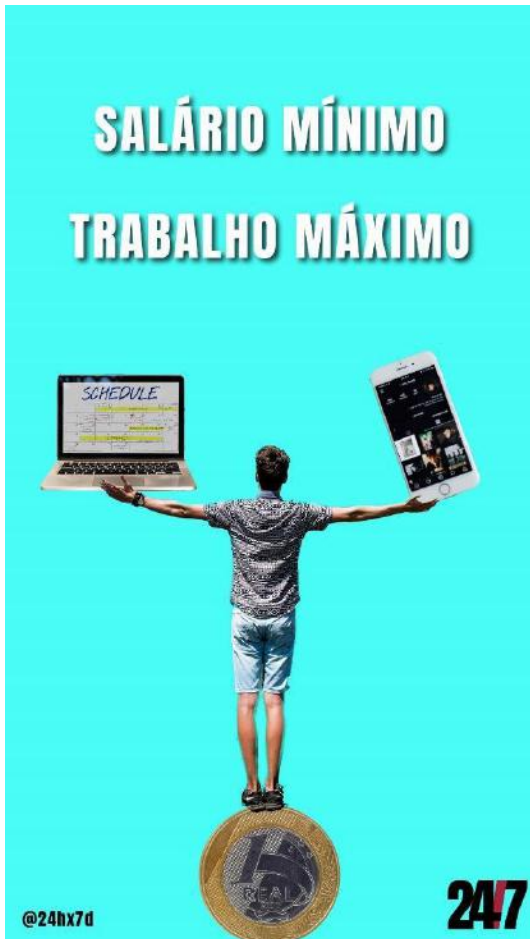
Frase 01 – Que horas você volta pra casa do home office?



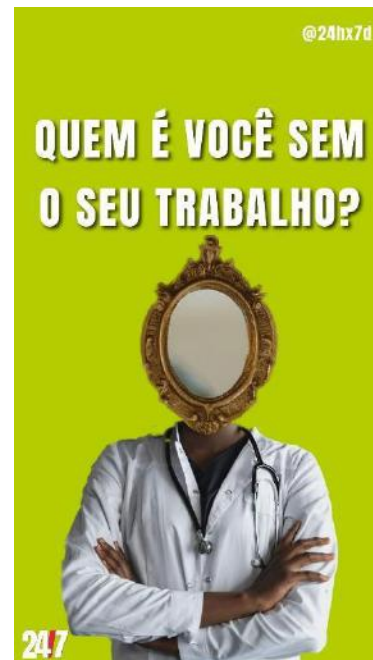
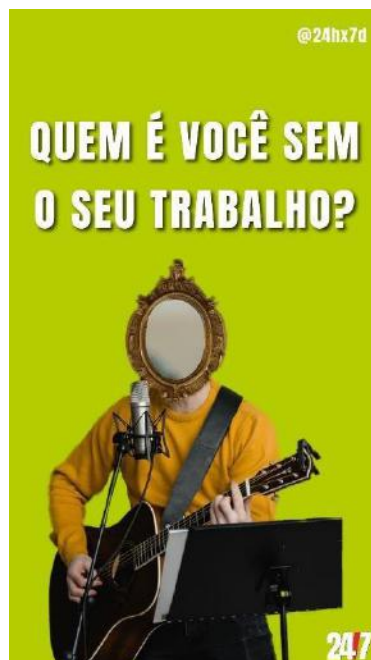
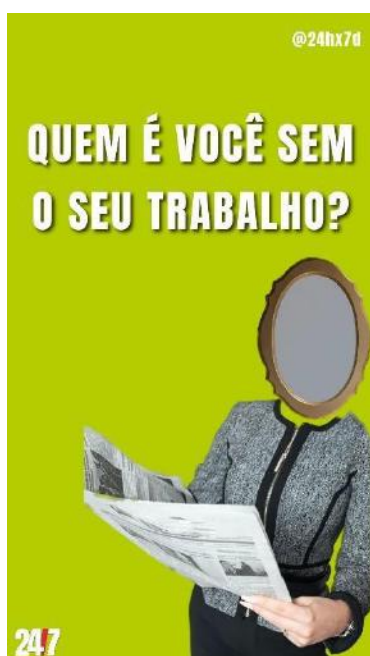
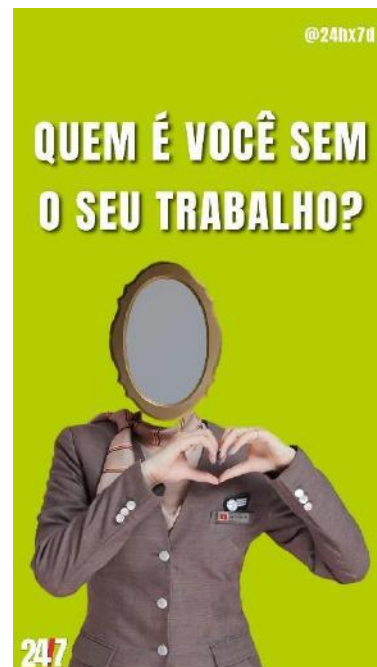
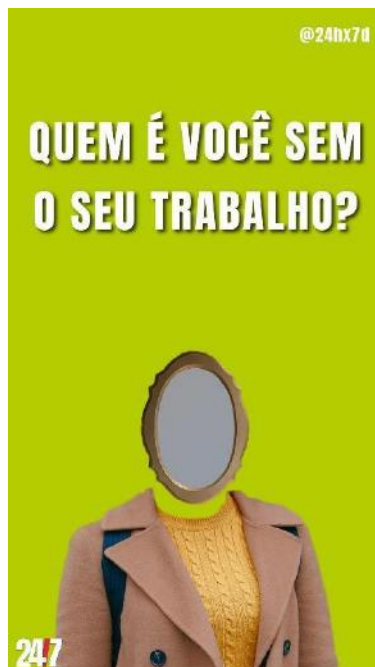
Frase 02 – O seu trabalho é um super poder ou uma super carga?

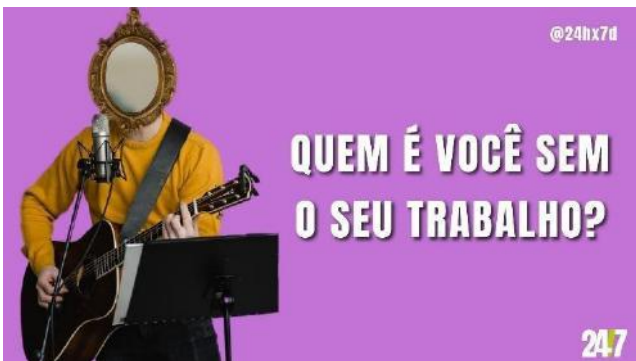
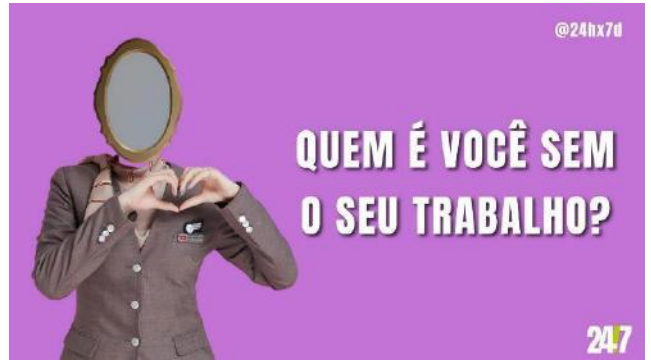


Frase 03 – Salário mínimo trabalho máximo

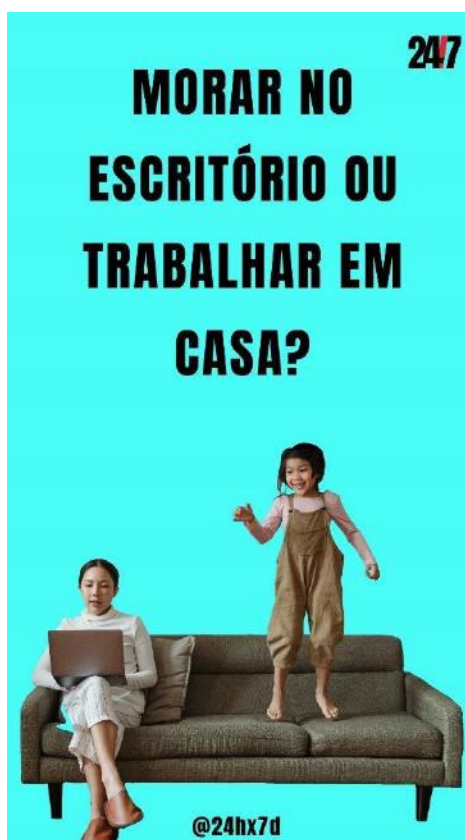


Frase 04 – Quem é você sem o seu trabalho?





Frase 05 – Morar no escritório ou trabalhar em casa?



Frase 06 – Hora extra no trabalho é hora extra na vida?

